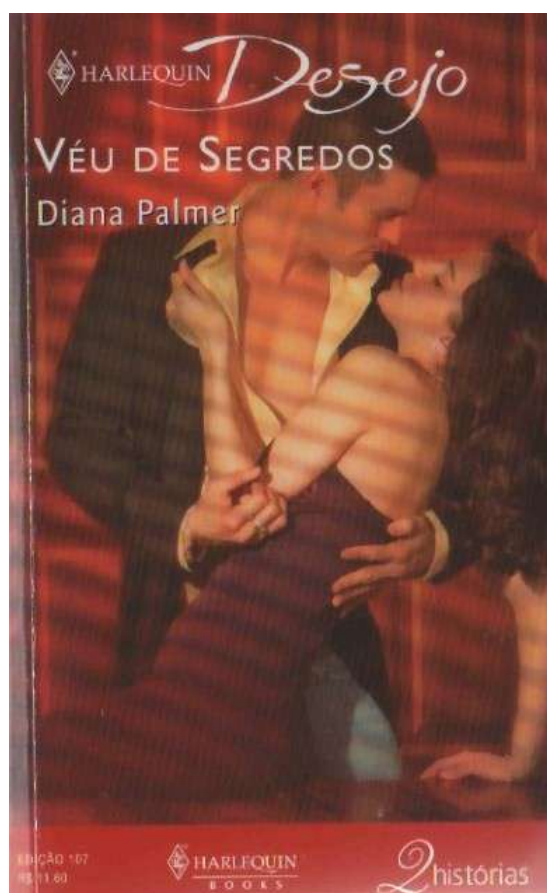


A Paciente

(The Patient Nurse)

Diana Palmer



Ramon é o último homem de quem Noreen aceitaria ajuda, mas ela estava doente. Como médico, era dever de Ramon buscar a cura de seus pacientes. Como homem, ele tinha de encontrar um meio de cuidar do coração da mulher que assombrava seus sonhos. Seria ele capaz de sanar as dores da alma de Noreen?

*Digitalização: Tinna
Revisão: Bruna Cardoso*





PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V.S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE PATIENT NURSE

Copyright © 1997 by Diana Palmer

Originalmente publicado em 1997 por Silhouette Desire

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABREU'8 SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11)2148-3500 www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornal e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora SA

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11)2195-31862195-31852195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Tradução: Mane Olivier

CAPÍTULO UM

ELE ouviu os comentários divertidos murmurados ao descer o corredor em direção ao centro de cardiologia do St. Mary's Hospital e foi difícil não sorrir. Acabara de ser entrevistado aquela manhã num programa de televisão sobre seus hábitos na sala de cirurgia. O repórter havia mencionado que o Dr. Ramon Cortero gostava de ouvir o grupo de rock "Desperado" durante as cirurgias cardiovasculares pelas quais era conhecido mundialmente. As enfermeiras e técnicos do centro de cardiologia onde trabalhava brincaram a respeito daquilo o dia inteiro. Eram uma equipe da qual ele próprio fazia parte e, portanto, não se ofendeu com a gozação. Na verdade, alguns deles também eram fãs do grupo do estado de Wyoming.

Os olhos negros sobressaíam no rosto moreno, bonito e magro enquanto passava em seu uniforme verde, procurando a mulher de um paciente em quem acabara de substituir uma válvula cardíaca em mau funcionamento.

Ela não estava na sala de espera do segundo andar. A enfermeira do centro, inadvertidamente, pedira que aguardasse na sala de espera do lobby principal e, quando ele ligara para lá, a mulher de meia-idade desaparecera. O marido milagrosamente sobrevivera, graças à habilidade de Ramon e algumas orações. Fora trazido com uma válvula perfurada agravada pela pneumonia. Tinha boas notícias para a mulher, se a encontrasse.

As portas do elevador se abriram e, quando ele se virou, lá estava ela, rodeada pelo filho adolescente, que usava um casaco preto comprido, vários membros da família do marido e uma das capelas do hospital, a seu lado praticamente desde o início daquilo tudo, 48 horas antes. Os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar sinalizavam um pedido desesperado.

Ramon sorriu, respondendo à pergunta que ela parecia recear fazer.

— A operação foi um sucesso — disse sem rodeios. — Ele tem um coração forte.

— Graças a Deus e ao senhor. Obrigada. — Apertou-lhe a mão.

— De nada — respondeu Ramon com um sorriso gentil. — Fico feliz por poder ajudar. — O cardiologista, um jovial afro-americano que estava ao lado do cirurgião, sorriu. Fora ele quem explicara à família o procedimento de cateterismo bem como a cirurgia para substituição da válvula, oferecendo conforto e uma dose de esperança. A mulher apertou-lhe a mão e abriu um largo sorriso, agradecendo a ele também.

O Dr. Ben Copeland deu de ombros.

— É para isso que estamos aqui — disse, retribuindo o sorriso. — Seu marido está na UTI no final do corredor. Há uma sala ao lado onde pode esperar até que o liguem

aos monitores. Então, poderá vê-lo. — Mais agradecimentos e lágrimas. Pediram a uma enfermeira que mostrasse à aliviada família o local de espera até receberem autorização para visitar o paciente.

— Às vezes — disse Ben —, assistimos a milagres. Não teria apostado um centavo na chance de recuperação do homem quando ele chegou.

— Nem eu. — assentiu Ramon com seriedade. — Mas, vez por outra, temos sorte. — Suspirou espreguiçando-se. — Eu podia dormir uma semana inteira, mas ainda estou de plantão. Você vai para casa, sortudo. — Ben sorriu.

Despediram-se com um aperto de mão. Ramon foi visitar dois outros pacientes operados que conseguira, com a ajuda de Deus, salvar do abismo. Tivera três cirurgias de emergência naquele que deveria ter sido um tranquilo domingo de plantão, estava tenso, dolorido e muito cansado, mas um cansaço gostoso. Parou na janela olhando com satisfação a enorme cruz iluminada na parede principal do hospital. As preces às vezes eram atendidas. As deles o haviam sido aquela noite.

Examinou os pacientes, aviou receitas, vestiu-se e foi ao hospital municipal O'keefe, do outro lado da rua, visitar três outros pacientes. Também precisava ir ao hospital universitário Emory, em Decatur, a caminho de casa, para visitar um paciente pronto: receber alta. Depois de cumpridas as obrigações, foi para casa. Sozinho.

O apartamento espaçoso não era a casa de um homem rico. Preferia a simplicidade, uma reminiscência da infância num subúrbio de Havana. Pegou um exemplar do livro *Cuentos*, de Pio Baroja, e deu um sorriso triste ao ver a dedicatória que conhecia de cor: "Para Ramon, de Isadora, com todo o meu amor." Ela era sua mulher, falecida havia apenas dois anos, de pneumonia. Morrera enquanto ele estava no exterior, realizando uma complicada cirurgia num diplomata muito importante. Morrera por negligência, pois a prima a deixara sozinha a noite toda e o líquido nos pulmões, combinado a uma febre altíssima, a matara.

Que ironia, pensou, não estar em casa na única vez em que, de fato, precisaram dele... Deixara Isadora com a prima mais nova, Noreen, uma enfermeira diplomada. Ele achou que poderia confiar nela, mas ela deixara Isadora e, ao voltar, sua esposa já se fora. Ainda culpava Noreen pela negligência. Ela tentara desesperadamente explicar-se, mas ele se recusara a ouvir. A culpa dela não estava evidente a todos? Até mesmo à tia e ao tio dela, que a culparam com tanta veemência quanto ele?

Repousou o livro, passando o dedo afetuosamente na capa. Baroja, um famoso espanhol do início do século XX, médico e escritor, seu autor favorito. Muitas das histórias desse livro narravam a vida do escritor num subúrbio de Madri, antes da descoberta dos antibióticos. Histórias de dor, tragédia, solidão e, acima de tudo, esperança. A esperança era sua marca registrada. Quando tudo mais falhava, havia ainda a fé num poder superior, a esperança por um milagre. Naquela noite, havia acontecido um deles, para aquela senhora cujo marido estava na UTI. Ramon estava contente, pois aquelas pessoas tinham um casamento feliz, amavam-se, assim como ele e Isadora. Pelo menos no início...

Suspirou e foi até a cozinha. Abriu a geladeira.

— Ai, ai, ai — ele murmurou para si mesmo enquanto olhava o que havia lá dentro.
— Você é um cirurgião mundialmente famoso, Sr. Cortero, e hoje à noite vai se banquetear com comida congelada: frango emborrachado e brócolis quase cru. Que decadência!

A campainha do telefone fez com que erguesse a cabeça e as sobrancelhas. Para todos os efeitos, estava de plantão até a meia-noite. Podia ser uma emergência. Ele atendeu

— Cortero — disse prontamente.

Um momento de silêncio.

— Ramon?

Sua expressão ficou séria. Conhecia tão bem a voz que duas simples sílabas bastavam para identificá-la.

— Sim, Noreen — disse com frieza — O que você quer? Uma breve hesitação, também familiar.

— Minha tia quer saber se você vai à festa de aniversário do meu tio.

Que forção de barra. Ela não era íntima dos tios. Nunca fora, mas o afastamento tornara-se mais perceptível depois da morte de Isadora.

— Quando é?

— Você sabe.

Ele suspirou, zangado.

— Se não estiver de plantão no próximo domingo, irei. — Mexeu num pedaço de papel sobre o vidro imaculado da mesinha de telefone. — Você vai? — perguntou em tom lúgubre.

— Não — respondeu sem demonstrar nenhuma emoção. — Levei o presente dele hoje. Eles viajaram e só voltam no final de semana, por isso me pediram para ligar. — Fez-se outra pausa. — Direi a minha tia que você vai. — E desligou.

Ele colocou o telefone no gancho e manteve a mão no aparelho frio como as profundezas de seu coração, onde Isadora vivia. Jamais conseguiria dissociar a morte da mulher de Noreen, que poderia ter-lhe salvado a vida se tivesse estado em casa. De certo modo, tinha consciência de que aquela raiva era irracional. Mas ele havia guardado o rancor, alimentando-o com ódio, atijando as chamas para afogar a dor de perder Isadora daquela maneira. Obrigara-se a esquecer que Noreen amava Isadora e sofrerá tanto quanto ele. Ele a odiava e não conseguia disfarçar. Odiar Noreen era seu consolo, seu alívio, sua segurança.

Necessário admitir que ela nunca o acusara de injustiça ou irracionalidade. Apenas ficara fora de seu caminho. Trabalhava no hospital O'keefe, bem em frente ao hospital St. Mary, onde ele realizava a maior parte de suas cirurgias. Era uma das duas enfermeiras que se alternavam nos plantões noturnos em uma ala emergencial. Por vezes, ele a tinha em sua unidade, mas mesmo lá a tratava como um estorvo. Embora dona de um diploma universitário em enfermagem, de talento e inteligência para se tornar médica, por algum motivo, nunca seguira a carreira. Também nunca se casara.

Tinha 25 anos, era madura e equilibrada, mas não havia nenhum homem em sua vida. Assim como não havia nenhuma mulher na de Ramon.

Voltou para a cozinha e preparou um bule de café. Precisava de poucas horas de sono e o trabalho era sua vida. O que teria feito ao perder Isadora se não tivesse a carreira?

Sorriu, lembrando-se com tristeza da beldade loura, dos olhos azuis tão vivos que sorriam com tanto afeto. Noreen tinha uma cópia mal-acabada dela, com cabelos louros escuros, olhos acinzentados e nada que chamasse a atenção. Isadora era linda, postura sofisticada e boas maneiras. A família era muito rica. Noreen não precisava trabalhar, pois era a única herdeira sobrevivente da fortuna dos Kensington. Mas, aparentemente, não tinha muito com que gastar dinheiro, pois se vestia mal, mesmo quando não estava trabalhando. Morava sozinha e nunca pediu aos tios um centavo de ajuda. Qual seria a resposta deles caso ela pedisse? Mas que tolice a dele perder tempo pensando nela!

Noreen tinha sido um mistério desde que ele conhecera Isadora seis anos antes. Isadora era extrovertida e sociável, sempre flertando, uma companhia divertida. Noreen, muito quieta, raramente se manifestava. Não tinha vida social. Estudiosa e reservada fazia estágio como enfermeira e sua profissão parecia ser a coisa mais importante de sua vida.

Ramon franziu o cenho. Estranho que uma mulher tão dedicada à profissão pudesse ter sido tão negligente com a própria prima. Noreen era tão responsável que costumava ter sua atenção chamada por questionar receitas que lhe parecessem inaceitáveis. Talvez tivesse inveja de Isadora. Mesmo assim, por que chegaria a ponto de deixar uma mulher seriamente doente num apartamento durante quase duas noites?

Um dos colegas de Ramon mencionara o nome de Noreen logo após o funeral e comentou a gravidade da situação, principalmente o estado dela. Ele retrucara que ela não lhe dizia respeito e afastara-se. Agora se perguntava o que o homem quisera dizer. Fazia muito tempo, é claro, e o colega havia se mudado para Nova York.

Ramon afastou o pensamento da mente. Ele tinha coisas mais importantes em que pensar.

NAQUELA TARDE de domingo, como não estava de plantão, foi visitar Hal Kensington, pai de Isadora, levando um presente de aniversário: um relógio de ouro. Mary Kensington recebeu-o na porta com um cafetã de seda de oncinha e o cabelo louro platinado, tão parecido com o da filha, preso no alto da cabeça.

— Ramon, quanta gentileza ter vindo! — disse entusiasmada, segurando-lhe o braço. Ela fez uma careta. — Lamento ter pedido a Noreen que ligasse para você convidando-o para a festa. Eu não tive tempo, com todas as obrigações beneficentes, você sabe.

— Não tem problema — ele respondeu automaticamente. Ela suspirou.

— Noreen é um fardo que precisamos carregar. Felizmente não a encontramos, exceto no Natal e na Páscoa e, mesmo assim, só na igreja.

Ele a fitou com curiosidade.

— Vocês a criaram.

— E você acha que eu deveria nutrir algum sentimento por ela? — Mary deu um sorriso amarelo. — Ela era filha do único irmão de Hal, então fomos forçados a recebê-la quando os pais morreram. Não foi por opção. Ela sempre atrapalhou. Vai ser solteirona, aposto. Já se veste como uma mendiga e, querido, nunca a convido para as festas. Ela é tão deprimente! Sempre foi assim, mesmo criança. Isadora era diferente: meiga, afetuosa. Desde que nasceu passamos a viver em função dela. Noreen foi criada pela minha mãe até ela morrer. Ela era um peso. Ainda é.

Estranho, Ramon sentiu uma ponta de pena da menininha triste obrigada a morar com pessoas que não a queriam. Foi direto ao ponto:

— Vocês não amam Noreen?

— Meu querido, quem pode amar uma mulher tão apagada? Gosto dela, mas nunca esquecerei que por causa dela perdemos nossa Isadora. Como, aposto, você também não — acrescentou, dando-lhe um tapinha confortador no braço. — Todos sentimos tanta falta dela...

— É verdade.

Hal, esparramado em sua poltrona favorita, a careca refletindo a luz do lustre de cristal, levantou a cabeça da revista de iatismo quando os dois chegaram.

— Ramon! Que bom que você veio! — Colocou a revista de lado e levantou-se para apertar calorosamente a mão do genro.

— Trouxe uma lembrancinha — disse Ramon, entregando o embrulho elegante.

— Quanta gentileza! — Sorrindo, abriu o presente e ficou entusiasmado com o relógio. — Era exatamente o que eu queria. Tenho um relógio esportivo, mas posso usar esse no Iate Clube. Obrigado.

Ramon abanou a mão no ar, indicando que o agradecimento não era necessário.

— Fico contente por ter gostado.

— Noreen deu uma carteira - disse Mary com desprezo.

— De pele de enguia — informou Hal, sacudindo a cabeça. — A moça não tem imaginação.

Ramon lembrou-se de onde ela morava, de suas roupas. Aparentemente, tinha muito pouco dinheiro, nada pedia aos tios e carteiras de pele de enguia eram caras. Imaginou o sacrifício para poder dar ao tio aquele presente pelo qual ele demonstrava tanto descaso. Ramon sabia como era ser pobre. Mostrava gratidão por qualquer presente recebido, por mais simples que fosse.

Lembrou-se de Noreen ter dado um pequenino vaso de cristal a Isadora de presente de casamento. Ela o jogara de lado sem dar-lhe valor, muito mais entusiasmada com uma toalha de mesa de linho irlandês, presente de uma amiga.

Noreen não pronunciara uma palavra, mas um enfermeiro que a acompanhara ao chá de panela comentara, em voz consideravelmente alta, que Noreen deixara de adquirir um casaco de que muito necessitava para comprar aquele presente para a prima mal-agradecida. Isadora ouvira o comentário, pegara o vaso e fizera mil elogios. Mas era tarde demais. Noreen mantivera a cabeça erguida; não derramara uma lágrima. Mas seus olhos estavam tão tristes...

— Você está ouvindo, Ramon? — murmurou Hal. — Eu disse que temos de velejar um final de semana desses.

— Assim que eu tiver tempo — respondeu sem entusiasmo. Não se sentia à vontade com pessoas que, como eles, escolhiam os amigos pelo saldo bancário e posição social. Havia sido aceito por ser famoso e bem-sucedido. Mas o Ramon Cortero que fugira de Cuba com os pais aos 10 anos de idade não teria sido bem recebido como possível genro. Tinha certeza disso. Estranho, mas esses pensamentos vinham lhe atormentando nos últimos tempos.

Esperou apenas pelo bolo e o café servidos na louça fina e despediu-se. De fora, olhou a grande mansão de tijolos, tão insípida e fria quanto seus habitantes. O que estava acontecendo com ele para se sentir tão desconfortável com os pais de Isadora, sempre tão gentis com ele depois da morte da filha?

Voltou para o apartamento em sua Mercedes prateada, seu orgulho e alegria. Não se lembrava de se sentir tão vazio desde o funeral. Devia estar excessivamente cansado e precisava de férias. Uma semana de folga, só para si, e sumir. Podia ir para as Bahamas e descansar na praia alguns dias. Talvez isso o animasse.

Olhou os lindos arranha-céus enfeitados com luzes coloridas e lembrou-se de como aquele brilho elegante costumava lembrá-lo da linda Isadora. Para ele, ela era a expressão da doçura, mas lembrou-se de um dia ter chegado quando ela xingava Noreen por não ter colocado os suéteres na gaveta certa. Noreen não dissera uma palavra para se defender. Arrumara as roupas e deixara o quarto, sem olhar para Ramon.

Isadora rira orgulhosa e reclamara que era difícil achar quem trabalhasse direito. Ele considerara o comentário frio em se tratando da própria prima e lhe dissera isso. Isadora não lhe dera importância, mas ele passara a observar com mais atenção. Isadora e os pais tratavam Noreen mais como empregada do que como membro da família. Ela estava sempre pegando ou carregando algo para alguém, dando telefonemas, contratando bufês e conjuntos para festas, endereçando convites. Até quando estudava para as provas, as exigências de sua família não cessavam.

Ramon chamara-lhes uma vez a atenção para o fato de que as provas exigiam muitas horas de estudo e os três o fitaram sem expressão. Nenhum deles cursara uma universidade e não faziam idéia do que ele falava. Mantiveram as obrigações de Noreen. Só quando ela saíra de casa, logo depois do casamento de Isadora, os Kensington contrataram uma governanta.

Ao chegar em casa, preparou uma xícara de café, perturbado com o fato de pensar tanto em Noreen e, principalmente, no aniversário do tio. Hal e Mary

Kensington haviam dado outras festas, mas Noreen raramente era incluída nas comemorações. Era como se não existisse, até precisarem de algo que só ela podia fazer como cuidar de Isadora quando ela tinha gripes, resfriados e indisposições.

Aquilo o fez lembrar-se da pneumonia de Isadora e da negligência de Noreen. Voltou a ficar com raiva. Apesar dos defeitos da mulher, ele a amava perdidamente. Embora Noreen tivesse sido maltratada pela tia, tio e prima, isso não justificava ter deixado Isadora morrer. Ele se apiedava por não ter recebido amor, mas sentia apenas desprezo quando se lembrava de que a mulher morrera por culpa dela.

ELE PASSOU seis dias sozinho nas Bahamas, curtindo a solidão de uma ilha isolada, onde alugara um quarto numa pousada. Andara pela praia lembrando-se dos dias felizes ali desfrutados com Isadora na lua de mel. Ainda sentia saudade dela, apesar do relacionamento turbulento.

Percebeu alguns fios de cabelo grisalhos e sentiu, como nunca, o peso da idade. Deveria se casar novamente; deveria ter um filho. Isadora não queria filhos e ele não a pressionara. Ainda tinham muito tempo pela frente. Ou assim acreditava.

O pôr do sol foi particularmente fulgurante, como um quadro pintado por um louco em cores flamejantes, com toques de preto, cortando o céu e descendo até o horizonte como uma faca. Suspirou admirando o céu e ouviu o som das ondas próximo a seus pés descalços. Era doloroso guardar no coração todo esse espetáculo sem ninguém com quem compartilhá-lo. Estava sozinho. Como desejava uma esposa afetuosa e muitos filhos brincando ao redor dele na praia! Talvez estivesse na hora de começar a pensar no futuro e não no passado. Dois anos era tempo suficiente para guardar o luto.

VOLTOU AO trabalho com entusiasmo, assumindo mais obrigações do que nunca. Operava um paciente particular no hospital O'keefe. Logo após uma cirurgia complicada, foi chamado ao CTI para examinar um paciente com quem a enfermeira da noite estava preocupada. Ele tinha três pacientes internados no hospital, além de pacientes no St. Mary e no Emory.

Não ficou nada satisfeito ao descobrir quem era a enfermeira da noite. Noreen, em sua habitual calça branca e jaleco comprido colorido, com um estetoscópio em volta do pescoço e o cabelo preso num coque, lançou-lhe um olhar frio quando ele parou na sala das enfermeiras.

— Não achei que você trabalhasse hoje no O'keefe — disse laconicamente, ainda usando seu jaleco verde de cirurgia.

— Trabalho sempre que necessário. E o que você está fazendo aqui?

— Um paciente solicitou que fosse operado aqui. Faço parte da equipe de três hospitais e esse é um deles — respondeu com igual frieza.

— Eu me lembro. — Ela enfiou as mãos nos bolsos do jaleco. — O seu Sr. Harris está vomitando. Não consegue segurar o remédio.

— Onde está o prontuário?

Ela foi até a porta do paciente, pegou-o da cesta de metal na parede e entregou-lhe. Ele fechou a cara.

— A náusea começou na última troca de turno. Por que não tomaram nenhuma providência? — ele perguntou.

— Algumas das enfermeiras estão trabalhando em turnos de 12 horas — ela o lembrou. — E chegaram quatro novos pacientes hoje à tarde nesta ala, todos em estado crítico.

— Isso não é desculpa.

— Sim, senhor — Noreen respondeu automaticamente, entregando-lhe uma caneta. — Poderia fazer algo agora?

Ele escreveu novos procedimentos e foi examinar o homem, pálido de tanto sofrimento. Saiu esbravejando.

— O cateter foi retirado ontem à noite e recolocado hoje de manhã. Por quê?

— Ele passou oito horas sem urinar. É o procedimento padrão. — Ele a encarou. — Ele está vomitando e sem beber muito líquido. Quanto mais tempo ficar com o cateter, maior o risco de uma infecção. Quero que a tire e só a recoloque até ele reclamar, e se reclamar de desconforto. Entendeu?

— Sim, senhor — respondeu ela.

— Quem pediu para que o cateter fosse retirado? — perguntou abruptamente.

Ela apenas sorriu.

— Esqueça — disse irritado, sabendo que nem mesmo sob tortura conseguiria que ela lhe dissesse quem havia sido. Os olhos fitaram o rosto oval. As bochechas estavam vermelhas, mas o resto do rosto, pálido e ligeiramente inchado. Ele fez uma careta. Nunca notara isso antes. Era o tipo de aparência encontrada em pacientes com problemas cardíacos. Ela voltou a guardar o prontuário.

— Os técnicos de enfermagem estão muito ocupados neste turno. Se alguém pudesse ficar com ele e lhe dar gelo picado, talvez ajudasse.

— Ele não tem família? — perguntou Ramon, emocionado com a preocupação dela.

— Um filho em Utah. Está a caminho, mas só chega amanhã, é triste.

— Muito. — Ele olhou na direção da esposa de um dos pacientes passando pelo corredor com um copo de isopor e uma jarra de plástico. — Aonde ela vai?

Noreen sorriu os olhos faiscando.

— A técnica de enfermagem jamaicana, a Sra. Hawk, disse a ela onde ficam a máquina de gelo e a de café. Desde então ela está ajudando todo mundo. Ela pega até toalhas, panos e cobertas quando precisa, em vez de pedir a alguém.

— Isso é algo fora do comum?

— Bem, tem três outras mulheres que aparecem a cada cinco minutos na porta e nos pedem para dar água aos maridos delas quando eles estão com sede, depois que chegam aqui, vindos da cirurgia.

— As enfermeiras costumavam ter essas obrigações — lembrou-a.

— As enfermeiras costumavam ter mais tempo, menos pacientes, menos trabalho burocrático e não muitos processos judiciais com que se preocupar — retrucou suspirando.

Ele observou-lhe o rosto e voltou a franzir o cenho.

— Você está se sentindo bem? — perguntou, com evidente relutância.

Ela fechou a cara.

— Estou um pouco cansada, como todos neste turno. Obrigada por ter examinado o Sr. Harris, doutor.

Ele deu de ombros.

— Avise se ele tiver mais ânsias de vômito.

— Sim, doutor. — Ela agia de modo educado, mas frio, distante.

Os olhos escuros de Ramon se estreitaram ao encontrar os olhos acinzentados dela.

— Você não gosta nada de mim, não é? — perguntou sem rodeios, como se só então tivesse percebido aquilo.

Ela riu bem-humorada.

— Essa não é a minha fala? — Virou-se sem fitá-lo e voltou ao trabalho, aparentemente ignorando-o.

ELE SAIU da ala, mas remoia algo no fundo de sua mente, algo que não conseguia decifrar. Estava inquieto e desconhecia o motivo. Férias, pensou, deveriam deixar as pessoas relaxadas. As dele pareciam ter tido o efeito contrário.

Atrás dele, Noreen tentava acalmar seu traidor batimento cardíaco, forçando-se a não olhar o homem alto e moreno a quem secretamente entregara seu coração há muito tempo. Ele nunca soubera e jamais saberia. Isadora levava aquele homem alto para casa e despedaçara o coração de Noreen. Os olhos escuros afetuosos, os sorrisos sensuais não eram para ela. Isadora, a bonita, a namoradeira, casou-se com o homem por cujo beijo Noreen daria a vida. Mantivera esse doloroso segredo durante seis longos anos, durante os quatro anos do casamento de Ramon e os últimos dois penosos anos de acusação e perseguição. O coração devia ter desistido, mas continuava batendo, apesar da doença que se agravava a cada dia.

Chegaria uma hora em que não teria tempo de procurar um médico. Não que isso importasse. Levava uma vida de sacrifícios e obrigações. Não recebia amor desde a morte dos pais. Vira-se perdida mudando-se para a casa grande e solitária, os donos a haviam aceitado com relutância. Era a empregada particular de Isadora, a secretária da tia, o Office boy do tio. Passara sozinha e solitária praticamente toda a vida adulta, permanentemente apaixonada pelo marido da prima e orgulhosa demais para demonstrá-lo.

*Desejo 107.2 * A Paciente * Diana Palmer*

Agora, ele a odiava, culpava-a por algo injustamente. Ele ainda pertencia à linda Isadora. Noreen concentrou-se em seus afazeres, esquecendo Ramon, o passado e a dor. Aceitava sua derrota, como sempre, e voltou ao trabalho.

CAPÍTULO DOIS

NOREEN foi para seu solitário apartamento e desejou, não pela primeira vez, ter um gato ou um cachorro; qualquer coisa que lhe fizesse companhia. Mas era terminantemente proibida a entrada de animais no prédio, uma adorável construção antiga de dois andares, com encanamento precisando de reparos e a pintura das paredes descascando. Mas seus quatro moradores o consideravam um lar e mantinham uma pequena garagem nos fundos para os moradores que possuíam carro.

Felizmente, Noreen e um estudante de Medicina pareciam ser os únicos proprietários de carro no prédio. Havia um ponto de ônibus na esquina, e ali, no centro da cidade, tudo era acessível. Entretanto, Noreen gostava da liberdade proporcionada por um carro. Era pequeno e velho, mas andava, graças a um mecânico do quarteirão, que cobrava uma taxa mínima para consertá-lo quando necessário. O salário do hospital não era suficiente para pagar as contas; precisava cortar gastos.

Nunca lhe faltaram bens materiais enquanto morava com os tios e a prima, mas a vida era emocionalmente vazia. Ali, apesar das poucas posses, pelo menos era independente. E se lhe faltavam amor e companhia, isso não era novidade. De vez em quando, pensava se a tia se importara em ter de contratar uma governanta e uma secretária depois de Noreen ter sido expulsa da casa. Nunca precisara pagar a sobrinha pelos serviços. Isso nunca lhe ocorreria.

Ramon mudara de apartamento depois da trágica morte da mulher. Não conseguira voltar para a casa onde a amada passara as últimas horas, e ainda culpava Noreen. Ela tentara repetidas vezes contar-lhe a verdade, logo depois do ocorrido, entretanto, enlouquecido de sofrimento e dor, ele se recusara a deixá-la falar. Talvez preferisse a imagem de mulher desalmada que nela projetara desde que se conheceram. Afinal, ele nunca prestara mesmo atenção nela.

Lembrou-se com sofrimento da primeira vez em que o vira, saltando do imponente Jaguar, diante da enorme mansão dos tios. Os cabelos negros brilhavam ao sol. Um discreto terno cinza deixava o corpo atlético mais magro, mais imponente. Ao entrar na casa, o impacto dos olhos negros como carvão no rosto moreno e bonito fez o coração de Noreen parar por um instante. Nunca experimentara aquelas sensações na vida. Gorara e gaguejara, e Ramon dera um sorriso quase debochado diante de sua momentânea fraqueza. Tinha sido doloroso, como se ele soubesse que os joelhos dela fraquejavam naquele instante. Ele era um homem experiente, então talvez estivesse habituado à sua reação. Mas só Deus sabe que ele apenas demonstrara divertimento. Ele lhe dera as costas após a rápida e indiferente apresentação e se voltara para a linda Isadora.

— Não pense que ele notou você — disse Isadora, debochada, aquela noite —, apesar de seus olhares de cachorro carente. Imagine se um homem daqueles vai olhar duas vezes para você! — concluiu às gargalhadas.

Noreen não fora capaz de encarar aqueles aviltantes olhos azuis.

— Sei que ele é seu — disse baixinho, arrumando as coisas.

— Não se esqueça — retrucou Isadora, ríspida. — Vou me casar com ele.

— Ele sabe? — não resistiu à pergunta seca.

— Claro que não — murmurou a prima, indiferente. — Mas pode escrever o que digo. — E casou-se dois meses depois, com a mãe como madrinha e uma das amigas como dama.

Ramon, cortês, mesmo com desconhecidos, estranhara a escolha. Dois dias antes do casamento, enquanto Isadora falava entusiasmada do vestido de noiva com a mãe, Ramon parará na porta da cozinha onde Noreen retirava bolinhos do forno para perguntar por que ela não fora escolhida como dama.

— Eu? — perguntara Noreen, suando por causa do calor da cozinha onde preparava o lanche da tarde.

Ele franzira a testa.

— Você nunca usa nada além de jeans e essas camisetas? — perguntara, gesticulando com a mão morena. Ela desviara o olhar.

— São confortáveis para trabalhar. — Ela havia percebido que ele a observava enquanto arrumava os bolinhos num prato de porcelana e colocava a fôrma de aço inoxidável na pia.

— Isadora não gosta de cozinhar — murmurara ele.

— Imagino que você não se importe em contratar alguém para isso — retrucara, constrangida. Odiava estar na presença dele, mesmo a essa distância, com receio de se denunciar. — De qualquer modo, Isadora é bonita demais para perder tempo com afazeres domésticos.

— Você tem inveja dela porque ela é bonita e você não?

O tom debochado da pergunta fizera com que seus olhos cinza-claros cintilassem. Ela quase nunca retrucava, mas ele parecia trazer à tona um temperamento que nem ela se dava conta de possuir. Lembrava-se de ter ficado ereta, olhando-o com o rosto ardendo de calor e raiva, os cabelos louros escuros caindo em mechas despenteadas do coque no topo da cabeça.

— Muito obrigada por me lembrar das qualidades que não possuo. Imagino que não lhe ocorra que posso me olhar no espelho.

Os olhos falsearam, pela primeira vez, para ela. Os cílios desceram cobrindo o brilho e ele a fitara até seu coração descontrolado bater feito louco.

— Então você não é um capacho? — ele dissera, provocando-a.

— No, no soy — respondera no espanhol perfeito que aprendera na escola. — Y usted, señor, no es un caballero.

Ele arqueara as sobrancelhas diante da afirmação de não ser um cavalheiro.

— Que surpresa eres — murmurara, fazendo-a corar de novo com a intimidade do pronome só usado com amigos íntimos ou parentes, quando ela usara o tratamento formal.

— Só porque falo espanhol? — ela perguntara. Ele sorrira, pela primeira vez sem sarcasmo.

— Isadora não fala. Ainda não. Pretendo ensinar a ela as palavras mais importantes. Claro, aquelas que não podem ser pronunciadas em público.

APESAR DOS anos passados, lembrava-se com curiosidade do modo como ele a provocava, falando acerca de seus sentimentos por Isadora. Fora assim desde o começo e ficara ainda pior quando o casal comemorara um ano de casamento. Noreen não sabia ao certo o motivo de ter sido convidada para a festa. Planejava não ir, mas Ramon mandara um carro buscá-la.

Hal e Mary Kensington a receberam com entusiasmo na frente dos convidados e, depois, a ignoraram. Isadora parecera furiosa ao vê-la e a puxara para o canto durante uma breve ausência de Ramon, agarrando-a pelo braço com unhas tão afiadas que a arranharam.

— O que veio fazer aqui? — perguntara furiosa. — Não convidei você!

— Ramon insistiu — respondera por entre os dentes. — Ele mandou um carro me buscar. — As louras sobrancelhas delicadas da mulher se arquearam. — Entendo. — Ela soltara o braço da prima abruptamente. — Ele está querendo me dar o troco — dissera com uma risada irritante. — Só porque convidei Larry para jantar aqui em casa enquanto ele operava em Nova York. — Ela estava inquieta. — Bem, ele nunca está em casa. O que espera que eu faça? Fique sentada olhando para o teto? — Os olhos raivosos examinaram Noreen.

— Não fantasie que ele vê estrelas quando olha para você, queridinha — continuara agressiva. — Só convidou-a para me fazer ciúmes.

Noreen perdera o ar.

— Mas isso é loucura! — exclamara, chocada. — Pelo amor de Deus, Isadora, ele nem gosta de mim! Ele me critica o tempo todo.

Os olhos azuis profundos da outra mulher estreitaram-se.

— Você não entende mesmo, não é? — perguntara indiferente. — Você é tão boba, Norie...

— Não compreendo o quê?

Ramon entrara na cozinha com a expressão fechada.

— Por que se escondeu aqui? — perguntara a Isadora. — Temos convidados.

— Temos, não é mesmo? — ela respondera, fitando Noreen.

— Eu devia ter convidado Larry — concluíra. — Os olhos de Ramon cintilaram furiosos. Isadora passara por baixo do braço dele e fora ao encontro dos convidados, deixando Noreen entregue ao mau humor dele. E Ramon descontara nela.

— A faxineira em pessoa — comentara com frieza, examinando os eternos jeans e camiseta. — Não podia usar um vestido para a festa?

— Eu não queria vir — retrucara furiosa. — Você me obrigou.

— Só Deus sabe a razão — ele respondera, examinando-a novamente com frieza.

Ela não sabia o que dizer. Sentia-se totalmente deslocada. Ele se aproximara e ela recuara. A expressão no rosto dele, impagável. Infelizmente, seu gesto instintivo havia provocado uma reação ainda pior.

— Eu lhe causo nojo? — ele perguntara, aproximando-se até ela encostar-se na pia. — Incrível que uma mulher apagada assim recuse qualquer demonstração de atração por parte de um homem, mesmo de um repulsivo.

Ela estremecera e cruzara os braços defensivamente.

— Um homem casado — completara.

Ele cerrara os punhos, como se as palavras tivessem alcançado o efeito desejado. Não fizera mais nenhum movimento em sua direção. Os olhos buscaram os seus, propondo respostas que ela não podia dar.

— Pau para toda obra — provocara. — Cozinha, limpa a casa e cumpre tarefas banais. Nunca se cansa da santidade?

Ela engolira em seco.

— Gostaria de ir embora, por favor. Ele estufara o peito.

— Para onde? Para longe de mim?

— Você é casado com minha prima — dissera com os lábios cerrados, lutando contra uma atração que lhe fazia mal.

— Claro que sou. Aquela mulher linda, charmosa, de rosto e corpo divinos, é toda minha. Os homens morrem de inveja do que eu tenho. Isadora, a divertida e maravilhosa, com minha aliança no dedo.

Noreen engasgara.

— Tem razão, ela é... — A fúria a deixara intimidada. Aqueles olhos negros pareciam espadas a feri-la. Ele a odiava. Ela apenas não entendia o motivo. Afinal, nunca havia feito nada de mau a ele.

Ele se afastara com aquela cortesia e formalidade inatas.

— Cresci num subúrbio em Havana — murmurara baixinho.

— Meus pais deram um duro danado para eu entrar na universidade e conseguir escapar da pobreza. Quando viemos para os Estados Unidos, subimos social e financeiramente, mas não esqueci de minhas origens. Parte de mim não sente senão desprezo por essas pessoas. — Ele acenara com a cabeça para a sala de estar — Todas contentes no ambiente do Country Clube, sem saber como a pobreza pode corromper a alma.

— Por que está me dizendo isso? — ela perguntara. O rosto de Ramon suavizou-se ligeiramente.

— Porque você conheceu a pobreza — respondera, surpreendendo-a. Ela não fazia idéia de que ele soubesse algo sobre sua vida. — Seus pais eram fazendeiros, não eram?

Ela assentira.

— Eles não se davam muito bem com tia Mary e tio Hal — confessara. — Se não fosse o medo da opinião pública, eu teria ido para um orfanato quando eles morreram.

Ele havia entendido a que ela se referia.

— E um orfanato teria sido muito pior?

A pergunta a perseguia sem cessar. Era como se ele soubesse como era a sua vida com os Kensington, o irmão e a cunhada de seu pai, e a linda Isadora. Ridículo, claro, imaginar que ele compreendia. Por outro lado, se questionava se Isadora algum dia o compreendera e como a infância dele o moldara no homem que era hoje. Ele nunca recusava um paciente pobre ou dava as costas a alguém necessitado de ajuda. Era o homem mais generoso que ela conhecia. Isadora odiava essa faceta de sua personalidade.

— Ele dá dinheiro aos mendigos na rua, acredita? — ela perguntara no Natal, quando tinham dois anos de casados. — Tivemos uma discussão horrorosa por causa disso. Eles são uns vagabundos. Não se dá dinheiro a esse tipo de gente.

Noreen nada dissera. Com freqüência, contribuía com o pouco que tinha para comprar alimentos para os sem-teto, até mesmo trabalhando como voluntária nos feriados para distribuir comida.

Um dia, num feriado, para sua surpresa, vira Ramon colocando um avental sobre o terno para unir-se a ela na fila de distribuição.

— Não fique tão chocada — dissera, ao ver-lhe a expressão. — Metade dos funcionários dão uma escapada quando podem para ajudar. — Ela distribuía sopa ao lado dele durante uma hora no ambiente lotado, cheia de gratidão por ter um salário e um teto, enquanto os pobres da cidade aglomeravam-se no corredor quente em busca de um prato quente de comida. Lágrimas brotaram de seus olhos quando uma mulher com dois filhos pequenos sorria e agradecera pela única refeição do dia.

A mão de Ramon colocara um lenço na sua.

— No Io hagas! — sussurrara em espanhol. Não faça isso.

— Aposto que você nunca derrama lágrimas — murmurara, enxugando os olhos com o imaculado lenço branco de perfume delicado.

Ele rira baixinho.

— Não?

Ela o fitara curiosa.

— Gosto dos meus pacientes. Não sou de pedra. Sofro quando perco um deles.

Ela desviara os olhos para a sopa e concentrara-se em encher as tigelas.

— Dizem que os latinos são muito passionais em tudo que fazem — murmurara num impulso.

— Em tudo — ele repetira, num tom que, inexplicavelmente, a fizera tremer.

Ela tentara devolver-lhe o lenço, mas, a princípio, ele o recusara. Os olhos dele demonstravam crueldade ao encontrarem os seus.

— Ponha debaixo do travesseiro — debochara. — Talvez ele inspire sonhos que compensem o vazio de sua vida.

O soluço alarmado que ela liberara parecera ter feito Ramon recobrar o bom-senso.

— Sinto muito — murmurara tenso, pegando o lenço e enfiando-o no bolso das calças como se sua simples visão o irritasse.

Ao LONGO dos anos, houvera outros incidentes. Uma vez, fora convocada por Isadora para levá-la ao centro da cidade, pois Ramon não lhe permitira usar o Jaguar. Mal a empregada esbaforida a deixara entrar, ouvira vozes furiosas na sala de estar.

— Eu gasto o que bem entender! — gritava Isabela. — Deus sabe que mereço alguns luxos, já que não tenho marido! Quando está acordado, passa o tempo todo no consultório ou no hospital. Nunca fazemos as refeições juntos. Nem dormimos juntos...

— Isadora! — Noreen chamara para avisar a prima de sua presença, antes que a discussão esquentasse.

— O que ela veio fazer aqui? — ouvira Ramon perguntar furioso enquanto se aproximava da sala de estar, hesitando por um segundo diante da porta aberta.

— Ela vai me levar ao shopping — respondera Isadora com ódio —, já que você não me leva. — Olhara na direção da prima. — Entre, entre logo! — gritara, zangada. — Não fique aí parada como um fantasma!

O olhar veemente de Ramon demonstrava o que ele pensava dela e de suas roupas. Ela era um primor de arrumação no trabalho, em sua ala, mas ainda se vestia como uma garota do campo quando de folga.

— Sinceramente, Norie, você não tem outra roupa? — Isadora perguntara raivosa.

— Não preciso — Noreen respondera, recusando-se a dar a informação de que, com seu salário, mal conseguia pagar o aluguel e a gasolina, quanto mais roupas elegantes.

— Como você é econômica... — comentara Ramon. Isadora o fitara, pegando a bolsa e o suéter de caxemira.

— Você devia ter se casado com ela. Ela sabe cozinhar, limpar e se veste como uma mendiga! Provavelmente até gosta de crianças!

Noreen corara, lembrando do dia de Natal em que servira sopa com Ramon.

— Como você pode saber como os mendigos se vestem? — ele perguntara à mulher, com frieza. — Você nem olha para eles. — Ela estremecera.

*Desejo 107.2 * A Paciente * Diana Palmer*

— Deus me livre! Deviam juntar todos e colocá-los na cadeia.

Noreen, recordando-se da mulher com os dois filhinhos, grata pela refeição, ficara enojada e, virando-se, mordera a língua para manter o silêncio.

— Gaste toda a porcaria de dinheiro que quiser! — dissera Ramon à mulher.

As sobrancelhas de Isadora arquearam-se.

— Que linguajar! — criticara. — Você não costumava usar esses termos.

— Eu não tinha motivo.

Isadora emitira um ruído do fundo da garganta e saíra, acenando para que Noreen a seguisse.

UMA SEMANA antes de morrer, Isadora fora acometida de uma crise de bronquite. Ramon havia prometido acompanhar um colega a uma importante conferência em Paris sobre novas técnicas para cirurgias de peito aberto. Isadora implorara para acompanhá-lo, mas Ramon recusara, alegando que voar numa cabine pressurizada de avião podia ser muito perigoso para alguém sofrendo de uma infecção pulmonar, ainda que branda.

Como era típico, Isadora esbravejara, mas Ramon não lhe dera atenção. Parará na sala de enfermagem da unidade cardíaca do hospital O'keefe e pedira a Noreen para ficar no apartamento do casal e cuidar de Isadora durante sua ausência.

— Ela vai dar um jeito de se vingar, se puder — ele dissera curiosamente sombrio. — Fique de olho nela como um abutre. Prometa não deixá-la sozinha um minuto se ela piorar.

— Prometo.

— E leve-a para o hospital, caso haja algum sinal de agravamento. Ela tem problemas pulmonares por ter fumado durante muito tempo e, provavelmente, deve ser asmática — acrescentara. — Uma pneumonia pode ser fatal.

— Eu cuidarei dela — Noreen repetira. Os olhos escuros de Ramon procuraram os dela incessantemente.

— Você não é nada parecida com ela — ele dissera baixinho. O rosto de Noreen se retesara.

— Obrigada por me lembrar. Gostaria de acrescentar algum insulto, antes de partir?

Ele parecera chocado.

— Não era um insulto.

— Claro que não — retrucara seca. Voltara-se para o trabalho. — Sei que não me suporta, mas gosto da minha prima acredite ou não. Cuidarei bem dela.

— Você é uma excelente enfermeira.

— Não precisa puxar meu saco — dissera, exausta, acostumada à técnica ao longo dos anos. — Já disse que ficarei com ela.

Para sua surpresa, ele segurara seu braço e a virará para encará-lo. Os olhos cintilavam.

— Não costumo elogiar só para conseguir o que quero — resumira. — Muito menos você.

— Tudo bem — ela concordara, tentando soltar o braço dolorido.

Ele parecia não perceber a força com que a apertava. Chegara a sacudir o braço de Noreen, perdendo por completo o controle, pela primeira vez, no passado recente.

— Faça-a compreender por que não pode viajar de avião. Ela não me ouve.

— Pode deixar, mas você devia ficar feliz por ela desejar tanto a sua companhia. — O aperto se intensificara.

— Um dos participantes da conferência é amante dela — Ramon dissera com um risinho curto. — Por isso ela quer tanto a minha companhia. — O rosto de Noreen tornara-se a pura expressão do choque. — Você não sabia? Eu não a satisfaço — acrescentara francamente. — Não importa quanto tempo eu demore ou o que faça. Ela precisa de mais de um homem por noite, e, quando chego em casa do hospital, estou caindo aos pedaços.

— Por favor — sussurrara, constrangida —, você não devia me contar isso.

— Por que não? — perguntara ele, irritado. — Vou contar a quem mais? Não tenho amigos íntimos, irmãos, meus pais morreram... Não há um único ser humano na Terra que tenha conseguido se aproximar de mim até o momento. — Ele a fitara com olhos irados. — O diabo que a carregue, Noreen — sussurrara ensandecido. — O diabo que a carregue!

Ele, enfim, soltara seu braço e saíra a passos largos, deixando-a trêmula e pálida. Realmente a odiava. Quando a máscara caíra, ela pudera constatar a verdade em seus olhos, em seu rosto. Não sabia por que ele a odiava. Talvez Isadora tivesse contado alguma coisa a ele...

À NOITE, FORA para o apartamento deles, segura de que Ramon já tinha viajado. Encontrara a empregada histérica e Isadora sentada na varanda, usando uma camisola transparente, em plena noite fria e chuvosa.

Ela estava ali, contara a pobre empregada, desde que o marido deixara o apartamento. Não sabia o que eles haviam conversado, mas ouvira as vozes altas e descontroladas no quarto. Uma discussão violenta. Logo depois que o médico saíra, a patroa tirara o robe e se sentara na chuva. Nada a convencia a entrar. Tossia sem parar e a febre subira muito, mas ela proibira a empregada de contar ao patrão.

Noreen imediatamente fora até a varanda e, com a ajuda da empregada, arrastara Isadora para dentro. Mudaram-lhe a roupa, mas o esforço fizera o coração de Noreen, sempre fraco, bater descompassado. Enquanto recuperava o fôlego, a empregada anunciara que seu marido já havia telefonado duas vezes, furioso. Ela precisava ir embora.

Noreen relutara em deixá-la partir, já se sentindo mal, mas a pobre moça estava aos prantos. Dera permissão para que ela fosse embora e escutara o peito da prima, que respirava com dificuldade, estava inconsciente e com febre altíssima. Precisava chamar uma ambulância. Ao pegar o aparelho, ouvira um som estranho. O telefone estava mudo. Furiosa, fora até o corredor pedir ajuda a um vizinho. De repente, tudo escurecera. Sentira-se aterrorizada e o coração começara a bater descompassado. Descera o corredor, tentando achar os elevadores, mas eles não estavam funcionando. Havia uma escada. Só quatro lances de escada a subir. Não era tanto. Tinha a terrível sensação de que o pulmão de Isadora parará de funcionar. Ela podia morrer... Num esforço supremo, arrastara-se pelas escadas apoiando-se no corrimão quando a respiração começara a falhar e as batidas do coração, a doer.

Não se lembrava do que havia acontecido, apenas de que, de repente, perdera o equilíbrio e a consciência, tudo ao mesmo tempo. Recuperara os sentidos no hospital, tentando explicar a um estranho de jaleco branco a urgência de voltar para ficar com a prima. O homem apenas lhe dera um tapinha no braço e uma injeção.

APENAS NO dia seguinte conseguira sair do hospital e voltar para o apartamento de Ramon. Àquela altura, a empregada encontrara Isadora morta e Ramon e os sogros haviam sido avisados. Noreen chegara ao apartamento no exato momento em que os atendentes da ambulância saíam com o corpo de Isadora.

Quando encontrara Ramon, ele questionara tudo, num espanhol chulo: desde os pais de Noreen até seu futuro imediato.

— Oh, por favor, deixe-me explicar — ela implorara aos prantos, ao imaginar o que devia ter acontecido com Isadora, pobre Isadora, sozinha e gravemente doente. — Por favor, não foi culpa minha. Deixe-me falar!

— Saia do meu apartamento! — ele vociferara, após ter esgotado a lista de insultos em espanhol. — Vou odiá-la por isso até o dia da sua morte. Nunca a perdorei enquanto viver. Você a deixou morrer! — gritara o rosto lívido e exausto.

Ela ficara ali, paralisada pelo choque e pela fraqueza. Mais tarde, no cemitério, Noreen tentara falar com os tios, mas a tia a esbofeteara e o tio recusara-se a fitá-la. Ramon exigira que ela fosse retirada e proibira seu retorno.

Tampouco lhe fora permitido assistir à cerimônia religiosa. Desde então, fora marginalizada. Até recentemente, quando, inexplicavelmente, tinha sido convidada para tomar um café pouco antes do aniversário do tio. A atitude de Ramon demonstrava um ódio incondicional.

O complexo de culpa aumentara devido à atitude do marido e dos pais de Isadora. Finalmente, chegara à conclusão de que nada justificaria seu erro e aceitara a culpa, como se a merecesse. Passara a dedicar a vida ao trabalho. Nunca mais voltara a esperar nada dos parentes. Nem mesmo o perdão.

CAPÍTULO TRÊS

A MANHA havia sido exaustiva e Ramon estava esgotado. Fizera uma meticulosa cirurgia de ponte de safena, e uma de válvula estava agendada para logo após o almoço. Aquele deveria ser seu dia de folga, mas cobria um dos outros cirurgiões do O'keefe, acometido de uma gripe forte.

Entrou no refeitório com a bandeja procurando, esperançosamente, uma mesa vazia no local lotado, mas não deu sorte. O único lugar vago era na mesa ocupada por Noreen. Olhou por cima do prato de salada e da xícara de café.

Noreen baixou os olhos para o prato, furiosa por corar quando ele a olhou. Ele preferia levar sua salada para a pequena cantina junto do refeitório e sentar-se no chão a ficar ao seu lado, ela bem sabia. Se pudesse superar seus vergonhosos sentimentos por aquele homem terrível... Se não lhe importasse a opinião dele... Quase deixou cair o garfo quando, sem perguntar, ele colocou o café e o prato na mesa diante dela, puxando uma cadeira e se sentando. Ele percebeu a surpresa dela e quase achou engraçado. Abriu o guardanapo no colo, tirou o plástico recobrando a salada e pegou o garfo.

— Sentar no chão seria muito óbvio? — perguntou num tom levemente seco.

O olhar sombrio prendeu o seu por um instante antes de colocar uma garfada de salada de atum na boca.

— Você faz isso tão bem — ela comentou.

— Isso o quê? — perguntou Ramon.

Ela terminou de mastigar a salada e recostou-se.

— Esnobar-me. Suponho tê-lo irritado desde o dia em que nos conhecemos só pelo fato de existir.

— Não fale besteira — ele murmurou e tomou um gole de café. Olhou o relógio. — Achei que almoçasse às 12h30.

Ela cruzou as longas pernas nas calças de malha branca.

— Costumo almoçar nesse horário, mas você não devia estar operando hoje neste hospital — explicou.

Os olhos pretos dele piscaram.

— Então você me evita?

— Claro que sim — respondeu tensa. — É o que você espera de mim, não precisa dizer. — Ela olhou o café, notando que ele também tomava café puro.

O olhar dele percorreu-lhe o perfil. Não era bonita como Isadora, mas era magra e tinha um corpo bonito, embora os traços fossem comuns. O cabelo não era louro, nem castanho-claro. Os olhos eram mais para o cinza que para o azul. Nunca usava

maquagem. Na verdade, parecia não ligar para a aparência, embora estivesse sempre limpa e arrumada. Poderia ser atraente com outro corte de cabelo e roupas. Os olhos estreitaram-se observando o coque. Nunca a vira com os cabelos soltos. Por muito tempo, se perguntara como seriam.

Ela notou o olhar intrigado e enrubesceu.

— Sinto-me como uma borboleta presa num alfinete. Pode parar de me analisar? Sei que você me considera uma assassina, mas não precisa deixar isso tão evidente em público, certo?

Ele fechou a cara.

— Eu não disse nada.

Ela riu, mas com um traço de tristeza; os olhos cheios de decepção e solidão.

— Verdade — Noreen concordou. — Não disse. Você pode ser latino, mas não se comporta como tal. Nunca explode de raiva, atira coisas ou xinga a plenos pulmões. Pode conseguir mais num simples olhar do que a maioria dos médicos consegue mantendo o braço em fúria. Não precisa dizer nada. Seus olhos dizem tudo. Ele franziu o cenho.

— E o que eles dizem?

— Que você me culpa pelo que aconteceu com Isadora — ela respondeu com calma. — Que me odeia. Que acorda todas as manhãs desejando que fosse eu naquele caixão, e não ela.

Ele cerrou a mandíbula, segurando as palavras, mas os olhos faiscaram.

— Você pode não acreditar — ela disse num tom contido —, mas por vezes eu gostaria de estar no lugar dela. Parece que nenhum de vocês percebe que eu também a amava. Fomos criadas juntas. Ela podia ser cruel, mas também gentil quando queria. Sinto saudades dela.

Ele tentou, sem êxito, engolir as palavras frias.

— Que maneira estranha de demonstrar afeto — murmurou secamente. — Deixá-la sozinha num apartamento para morrer.

Tão logo as palavras saíram, arrependeu-se, mas já era tarde.

Noreen fechou os olhos. Ficou tonta, como vinha acontecendo ultimamente. A respiração saiu entrecortada. Cruzou as mãos no colo e tentou controlar-se, não se denunciar. Ramon era um excelente cirurgião. Não conseguiria esconder seu estado se ele a examinasse mais atentamente, e ele poderia comentar alguma coisa na administração. Levantou a cabeça momentos depois, pálida, porém mais firme.

— Preciso ir — disse e, devagar e cuidadosamente, levantou-se da cadeira, segurando-se para se apoiar.

— Você tem dormido? — perguntou ele de repente.

— Quer saber se minha consciência culpada me permite dormir? — ela devolveu, sorrindo friamente. — Se lhe interessa saber, sim. Eu teria salvado Isadora, se pudesse...

Ela dava a impressão de cansaço, como se não tivesse comido ou dormido.

— Você nunca me contou exatamente o que aconteceu — disse ele.

A afirmação a surpreendeu.

— Eu tentei — lembrou-o. — Tentei contar a todos vocês, mas ninguém se interessou pela minha versão da história.

— Talvez eu me interesse agora.

— Está dois anos atrasado — disse, pegando a bandeja. — Eu teria contado a vocês com o maior prazer na ocasião, mas não vou me dar ao trabalho de contar agora. Já não importa. — Os olhos sugeriam total ausência de sentimentos ao encontrar os dele, não traíndo o tumulto em seu peito. — Não me interessa o que pensam a meu respeito. — Virou-se e caminhou devagar, sem olhar para trás ao atravessar a porta em direção aos elevadores dos funcionários.

Os olhos escuros de Ramon a seguiram, arrependidos. Ele parecia incapaz de deixar de magoá-la. E ela não precisava disso. Movia-se mais devagar nos últimos dias. Parecia não ter interesse em nada além do trabalho. No hospital, corriam boatos sobre romances e rompimentos, mas nunca ouvira o nome de Noreen associado ao de ninguém. Ela não namorava. Mesmo quando morava na casa da família de Isadora, andava sempre com o nariz enfiado num livro médico, estudando para as provas. Formou-se em enfermagem com notas máximas, lembrou-se, o que não era de se estranhar.

Bebericou o café, lembrando-se da primeira vez em que a vira. Encontrara Isadora num jantar beneficente e a atração fora instantânea. O namorado de Isadora havia sido convocado pelo chefe para uma reunião tardia e Ramon oferecera-se para levar a linda loura em casa. Ela aceitou de imediato. Morava numa enorme mansão georgiana, nos arredores de Atlanta, num bairro sofisticado. Os pais estavam na sala de estar assistindo ao jornal da madrugada quando ela o apresentou. A princípio, mostraram-se reservados até a filha falar de sua profissão e de como se tornava famoso.

Noreen estava em casa, enrascada num sofá perto da lareira, com um livro de anatomia na mão e óculos pendurados no nariz. Ainda se lembrava de seu olhar quando ele e Isadora aproximaram-se dela. Aqueles grandes olhos meigos acinzentados iluminaram-se com uma espécie de fogo suave, enormes, luminosos e cheios de segredos. Ele notou, no rosto radiante e no leve tremor da pequenina mão, ao serem apresentados, ter lhe causado uma profunda impressão. Mas ele só tinha olhos para Isadora. Noreen retraíra-se com um sorrisinho desanimado.

Nas semanas seguintes, enquanto cortejava Isadora, Noreen mal aparecia. Não fora convidada a tomar parte do casamento. Mais tarde, ele envergonhou-se ao lembrar-se de como Isadora insultara a prima. Não quisera incluí-la em seu séquito. Nutria um ciúme doentio da prima. Parecia deliciar-se em encontrar meios de derrubá-la, fazê-la sentir-se indesejável ou inferior.

Isadora era linda, sociável, segura de si e talentosa. Mas era vazia, ao contrário de Noreen. O ciúme ensejara uma terrível discussão antes da viagem de Ramon a Paris, antes da morte de Isadora. Ele fechou os olhos e estremeceu por dentro, lembrando-se da conversa. Ele havia culpado Noreen por tudo, até por aquilo, quando a culpa era igualmente sua. O movimento na mesa ao lado o trouxe de volta das reflexões. Olhou o relógio e, apressadamente, terminou o almoço. Hora de voltar ao trabalho.

NOREEN ANSIAVA por voltar para casa, após o dia de trabalho. Sentia-se cada vez mais fraca, levemente nauseada, respirava com dificuldade e o batimento cardíaco, de tão irregular, preocupou-a. Deitou-se e adormeceu cansada demais para jantar até mesmo uma tigela de cereais.

Pela manhã, sentiu-se melhor e o pulso parecia menos irregular. Precisava continuar a trabalhar. Se perdesse o emprego, podia perder o seguro saúde e precisava dele para a cirurgia de válvula cardíaca, uma cirurgia cara. Caso não se submetesse a ela, poderia não viver muito mais. O especialista lhe dissera que a válvula comprometida regurgitava. Mas ela sabia ser possível viver muito tempo com uma válvula assim, dependendo da quantidade de líquido retido e do grau de cuidados médicos e supervisão a que fosse submetida. Desde a morte de Isadora, tivera pouquíssimos problemas.

Tomou um suco de laranja e fez uma careta ao lembrar-se de como Isadora estava mal e de como ela se desesperara para buscar socorro. Agora, Ramon queria saber tudo a respeito e isso era trágico, pois não contaria nada. Não ocupava um lugar em sua vida e nem o desejava. Já pagara um preço altíssimo por seus sentimentos. Não cairia novamente na armadilha de amá-lo. A solidão era bem mais segura. Por vezes, pensava sobre o motivo da discussão que levara a prima a ir para a chuva com pneumonia. Ela tomava antibióticos para a bronquite e insistira em tomar o remédio sozinha, sem a ajuda da prima. Mais tarde, Noreen descobrira o frasco escondido debaixo do colchão.

Isadora ficara furiosa com Ramon por ele não tê-la levado à França. Ou, pelo menos, fora o que dissera. Mas a empregada aludira a uma violenta discussão antes de ele partir, e isso nunca voltara a ser mencionado. Pelo menos, não para ela. Ramon havia sugerido algo sobre Isadora querer puni-lo por não ter permitido que ela o acompanhasse. Houvera também a menção a um amante. Apesar dos esforços de Isadora em pintar seu casamento como um modelo de perfeição, Noreen sabia não ser verdade. Estranho como Ramon tentara idealizar o casamento, agora que Isadora se fora.

Noreen se questionava se Isadora realmente pretendia morrer ou apenas subestimara os perigos da dramática exposição ao frio com pneumonia e morrera por isso. Talvez não lhe tivesse ocorrido que os pulmões fracos poderiam entrar em colapso, o que seria fatal. Apesar de viver com um cirurgião durante quatro anos, ela não parecia entender muito de medicina ou de doenças.

Ramon não sabia que Isadora havia, propositadamente, se exposto à chuva e ao frio. A empregada, após encontrar o corpo da patroa, tivera um ataque histérico e não voltara sequer para receber o salário. Noreen nunca mais voltou a vê-la. Então, tudo o que Ramon sabia era que Noreen deixara a prima sozinha e que ela morrera. Nem ele nem os pais de Isadora permitiram que ela contasse sua versão. Ficaram de luto e a amaldiçoaram. Dois anos após o ocorrido, todos ainda a culpavam.

Eles não a amavam claro, nem se importavam com a sua dor pela perda da linda e egoísta prima. Apesar das briguinhas, Isadora e Noreen haviam crescido juntas e sentiam uma afeição mútua. Mas os Kensington expulsaram Noreen de suas vidas. Ficara surpresa quando a tia a convidara para lanchar, na semana do aniversário do tio. Noreen não gostara da conversa artificial. Imaginara que a tia a procurara porque as pessoas comentavam fato de evitarem Noreen e de sua recusa em perdoá-la. Não podia imaginar outro motivo para quererem sua companhia. A tia odiava fofocas.

Fora para o trabalho e conseguira cumprir seu turno, sem maiores dificuldades, mas a falta de ar a preocupava. Naquela tarde, marcou uma consulta com um colega de seu cirurgião para o final do dia. Ele fez alguns exames e auscultou-lhe o coração. Era um homem alto e bonito, com um sorriso fácil e bem-humorado.

— Você é enfermeira. Não sabe quando o coração não está funcionando direito?

— Sei. Mas esperava que fosse devido ao excesso de trabalho. — E é, mas essa válvula está vazando um pouco mais. Você precisa marcar a cirurgia logo. Não quero assustá-la, mas, se essa válvula parar, pode não ter tempo de chegar ao hospital. Com certeza, sabe disso.

Ela sabia. Como poderia falar-lhe das vezes em que pensara no alívio em não ter de enfrentar outro dia do frio antagonismo e acusação de Ramon? Estou morrendo por amor não correspondido, pensou e riu alto pelo pensamento extravagante. Tenho o coração partido, em mais de um sentido.

— Não deve tratar o assunto com leviandade — disse o médico sério, interpretando mal o riso. — Quero conversar com o Dr. Myers, o cirurgião, e marcar a cirurgia. Sua falecida prima foi casada com o Dr. Ramon Cortero. Ele é o melhor cirurgião cardíaco do país. Estudou na Universidade Johns Hopkins. Por que ele não a opera?

— Ele não sabe do meu problema. E não quero que saiba — disse laconicamente.

— Mas por que não?

— Porque ele me odeia. Ele pode deixar escapar algo sobre meu estado e eu perder o emprego. Não posso correr esse risco. Não posso permitir que saibam que estou enfrentando problemas graves de saúde e perder meu seguro.

— Eles não a demitiriam.

— Poderiam — retorquiu. — E eu não poderia culpá-los. Uma enfermeira responsável por pacientes num CTI tem que gozar de perfeita saúde. Tenho perfeita consciência de minhas limitações. Por isso, insisti em ter sempre outra enfermeira nos meus plantões — Ela deu um sorriso débil. — Não disse o motivo, é claro.

Ele balançou a cabeça.

— Você está brincando com fogo. Pode morrer. Ela levantou-se da cadeira.

— Todos morreremos um dia.

Ele também se levantou, franzindo a testa.

— Não espere demais — pediu. — Eles a adoram no Hospital O'keefe. Tenho pacientes internados lá, então sei de todas as fofocas. — Ele observou-lhe o rosto lívido. — Você nunca contou a Cortero por que não estava com a esposa dele quando ela morreu. Por que não?

— Porque ele não quis ouvir. Agora, pouco importa. — Ela afastou uma mecha do cabelo loiro. — É mais fácil para mim que de continue a me odiar. Por favor, não me pergunte o motivo.

— Não perguntarei. Mas prometa tomar providências em breve.

— Prometo. — Ela respirou fundo. — É que eu me preocupo com o tempo que ficarei sem trabalhar. Não sei como sobreviverei.

— Há vários tipos de entidades que podem ajudar. Seus tios mantêm uma ala pediátrica no Hospital St. Mary's. Sem dúvida ajudá-la.

Ela riu.

— Eles me odeiam mais do que o próprio Ramon — contou, e deu de ombros. — Pouco importa. Se eu morrer na mesa de cirurgia, ninguém vai chorar por mim. Ninguém nesse mundo.

Agradeceu e foi embora, apertando a receita que o persuadira a dar-lhe para estabilizar o batimento cardíaco e afinar o sangue. Assim ganharia um pouco mais de tempo antes da cirurgia. Em três semanas, teria o suficiente para pagar dois meses adiantados de aluguel. Se o seguro pagasse oitenta por cento da conta do hospital, como previsto, ela poderia se virar financeiramente.

— VOCÊ PARECE doente — murmurou Brad Donaldson quando ela chegou à ala. Brad era um técnico de enfermagem dos bons. Começara a trabalhar no hospital mais ou menos na mesma época que Noreen, havia quatro anos. Era seu único amigo, embora fosse apenas uma amizade de colegas de trabalho. Brad estava apaixonado por uma jovem médica residente da emergência. Ela o ignorava. O amor não correspondido os unia, embora Brad não soubesse por quem Noreen se consumia.

— Eu me sinto realmente doente — contou.

Ele inclinou a cabeça loura e a observou detidamente.

— Está com uma cor péssima.

— Eu sei. — Noreen respirou fundo. — Vou ficar bem. O médico receitou um remédio para estabilizar o batimento cardíaco.

— Conte para mim.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

— Não. Isso é problema meu. Eu cuido disso.

— Você me preocupa. Por que as enfermeiras nunca admitem que estão doentes?

— Muita força e pouco raciocínio? — aventurou-se e riu. — Ande logo. Temos medicamentos para ministrar, o almoço está a caminho e os médicos vão começar as visitas. Ao trabalho.

— Primeiro as damas — disse ele com afetação.

UM com problemas na válvula foi levado uma hora antes de Noreen terminar seu turno. Ela supervisionou as grades da cama, ligou o oxigênio e o soro, checando o prontuário para verificar os outros medicamentos prescritos pelo cirurgião. Era uma das pacientes de Ramon. Reconheceu a assinatura no formulário.

A mulher abriu os olhos. Parecia pálida, doente e assustada. Noreen colocou a mão em sua testa e suavemente afastou os cabelos grisalhos da pele fria e úmida.

— A cirurgia já terminou. Vamos cuidar muito bem da senhora. Sou Noreen. Caso precise de alguma coisa, aperte este botão. — Guiou os dedos finos da mulher até o botão na grade da cama. — Tudo bem?

— A garganta ressecada — respondeu a mulher com voz rouca. — Tão... Ressecada.

— Alguém da família ficará com a senhora?

— Ninguém — foi à resposta melancólica. Fechou os olhos num suspiro. — Ninguém... Nesse mundo.

O coração de Noreen ficou apertado. Era assim que se sentia e assim ficaria depois da cirurgia: sozinha, sem um amigo sequer para segurar-lhe a mão. Faria a cirurgia na cidade de Macon, para se assegurar de que Ramon não tomasse conhecimento. Então, nem mesmo Brad estaria ao seu lado. Que pensamento desolador!

— Vou pegar um pouco de gelo — prometeu. — Isso há ajudará um pouco. Também está na hora do seu remédio. Vou buscar.

— Obrigada — sussurrou a senhora com voz rouca.

— É minha obrigação — respondeu com um sorriso gentil. Volto já. — Foi até a máquina de gelo e encontrou a esposa de um dos pacientes enchendo um balde.

— Sou supérflua — disse com um sorrisinho cansado. — Ele pode servir-se de suco e pegar o gelo; agora só sirvo para fazer-lhe companhia nos comerciais dos programas de TV.

Noreen pestanejou.

— Gostaria de dar gelo picado à nova no outro lado do corredor? Ela não tem família e está morrendo de sede.

— Adoraria — ela respondeu. — Pobrezinha. Somos tantos em minha família que nos revezávamos a cada hora do dia, mas Saul quer que a gente pare de incomodá-lo para ele poder assistir à novela. — Ela gargalhou. — Não imagina o prazer de vê-lo sentado na cama sorrindo novamente. Achei que fôssemos perdê-lo.

— Ele é forte. Fico contente por ter se recuperado. A Sra. Charles ficará muito agradecida se puder fazer-lhe um pouco de companhia.

— Com o maior prazer. Assim ocuparei meu tempo livre. Elas encheram os baldes de gelo e Noreen levou-a para apresentá-la à senhora idosa. Iniciaram imediatamente uma amizade.

Noreen voltou à sala de enfermagem que compartilhava com outras pessoas em seu turno, parando apenas para tomar um café enquanto digitava informações sobre a Sra. Charles no computador. Brad parou ao lado de sua cadeira.

— Você devia consumir essa quantidade toda de cafeína? — perguntou baixinho para que apenas ela ouvisse. Noreen fez uma careta.

— Não pensei nisso. Não, provavelmente não deveria.

— Você precisa de que cuidem de você, filhinha — brincou, apoiando a mão grande em seu ombro e sorrindo para ela.

Ramon viu o modo como Brad inclinava-se sobre Noreen, o sorriso e a intimidade daquela mão em seu ombro. Foi tomado pela raiva. Parou diante da enfermaria e fitou Noreen, que só notou-lhe a presença tardiamente e parou de sorrir no ato.

— Quero ver a Sra. Charles — disse sem preâmbulos. — Se você dispuser de tempo — acrescentou, olhando com frieza para Brad, que enrubesceu.

— Ela está aqui — disse Noreen, conduzindo-o ao quarto da senhora sem fitá-lo. O comentário fora injusto e indelicado. Ela trabalhava tanto quanto ele. Brad estava apenas sendo gentil, mas não ocorreria a Ramon que alguém pudesse tratá-la com amabilidade. Ele a julgava uma assassina, alguém sem sentimentos.

Entraram no quarto da idosa, que sorriu afetuosa ao ver Ramon.

— Obrigada — disse com voz fraca, estendendo-lhe a mão. — O senhor salvou... Minha vida.

— Foi um prazer — retrucou, apertando-lhe a mão. — Já receitei um remédio para a dor. Tome quando precisar. Não lhe fará mal. À melhor coisa a fazer no momento é repousar. Em um ou dois dias poderá se levantar e começar a caminhar. — Ele franziu a testa. — A senhora tem alguém na família a quem possamos contatar?

Ela sacudiu a cabeça.

— Todos mortos — respondeu triste. — Mas a Sra. Green tem me dado gelo picado. Foi idéia dessa simpática jovem.

Ramon olhou Noreen.

— Poupando-se do trabalho? — perguntou ele em voz baixa, mas num tom acusatório.

Noreen ignorou o comentário e ocupou-se em ajeitar o lençol, cobrindo o corpo magro da Sra. Charles.

— Se precisar, basta chamar.

— Não vou chamar — respondeu gentilmente. — Vocês todos têm sido muito bons para mim.

— É fácil ser gentil com alguém tão amável quanto à senhora — respondeu Noreen, sorridente.

Ramon a examinou. Satisfeito com o resultado, despediu-se animado e fechou a porta.

— Como ousa colocar uma acompanhante para cuidar de outra paciente? — perguntou furioso, tão logo se afastaram o bastante para não serem ouvidos pelos outros.

O coração de Noreen pulou e disparou, perdendo o compasso. Precisava recuperar o fôlego antes de responder.

— Não foi isso. O marido da Sra. Green deve receber alta a qualquer instante e não a quer plantada ao lado dele. Ela queria manter-se ocupada e não tenho tempo para dar gelo picado aos pacientes a cada cinco minutos. Conheço o meu trabalho. Não precisa me dizer como proceder, doutor — acrescentou deliberadamente. — A Sra. Green ofereceu-se. Eu não pedi.

A explicação era razoável, mas ele estava furioso com a intimidade entre ela e Brad, e ainda mais furioso por se importar com isso.

— Espero que o prontuário de minha paciente seja mantido atualizado constantemente. Se houver alguma alteração, quero ser notificado. Não me interessa se forem três da manhã. — Ela apertou o prontuário contra o peito. — Ela tem arritmia. Esperou tempo demais para se submeter à cirurgia. O estado dela era crítico. E ainda é. Cuide bem dela.

— Pode deixar. — Saber como o tempo era crucial numa operação de válvula a deixava nervosa. E se ela estivesse esperando demais? Ela, mais moça que a Sra. Charles, também tinha arritmia...

Ramon percebeu a respiração ofegante sob o jaleco de algodão florido que as enfermeiras preferiam ao uniforme todo branco. Franziu o cenho.

— Você está passando bem? O batimento do seu coração está... Estranho. — Mais estranho bateu graças à observação. A respiração saía afobada.

— É por ficar tão perto do senhor — murmurou num tom de voz dramático, mas tão baixo que ninguém mais podia ouvir. Arregalou os olhos. — É tão excitante — disse num tom teatral.

Ele murmurou algo em espanhol que, felizmente, ela não entendeu, virou-se e desceu o corredor a passos largos. Ela suspirou aliviada. Bem, sobrevivera àquele inesperado ataque de curiosidade. Como ele percebera seu batimento cardíaco? Com certeza, lhe conviria que seu coração parasse de vez.

CAPÍTULO QUATRO

O ESTRESSE causado pelo agravamento de seu estado e a pressão no trabalho derrubaram Noreen dois dias depois. Ela não conseguia sequer levantar a cabeça, quanto mais trabalhar. Ligou avisando que pegara uma gripe forte e prometeu voltar em dois dias. Na verdade, só teria um dia livre, pois sua folga caía no dia seguinte. Muito pouco tempo para se recuperar. Talvez fosse consequência do excesso de trabalho e não da válvula.

Brad foi visitá-la depois do expediente para levar-lhe sopa e um sanduíche. Ela estava tão fraca que mal conseguiu andar até a porta e ficou sem ar ao voltar para a cama seguida por Brad.

— Isso não pode continuar assim — disse ele sobressaltado. — Vai acabar se matando caso não se submeta à cirurgia.

— Eu preciso... De três semanas a mais para... Juntar dinheiro — explicou pálida e ofegante devido ao esforço. — Aí posso pagar meu aluguel enquanto... Recupero-me.

— Sua idiota teimosa. Será que sua família não percebe algo de muito errado em você?

— Só tenho meu tio e minha tia, e eles nunca me encontram. Meus pais morreram a muitos anos, num acidente de carro.

— Eles criaram você. Não acredito que não lhe dêem a mínima.

— Acho que davam, antes de Isadora morrer — acrescentou triste. — Gostaria de poder mudar o passado. Queria tanto, mas não tem jeito.

— Pobrezinha rejeitada — disse severamente. Acariciou-lhe a mão. — Consegue comer? Trouxe sopa e um sanduíche.

— Obrigada. Comerei à noite. No momento, acho que não consigo manter nada no estômago.

— Deixe-me ligar para o cirurgião. Ela sacudiu a cabeça.

— Ainda não. Estarei melhor amanhã de manhã. Eu sei. E só preciso voltar ao trabalho daqui a dois dias. Com certeza, nesse período...

— Pelo menos repouse — implorou Brad. — Não faça esforço.

— Não farei.

Ele permaneceu mais alguns minutos, mas precisava retornar ao trabalho. Ela sentiu-se mais sozinha do que nunca quando ele fechou a porta. Não tomou a sopa. Dormiu o tempo todo. E embora se sentisse melhor à tarde, conseguindo movimentar-se com mais facilidade, estava longe da recuperação. O tempo urgia.

UMA TEMPESTADE abateu-se sobre a cidade na manhã em que voltou a trabalhar. Ao sair do prédio ouviu um miado; uma gatinha com frio, trêmula, com as costelas aparecendo de tão magra, debaixo da cerca viva.

— Tadinha. — Abaixou-se para pegá-la. Ela ronronou e esfregou a cabecinha em seu queixo. Noreen a fitou com um sorriso pesaroso. Não eram permitidos animais no prédio, mas com certeza um único filhotinho... Enfiou-a dentro do casaco e subiu as escadas até seu apartamento, chegando ao seu andar ofegante. Colocou a gatinha na cozinha e serviu-lhe leite e um restinho de carne moída. Forrou a tampa de uma caixa com jornal e trancou-a na cozinha, torcendo pelo melhor. Se fosse despejada, talvez pudesse encontrar outro apartamento, mas não podia deixá-la no frio.

Teria companhia, pensou e uma sensação prazerosa subiu-lhe no peito ao entrar no carro. O motor andava rateando, mas não podia pagar o conserto. Cuidaria disso depois da cirurgia. O carro não pegou. Precisou permanecer sentada e descansar um pouco para recuperar o fôlego antes de ir até o ponto do ônibus.

Não se lembrava de outro dia mais comprido. Disse aos colegas de trabalho que pegara gripe, mas agora duas das enfermeiras de sua ala faltaram por causa da gripe. A equipe reduzida obrigou Noreen a trabalhar dois turnos. As horas extras não podiam ter chegado em hora mais inadequada.

— Isso é ridículo — resmungou Brad, observando-a recostar-se na parede da sala de café para recuperar o fôlego. — Desse jeito você vai pifar.

— Preciso trabalhar — disse, os olhos tão esgotados quanto o corpo. — Não há mais ninguém para chamar e tirei dois dias de folga, você sabe.

Ele estudou-lhe a face lívida.

— Sua aparência está pior do que quando a visitei.

— Obrigada. Você também está maravilhoso. Ele riu.

— O que faço com você?

— Não tem mais o que fazer?

— Era o que eu ia perguntar — disse uma voz profunda, que veio da direção da porta. Ambos voltaram-se e descobriram Ramon Cortero fitando-os com a prancheta na mão. — Algum de vocês trabalha aqui? Quero saber por que meu paciente não tomou a dose de afinador de sangue às 17h. — Ele sacudiu a prancheta para ela.

Noreen demonstrou surpresa, a mente tão cansada quanto o corpo.

— Qual paciente?

— O Sr. Hayes — retrucou tenso. — São oito da noite. Você está muito devagar.

— Sinto muito. — Afastou-se da parede. — Vou dar o remédio agora mesmo.

— E vou examinar os prontuários dos meus outros três pacientes enquanto faço as visitas — disse ele, zangado —, para me certificar de não ter havido outros... Lapsos. — Fitou Brad e seguiu-a.

— Não foi culpa de Brad — argumentou.

— Sei disso — respondeu ele, os olhos faiscando. — Como a maioria dos homens, ele é vulnerável a flertes.

Ela cerrou os dentes com força.

— Eu não flerto.

— Chame do que bem entender. Vou esperar enquanto você pega a medicação do Sr. Hayes.

Ela buscou o remédio, ainda com os dentes trincados. Ele tinha razão; ela estava lenta e isso poderia ter tido sérias repercussões. Se não estivesse cobrindo o turno de outra pessoa, após dois dias de cama, nada disso teria acontecido. Ela deu a dose do Sr. Hayes e examinou novamente todos os outros arquivos. Os sinais vitais estavam devidamente anotados, mas esquecera de medir o volume de urina de um. Teve vontade de gritar para desabafar.

— Não vou reportar seu lapso — disse Ramon ao terminar as visitas —, mas cometa um só erro e irei direto ao administrador. Não quero colocar a vida de meus pacientes em risco por causa da incompetência de uma enfermeira.

— Não sou incompetente — ela disse, tentando se defender.

— Vá se divertir com Brad Donaldson no seu tempo livre — acrescentou.

— Eu não estava...

Ele não quis ouvir mais desculpas. Saiu a passos largos da ala, o corpo esbelto agitado pela irritação.

Noreen precisou engolir as lágrimas. Ele parecia odiá-la cada vez mais. Nada mudaria sua opinião a respeito dela. Brad saiu do quarto de um doente, após instalá-lo no aparelho de inalação, e olhou em torno.

— Ele já foi? — perguntou esperançoso.

Ela assentiu. Puxou o cabelo para trás e balançou a cabeça.

— Não sei o que fazer. Cometi um erro terrível. Alguém podia ter morrido.

— Não por ter tomado uma dose de remédio um pouco atrasado — disse ele, confortando-a.

— Eu deveria ter prestado mais atenção.

— E eu sou seu assistente. — Ele colocou um braço afetuosamente ao seu redor. — Anime-se, garota. Você vai superar essa fase.

— Puxa, espero que sim — disse exausta, olhando para o relógio. — Mais uma hora e posso ir para casa.

— Marque um horário com o cirurgião — disse Brad, sério. — Você está correndo risco de vida.

Os ombros dela caíram.

— Acho que vou marcar sim. Talvez esse dinheiro extra não tenha tanta importância. Você gosta de gatos? — perguntou confiante.

Ele sacudiu a cabeça e sorriu.

— Sou alérgico. Por quê?

— Ah, nada. — Ainda precisava pensar no que fazer com a gata. Talvez pudesse dá-la a outro colega de trabalho. Terminou suas obrigações e saiu depois de fazer um resumo do dia para a enfermeira que a rendeu. Ainda chovia a cântaros e fazia muito frio, mas ela continuou a ouvir as palavras mordazes de Ramon durante todo o caminho e nem notou os pingos gelados no rosto.

RAMON VOLTOU à ala menos de meia hora depois de Noreen ter partido, para checar pela última vez os pacientes antes de ir para casa. Examinou cuidadosamente o homem cujos armadores de sangue haviam sido ministrados com atraso e notou que ele melhorara. Estava vagamente perturbado com a agressividade em relação à Noreen. Ela não costumava perder a hora dos remédios nem ignorar as anotações nas fichas. O que teria acontecido?

Brad saía do quarto do último paciente com seu equipamento quando viu Ramon à espera. Aprumou os ombros, preparando-se para uma discussão, pois o cirurgião parecia mais assustador do que nunca com aquela expressão de raiva no rosto magro.

— Por que Noreen não deu o remédio no horário certo? — perguntou sem rodeios.

— Porque ela esteve doente dois dias e precisou cumprir dois turnos hoje. Duas das enfermeiras estão gripadas.

O rosto de Ramon contorceu-se.

— Entendo.

Brad procurou os olhos do homem mais alto.

— Você devia prestar mais atenção a Noreen — retrucou baixinho.

— O que quer dizer?

Brad queria tanto contar-lhe, mas era um segredo de Noreen, não dele.

— Deixe para lá. Não é da minha conta. — Ele acenou e seguiu seu caminho.

Ramon registrou suas anotações e foi para casa. Mas ao estacionar na garagem, soube que não conseguiria dormir sem pedir desculpas a Noreen. Com um suspiro resignado, deu marcha a ré e dirigiu os poucos quilômetros que o afastavam do prédio onde ela morava.

Ela pareceu chocada ao ouvi-lo no interfone, mas abriu a porta do prédio. Esperava na porta quando ele subiu o lance de escadas. Era um prédio modesto, com apenas quatro apartamentos, mas limpo e não demasiadamente espartano.

— O que você quer? — perguntou, fechando o roupão de xadrez azul até o pescoço. Estava descalça e descabelada, como se tivesse acabado de sair da cama. Não era possível; não passava de 21h30.

Foi direto ao ponto:

— Donaldson me disse que você trabalhou dois turnos. Eu não sabia.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— E faz diferença? Tirar conclusões erradas a meu respeito parece ser sua melhor forma de entretenimento.

Ele franziu o cenho.

— De qualquer modo, não gosto de repreendê-la... — Parou ao ouvir um som baixo vindo de dentro do apartamento. — O que é isso?

Ela fez uma careta, rapidamente espreitando o corredor e as escadas. Fechou ainda mais o roupão e recuou.

— Entre, por favor.

Ele entrou na pequena combinação de sala de estar e de jantar e ela fechou rapidamente a porta, no exato momento em que uma bolinha de pelo saiu miando e andando em círculos na cozinha. Ele fitou-a boquiaberto. A coisinha era menor que seu pé, parecia não ter ainda desmamado e estar subnutrida. Ela abaixou-se e pegou o animalzinho, aconchegando-o debaixo do queixo. A gata ronronou.

— Não são permitidos animais — explicou. — Mas não podia deixá-la na chuva, no frio. É tão pequeninha.

Naquele instante, ele começou realmente a ter dúvidas sobre a participação de Noreen na morte de Isadora. Não conseguia afastar os olhos daquela gatinha em seus braços. O coração dela era mole. As pessoas sempre se impunham a ela, pois Noreen se comovia com histórias tristes. A tia costumava reclamar da quantidade de animais abandonados que Noreen levava para casa e que, depois de cuidados, eram dados a pessoas que os tratariam bem. Os tios não gostavam de animais, então nunca lhe permitiram ter um. Mas isso não a impedia de resgatar os rejeitados do mundo.

Essa lembrança o incomodou, pois mostrava quem ela era. Ela não abandonaria um filhote à própria sorte; então, como pudera imaginar que sacrificaria a prima querida? Destoava tanto de seu temperamento que ele ficou atônito por tê-la culpado pela morte de Isadora.

Noreen notou a súbita palidez no rosto bronzeado e aninhou mais ainda o filhote.

— O que você quer? — perguntou com olhos acusadores. — Estou muito cansada e preciso dormir.

Ele a observou com um olhar diferente. O rosto pálido, manchas no rosto, a respiração acelerada, irregular. Podia ver o coração batendo também irregular contra o tecido do roupão. Algo de muito errado estava acontecendo.

— Você foi ao médico?

— Por causa de um vírus? — riu, blefando. — Por que incomodaria um médico com algo que vai desaparecer sozinho?

— Estou com minha maleta no carro.

O coração já irregular bateu ensandecido à simples idéia de ele auscultar-lhe o coração.

— Já tenho médico — disse por entre os dentes. — Além disso, o que o faz supor que eu deixaria você me examinar, mesmo que estivesse à beira da morte? —

acrescentou em tom amargo. — Jamais confiei em você com um bisturi na mão. Você poderia não resistir à tentação.

A inspiração aguda foi audível.

— Como ousa? — perguntou ele com os lábios cerrados. Ela estava doente demais para se deixar intimidar por aquele olhar feroz.

— Estou cansada — disse, recuando. — Poderia, por favor, ir embora e deixar-me dormir?

Ele hesitou. Algo estava errado e ela não confiava nele o suficiente para contar. De repente, sentiu-se menos seguro. Sentiu-se também culpado, embora desconhecesse o motivo. Examinou-a com indisfarçável curiosidade, observando-lhe a magreza, as olheiras.

— Você está doente — exclamou baixinho, como se tivesse acabado de perceber.

— Estou cansada — ela repetiu. — Devia ter ficado mais um dia na cama depois da infecção viral e trabalhei muito. Amanhã estarei em forma. Tampouco preciso de um médico que me diga isso. — As maçãs do rosto estavam proeminentes. Tinha uma boca adorável, tamanho e formato perfeitos. A pele era clara e levemente corada. Ele notou o cabelo preso num rabo de cavalo e voltou a se perguntar como seriam se os soltasse.

— Por favor, vá embora — ela pediu novamente, nervosa. Ele não queria partir. Estava sinceramente preocupado com ela.

— Faça ao menos um check-up.

— Farei, mas não hoje. Agora posso dormir, por favor? Ele emitiu um ruído e girou nos calcanhares.

— Caso não se sinta melhor amanhã de manhã, fique em casa — sugeriu com grosseria.

— Não me dê ordens — disse, calma. — Farei o que bem entender.

Ele olhou por cima do ombro. Ela sempre fora discreta, porém nada podia encobrir o fato de ser uma mulher espirituosa, inteligente e independente. Isadora atendia a seus desejos, inflara seu ego, a princípio alimentara-lhe a paixão até obcecá-lo. Mas não era inteligente e nunca discutia de igual para igual. Era dada a fazer biquinho e cair doente para atrair simpatia. E nunca sujaria as mãos com um filhote molhado. Os pensamentos o chocaram. Como podia ser tão desleal com a única mulher que amara?

— Boa noite — disse, tenso. Saiu e parou por um instante. — Tranque a porta. — Ela olhou para suas costas. Bateu a porta e trancou-a. Recostou-se na parede, mal conseguindo respirar.

Os joelhos tremiam. Por que ele viera? Teria realmente a consciência pesada o induzido a visitá-la? Não conseguia imaginar o que o trouxera à sua porta. Ele a odiava tanto que ela jamais esperaria que viesse à sua casa. Nunca viera antes.

A CAMINHO DE casa, Ramon também questionava seus motivos. Não saía de seu pensamento o modo espartano como ela vivia a ausência de enfeites, a mobília simples. Obviamente vivia do seu salário, sem ajuda dos tios. Seria opção sua ou eles simplesmente a ignoravam, agora que a filha se fora? Não conseguia esquecer que eles a culpavam tanto quanto ele pela morte de Isadora.

Preocupou-se tanto que, da próxima vez em que encontrou os Kensington, num jantar de negócios, perguntou-lhes como Noreen se sustentava.

— Ela ganha um bom salário — disse Mary, arrogante. — Além do mais, não lhe devemos nada. Ela foi responsável pela morte de nossa filha. Como pode se importar com o modo como vive?

— Ela tem uma gatinha vira-lata no apartamento. Mary gesticulou com a mão.

— Noreen e aqueles animais nojentos. Sempre os trazia para casa. Nem consigo me lembrar quantas vezes tivemos que ir ao veterinário.

— Ela sempre foi muito coração mole — concordou Hal. — Puxou ao meu irmão — lembrou-se com tristeza. — Ele também era bondoso.

Os olhos escuros de Ramon estreitaram-se.

— Então por que uma mulher tão bondosa abandonaria a prima doente?

Ambos pareceram atônitos.

— Não pensaram nisso, não é? Agora façam a si mesmos outra pergunta: Noreen, uma enfermeira formada, é insensível a ponto de deixar um ser humano morrer, ainda mais alguém querido?

O casal apenas o fitou, sem falar. Dois anos depois do ocorrido, finalmente conseguiam pensar racionalmente. Talvez, logo depois da morte da filha, não conseguissem pensar em nada.

— Vocês têm encontrado com ela?

— Convidamos Noreen para lanchar uma semana antes do aniversário de meu marido — admitiu Mary. — As pessoas começavam a comentar. Por quê?

— Acho que ela está doente. Está pálida e perde o ar ao menor esforço. Sabem se ela tem um médico?

— Ela não viveu em nossa casa muito tempo — disse Mary —, então não sabemos muito de sua vida particular.

— Alguma vez ela fez um exame físico completo? Ambos fitaram-no sem expressão.

— Bem, ela sempre foi tão saudável... Não achamos necessário — respondeu Mary, na defensiva.

Ele não fez mais perguntas, entretanto, pensou a respeito e resolveu visitar um amigo no departamento de pessoal do hospital. Perguntou se ela fora submetida a um check-up completo no exame de admissão.

— Suponho que sim, mas não o encontro. — Franziu a testa examinando a tela do computador. — Talvez esteja em outro lugar. — Deixe para lá — disse, desistindo. —

Não devia ter nada. Se tivesse, as novas leis não permitiriam que a excluíssemos com base numa doença preexistente.

— Claro. — Ramon agradeceu e saiu, prometendo a si mesmo investigar até o fim o estranho comportamento dela e qualquer segredo de saúde que pudesse estar escondendo. Não podia examiná-la a força, mas podia observá-la. Passou mais tempo no O'keefe na semana seguinte. Podia agir assim sem atrair atenção, pois tinha vários pacientes em recuperação internados no hospital.

Conseguiu ficar parado perto dela enquanto examinavam a ficha da Sra. Green. Ouviu o som ofegante da voz, viu o palpar da pulsação na gola da blusa. A palidez agora era evidente, bem como as olheiras e a fraqueza manifestada na falta de ânimo. Apesar dos motivos nobres, supôs que Noreen pudesse estar excitada devido à proximidade. Lembrou-se da declaração provocante de que ele era responsável pelo batimento cardíaco acelerado. Ele levava a sério. Parecia ser verdade. Ela reagia visivelmente quando ele estava por perto e não apenas por alguma doença começar a se manifestar.

Isso o perturbou, pois ele parecia tão vulnerável quanto ela. Pegou-se admirando a elegância das mãos de dedos longos, a pele impecável do rosto oval, o formato delicado da boca. Ele se obrigara a nunca prestar atenção nela enquanto Isadora vivia, mas, aos poucos, começou a se lembrar de certos detalhes. Como ela corava quando ele a olhava, mesmo que de modo indiferente. Como ela o evitava quando morava com os tios. Como parecia nunca falar com ele, a não ser no trabalho. Ela traía os sentimentos que experimentava por ele centenas de vezes ao longo dos anos e ele, deliberadamente, recusara-se a reparar. Até aquele momento.

Ele esquadrihou-lhe os olhos, sem piscar, e viu as pupilas dilatarem. Ela era vulnerável e ele queria protegê-la. Não sentia isso por Isadora. Desejara a esposa com obsessão, a amara, mas ela não era a mulher que fingia ser quando ele a cortejava. Depois de casados, discutiam sem cessar sobre sua necessidade de companhia, de festas e reuniões sociais. Ela se recusa até mesmo a discutir a vontade de Ramon de ter um filho. Não queria assumir responsabilidades. Ele fechou a cara ao se recordar.

Não precisa me olhar de cara feia — murmurou Noreen desviando o olhar para a ficha que segurava. — Nunca mais atrasei o horário dos remédios.

— Não é isso — disse devagar. Os olhos caíram no ritmo irregular do jaleco, refletindo a respiração ofegante. Ela afastou-se, pois o contato com o corpo alto e elegante mexia demasiado com ela.

— Quer examinar alguma outra ficha? — inquiriu insegura. Ele enfiou as mãos nos bolsos do jaleco branco e a encarou sem sorrir.

— Quero que vá ao médico e faça um check-up geral — disse, de repente, forçando os olhos alarmados a encontrarem os seus. — Você está tentando esconder uma doença, mas não funciona. Não pode continuar desse jeito.

Ela ficou muda ao fitá-lo boquiaberta.

— Eu... Eu fiz um check-up — gaguejou confusa com o interesse dele em sua saúde.

— E?

— Meu médico disse que preciso de mais vitamina B-12 na dieta e me deu um vidro de pílulas de ferro — mentiu.

Ele olhou para ela, zangado.

— O que não explica isso. — Tocou-lhe de leve o pescoço onde a veia pulsava irregular.

Ela deu um pulo para trás, tão perturbada com o toque que ficou vermelha. — Dr. Cortero, não sou obrigada a discutir minha saúde com o senhor. Não é meu médico!

— Não, mas faço parte do quadro de médicos do hospital, listou ordenando que faça outro check-up e vou logo avisando que pedirei uma cópia do resultado. Você está colocando em risco não apenas os pacientes sob seus cuidados, mas sua própria saúde adiando o exame.

Ela desejou responder no mesmo tom. Ele era muito perceptivo. Sabia que não era com ela que ele estava preocupado. Não queria que nada acontecesse a seus pacientes. Que tolíce acreditar, por um instante sequer, que o Dr. Cortero pudesse olhá-la com o carinho e a preocupação demonstrados à amada esposa. Olhou os sapatos brancos de amarrar.

— Está bem — disse, exausta, cansada de discutir o inevitável. — Você venceu.

— Isso não é uma competição — disse solene.

— Não? — perguntou, o tom de voz exausto de dor e derrota. — Vou telefonar para o meu médico.

— Fico contente por ter percebido a gravidade do caso.

— Não se preocupe — disse, erguendo o olhar. — Não colocarei propositadamente em risco seus pacientes.

Ele olhou-a zangado.

— Não é esse o motivo...

— Com licença — disse ela formalmente. — Tenho muito trabalho antes de sair. — Pegou a ficha e caminhou para a enfermaria, sem olhar para trás.

Ramon viu-a partir com sentimentos contraditórios, mais confuso do que nunca em toda a sua vida. Noreen não se permitiu vê-lo deixar a ala. Passara tantos anos morrendo de amores por Ramon que considerava normal o desprezo por ele demonstrado. Só estava preocupado com sua saúde por causa dos pacientes, e era bom lembrar-se disso. Estava velha demais para ficar sonhando acordada, fantasiando.

Por outro lado, ele tinha razão sobre seu estado de saúde. Apenas adiava o inevitável. Foi para casa e ligou para o cirurgião em Macon. Marcou a cirurgia para a semana seguinte.

CAPÍTULO CINCO

NOREEN tomou uma xícara de café puro no desjejum. Precisava ir ao trabalho, mas não sabia como agüentaria sobreviver u mais um dia. Olhou-se no espelho do banheiro e viu o rosto pálido e contraído. A arritmia piorara. A respiração saía entrecortada; mal conseguia respirar direito. Ainda bem que marcara a cirurgia. Olhou para o filhote que a seguia por toda a parte. Tinha que arranjar alguém para cuidar dele enquanto estivesse fora. Recusava-se a pensar em sua situação financeira por enquanto.

Apoiou-se na pia e baixou a cabeça. Difícil raciocinar quando as batidas irregulares do coração ressoavam em seus ouvidos, assustando-a. O cirurgião garantira ser, hoje em dia, uma operação simples e comum. Ela gozava de boa saúde, era guerreira e ele tinha certeza de que tudo correria bem. Claro que sim, tranqüilizou-se. Bem que gostaria de ter pedido a Ramon que a operasse. Ele era o melhor na área. Mas ela achava que ele recusaria. Odiava-a demais.

SAIU DE casa e tudo parecia dar errado. O carro não ligou, o que não era novidade. Ouviu o som da bateria morrendo e lembrou-se que o mecânico que recarregara a bateria recentemente avisara para trocá-la. Vinha poupando, na esperança de que a bateria durasse um pouco mais. Bufou examinando o relógio. Precisaria correr para pegar o ônibus, pois já estava atrasada.

Desligou o motor e bateu a porta com força, esquecendo, na pressa, as chaves e a bolsa dentro do carro. Desesperada, olhou a bolsa através do vidro. A carteira, os cartões de crédito, as chaves do apartamento; tudo seu estava ali.

Bem, uma coisa de cada vez. O bairro era seguro e os donos do prédio em que morava cuidavam dos carros. Deixaria para se preocupar com o carro e a bolsa depois. Na capa de chuva, tinha dinheiro para pegar o ônibus e comer alguma coisa no trabalho. Não precisaria das chaves até voltar para casa e, de qualquer modo, o proprietário tinha uma chave mestra e morava no térreo.

Andou com dificuldade até o ponto lotado na esquina e entrou no ônibus que a deixaria na porta do hospital. Outra manhã fria e chuvosa. Preocupada em chegar a tempo no trabalho, não notou que a respiração ofegante, que costumava se acalmar depois de um tempo, não se acalmara. Ela mal conseguia respirar. O batimento cardíaco estava diferente, estranho, assustador. Viu as pessoas ao seu redor, numa bruma que se tornou cada vez mais clara até desaparecer.

RAMON JÁ estava preparado para mais um dia de trabalho no St. Mary quando trouxeram para a sala de emergência uma pobre coitada, da qual não tinha nenhuma

informação. Um de seus colegas já fizera o procedimento de cateterismo que indicara uma válvula cardíaca com regurgitação totalmente deteriorada. Teria que substituí-la por uma prótese e esperar que a mulher não tivesse problemas de saúde que pudessem complicar a cirurgia. Não fazia idéia dos medicamentos tomados ou de seu estado físico além dos problemas cardíacos. Era arriscado operar uma desconhecida, mas não tinha escolha.

A máscara de oxigênio já lhe cobria o rosto quando a equipe se reuniu e ele se preparou para iniciar a cirurgia. A pele era alva, rosada e sedosa, e ele apiedou-se ao pensar na enorme cicatriz depois que ele abrisse e fechasse a caixa torácica.

A cirurgia demorou quase quatro horas. Ramon esticou-se com dor nas costas, satisfeito não apenas com a cirurgia em si, mas com os pontos ao fechar a incisão. Teria uma cicatriz fina. Mais tarde, se ela pudesse pagar, recomendaria um bom cirurgião plástico. Nada sabia de sua vida. Podia ser uma mendiga. A única parte que vira havia sido a pele alva e macia. Tinha um coração forte e os pulmões em excelentes condições, à exceção de uma leve bronquite. Fora isso, parecia gozar de boa saúde.

Ela foi levada ao CTI e ele foi cuidar do próximo caso, sem pensar na identidade da paciente. Horas depois, ainda trajando seu uniforme de cirurgia, foi ver a jovem cuja vida salvara. Ela estava ligada às máquinas, o tubo de respiração ainda na boca. Ao ficar ao lado da cama, o coração de Ramon quase parou. Um técnico de enfermagem o observou, curioso. Sabia que o sangue lhe fugira da face. Era Noreen. Desmaiara devido a um problema em uma das válvulas cardíacas. Sofria do coração e ele não sabia. Ninguém sabia.

Fora de sua calma habitual, fez sinal para a enfermeira do andar.

— Fui informado de que a identidade dessa mulher era desconhecida — disse com irritação.

— Ela não trazia nenhuma identificação.

— É prima da minha falecida esposa — esbravejou, o punho cerrado. — Jamais a teria operado se soubesse quem era.

Ela ficou abalada com sua raiva e recuou.

— Estou segura de que ninguém sabia. Pensamos que fosse uma indigente.

— Ela é enfermeira — interrompeu-a, irritado. — Trabalha no CTI do centro cirúrgico do O'keefe. — Enquanto falava, recordou-se do modo injusto como tratara Noreen, gravemente enferma e escondendo de todos a doença. Odiou-se ao pensar na injustiça. Ela poderia ter morrido. — Como ela chegou aqui? — perguntou à enfermeira. — E sem nenhuma identificação? Com certeza, tinha uma carteira.

— Não sei.

Ele observou o rosto pálido, cansado, sem expressão devido à anestesia. Olhou a pequenina mão da qual pendiam tubos. As unhas curtas, redondas, sem esmalte. Mãos elegantes, mas eficientes. Um problema cardíaco, uma válvula defeituosa. E não contara. Por quê? Teria tido medo de deixar que a operasse, receosa de que seu desprezo e antipatia pudessem interferir? Era torturante pensar naquilo.

— Vou ver se descubro como chegou aqui — disse a enfermeira.

— Esqueça. — Girou nos calcanhares, impaciente. — Eu mesmo descubro. Avise se houver qualquer alteração no quadro.

— Sim, doutor.

Ele parou para examinar outro de seus pacientes e, com um último olhar preocupado em direção a Noreen, desceu até a sala de emergência. Levou alguns minutos para descobrir que Noreen desmaiara no ônibus e havia sido levada para a emergência numa ambulância, sem nenhum documento de identificação. Possivelmente, ao desmaiar, alguém lhe furtara a carteira, supôs. As roupas que usava estavam num saco plástico que deixou no carro, planejando levá-las para o apartamento dela. Não tinha a chave, então procurou o proprietário do prédio.

— Notei que ela trancou as chaves no carro hoje de manhã — disse o homem, num tom seco — A bolsa e tudo mais. Eu a vi sair apressada para pegar o ônibus. Precisou correr. Imagino que esteja chateada.

— Ela escapou por um triz — disse Ramon laconicamente. — Foi submetida a uma cirurgia cardíaca hoje de manhã. Ficaré fora vários dias.

O proprietário ficou chocado.

— Uma moça tão boa, tão quieta... — comentou. — Sempre tem uma palavra gentil e um sorriso para todos. Vamos sentir falta dela. Por favor, diga que eu e minha mulher desejamos que se recupere logo e que cuidaremos do apartamento até ela voltar. O senhor deseja pegar alguma coisa?

— Talvez mais tarde, depois que tiver falado com ela. — Ele teria não apenas que pegar as coisas dela, mas também a gatinha. Ela morreria se ficasse abandonada. Além do mais, Noreen não queria que o proprietário soubesse da existência dela. A posse de animais ia de encontro ao regulamento do prédio.

— Se precisar de alguma coisa, basta me procurar. O senhor é parente dela?

— Sou — respondeu sem maiores explicações. Saiu com a intenção de ir para casa jantar. Mas não conseguiu. Involuntariamente, tomou o rumo do hospital.

ELA AINDA não havia recobrado a consciência. Não era raro, mas ele se preocupou. Examinou-a cuidadosamente com o estetoscópio, percebendo o ritmo uniforme da nova válvula de metal que fazia um som suave de chink-chink ao abrir e fechar. A válvula duraria vários anos e a qualidade de vida melhoraria, pondo fim à falta de ar ao menor esforço, aos batimentos irregulares e à fadiga.

Franziu a testa, pensando em quando ela descobrira ser portadora dessa deficiência. Com certeza fora avisada e consultara um médico quando passou a ter problemas. A julgar pela condição da válvula, era impossível ela não ter notado que algo ia mal. Sua palidez o alertara sobre um problema físico. Aquela curiosidade levou-o a outras. Sentou-se na cafeteria, comendo sem sentir o gosto da comida. A mente continuou a vaguear. Por que nunca contara a ninguém? Sofrerá alguma crise grave? Por acaso os tios sabiam que algo não ia bem? Eles se importaram?

Não podia deixar de notar a diferença de tratamento dos Kensington desde a morte da filha. Como ele próprio, jogaram a culpa em Noreen. Nenhum deles pensou em outra hipótese, exceto negligência, como a causa do falecimento de Isadora. Mas o estado atual de Noreen dava margem a novas suposições.

Terminou de comer, ergueu-se e observou o relógio. Oito horas antes, operara Noreen. Pegou o elevador dos funcionários e foi direto para o cubículo onde Noreen fora instalada. Examinou os diversos monitores aos quais estava conectada. Tudo parecia sob controle. Então por que não recobrava a consciência? Inclinou-se sobre ela.

— Noreen.

Imediatamente os olhos se abriram. O coração dele pulou diante da inesperada, mas satisfatória reação. Os olhos seguiram o rosto moreno curiosamente, como se ela ainda não tivesse recobrado toda a consciência. Ainda continuava sob efeito da anestesia. Ele examinou-lhe as pupilas, pediu um estetoscópio emprestado à enfermeira e ouviu o ritmo constante do coração e dos pulmões. Ergueu a cabeça e buscou-lhe os olhos, percebendo que o tubo de respiração fora retirado.

Ela tentou engolir.

— Tão... Seca. — A voz soou fraca e vacilante.

Ele encontrou o algodão usado para umedecer os lábios, tirou-o do pacote esterilizado e colocou-o dentro de sua boca.

— É o anestésico que deixa um gosto ruim na boca e a garganta ressecada. Vai passar.

Ela pareceu relaxar.

— O que você está fazendo aqui? — conseguiu perguntar, meio tonta.

— Não sabiam quem você era quando a trouxeram para a sala de cirurgia. Eu a operei. — Ela franziu a testa.

— Antiético — sussurrou. Ele deu de ombros.

— Eu não vi seu rosto, não fazia idéia de que fosse você. Ela encontrava dificuldade em manter os olhos abertos.

— O Dr. Myers vai... Ficar... Zangado.

— Myers?

— Do Hospital Geral de Macon. Ele... Ia me operar... Na semana que vem. — Voltou a adormecer, exausta da cirurgia e do esforço de falar. Também sentia dor. As enfermeiras haviam ministrado um analgésico por ele prescrito. Ele se afastou da cama com um suspiro. Aproveitando estar no CTI, examinou outro paciente.

ELA DORMIRIA a noite toda, ele tinha certeza. Foi para casa e, num impulso, procurou o telefone de um cirurgião chamado Myers em Macon. Encontrou o homem sem maiores dificuldades. Quando este soube quem estava ao aparelho, ficou atônito.

— Ouvi falar de você — disse a Ramon. — Você é bastante conhecido. Está ligando a respeito de algum paciente meu?

— A prima da minha falecida mulher, Noreen Kensington.

— Ah, Norie — assinalou com um sorriso na voz. — Difícil mandar a menina para a mesa de cirurgia, se entende a que me refiro. Eu visitava um velho amigo num prédio chique em Atlanta há dois anos quando o porteiro encontrou uma jovem desmaiada nas escadas e pediu socorro, depois de ter ligado para a ambulância. Eu a examinei e acompanhei-a ao hospital da cidade, onde expliquei o caso ao médico da emergência. Ele pediu raios X e imediatamente constatamos um problema. Ela estava consciente e confusa, e fizemos um eco cardiograma. — Ele suspirou. — A válvula apresentava leve regurgitação e recomendei a cirurgia, mas ela estava lúcida o suficiente para opor-se. Não parava de balbuciar palavras desconexas sobre a prima que, aparentemente, ficara na chuva e que precisava voltar. Achei seu estado preocupante, então a sedei e a mantive no hospital aquela noite até o quadro se estabilizar.

Enquanto Isadora morria... Ramon fechou os olhos. Então não fora negligência. Noreen havia desmaiado.

— Ela teve um ataque cardíaco?

— Pode ter sido, mas leve, embora o eletrocardiograma não acusasse nada. Ela se recobrou e recusou-se a ser operada, mas insisti em manter o controle. A cada três meses, eu a examinava. Há cerca de um mês, a regurgitação começou a piorar e insisti na cirurgia, antes que a situação se tornasse crítica. Já apresentava sintomas... — Fez-se uma pausa, como se o silêncio de Ramon quisesse comunicar algo. — Como ela está?

— Hoje ela desmaiou no ônibus. Trancou a bolsa no carro e correu para pegar o ônibus para ir ao trabalho, mas não chegou lá. Eles a trouxeram para o hospital em que opero, sem saber quem era, e realizei uma cirurgia de emergência, desconhecendo sua identidade até terminar o procedimento.

— Bem, ela foi muito bem atendida, independentemente das circunstâncias. É um alívio saber que está em boas mãos. Ela vai ficar bem?

— Tudo dentro de níveis aceitáveis, e está consciente. Precisamos esperar para saber como reage. Espero que se recobre por completo. — Respirou fundo. — Nunca soube que ela sofria do coração. Não me contaram.

— Não se sinta mal. Ela nunca contou a ninguém. É uma jovem independente e sem família.

— Ela tem um tio e uma tia que cuidaram dela quando os pais morreram.

— Claro, mas você sabe o que acontece quando os parentes pegam crianças indesejadas. Nunca as consideram como filhos.

Ramon ainda tentava recuperar-se do choque.

— Ela contou que morava com os pais da prima?

— Sim. Havia tirado o passaporte e estava com a certidão de nascimento quando veio aqui da última vez. Planejava trabalhar no exterior, em algum país do terceiro

mundo. Graças a Deus, tudo isso aconteceu antes de ela deixar o país. Ramon sentou-se.

— É mesmo.

— Bem, fico feliz por saber que minha paciente sobreviverá. Por favor, diga-lhe que gostaria de vê-la quando estiver de pé novamente.

— Pode deixar. Obrigado por tudo.

— Nada fiz senão obrigá-la a fazer os exames de rotina.

— Você a manteve viva. Venha me visitar quando estiver em Atlanta. Trabalho no St. Mary's.

— Farei isso. E você também pode retribuir o favor, se por acaso um dia vier a Macon.

Ramon deu uma gargalhada.

— Pode deixar. Boa noite. — Desligou e o sorriso desapareceu. Sabia tão pouco acerca de Noreen. Será que os Kensington tinham conhecimento de sua doença? Precisava descobrir. Telefonou, mas a ligação caiu na secretária eletrônica, que informou que eles tinham viajado e só voltariam na semana seguinte.

Ele pediu a chave mestra ao proprietário e ao chaveiro que abrisse a porta do carro de Norie. Pagou o chaveiro e dispensou-o. Depois, acenando para o proprietário do prédio e carregando a bolsa, abriu a porta do apartamento no segundo andar. A gatinha foi correndo ao seu encontro, provavelmente morta de fome, pensou ao pegá-la no colo e escondê-la dentro do paletó para que ninguém a visse enquanto trancava a porta do apartamento e saía.

Precisou parar no supermercado a caminho de casa para comprar alguns itens necessários ao filhote, um bichinho muito bem comportado. A gata deitou-se ao lado de Ramon no assento da frente do carro e ficou ali, quietinha, miando contente, sem incomodar em nada.

Ao chegar em casa, gostou da companhia. Nunca percebera o quão solitário era seu apartamento. Preparou um bule de café, sentou-se numa poltrona com uma xícara fumegante na mesinha ao lado e abriu o jornal médico que recebera naquele dia. A gatinha pulou em seu colo, aninhou-se confortavelmente e dormiu ronronando.

Antes de deitar, ligou para o CTI para saber notícias de Noreen. Recebeu a informação de que ela continuava a progredir. Quando deitou, a gata o acompanhou. Sentiu-a ao lado da cabeça no travesseiro ao pegar no sono.

JÁ ERA tarde quando conseguiu voltar ao CTI para ver Noreen. Sua agenda tinha sido agitada e aproveitou um espaço de tempo entre cirurgias para visitá-la. Sem uma palavra, examinou-a, analisou os monitores e auscultou-lhe o peito.

— Estou bem. Quando posso ir para casa? Ele arqueou a sobancelha.

— Muito engraçadinha.

— Eles não me dão nada para beber — reclamou. — E aquela enfermeira baixinha e loura ignora todas as minhas perguntas.

— Vou mandar matá-la — prometeu bem-humorado. — Você será transferida para um quarto particular amanhã de manhã. Contratarei uma enfermeira para ficar ao seu lado.

— Não preciso... — Hesitou e parou para respirar. —... De sua ajuda.

— Obrigado. Eu também gosto de você. — Ele procurou os olhos zangados e sorriu relutante. — Você, definitivamente, melhorou. Volto para examiná-la mais tarde.

Ela piscou, ainda de ressaca da anestesia.

— Durma um pouco — disse afetuoso. Obediente, ela fechou os olhos.

Ele voltou-se para a enfermeira baixinha e loura e fez sinal para que o acompanhasse.

— Eu sei— disse ela erguendo a mão —, sou a bruxa do CTI e a torturei sem piedade. — Ela sorriu num pedido de desculpas.

— Ela quer gelo picado a cada cinco minutos, mas tenho dois pacientes que não estão bem como ela, remédios para administrar e uma das enfermeiras faltou.

Ele deu-lhe um tapinha no ombro.

— Tome duas aspirinas e me ligue de manhã. Vai estar ótima. — Ele saiu antes que ela pudesse fechar a boca.

A ÚLTIMA CIRURGIA foi um desastre. Toda sua competência não bastou para salvar a vida. Saiu para comunicar a família, vazio por dentro ao presenciar-lhes o sofrimento e impossibilitado de ajudá-los. Uma das capelas do hospital apareceu do nada e ocupou-se da família arrasada. Benditas as capelas, pensou ao mudar a roupa. Valiam o peso delas em ouro.

Fez uma última visita ao CTI aquela noite. Com a mudança de turno, uma jovem e alegre afro-americana ocupara o posto. Ela lhe deu um sorriso largo.

— Seus pacientes vão sair do andar amanhã, não é?

— Se você diz...

— Eles estão se recuperando bem. A Srta. Kensington jantou tudo. Que apetite! Ele sorriu.

— Bom para ela. Nenhuma piora no quadro? Ela sacudiu a cabeça.

— Melhora a cada minuto.

— Obrigado. — Ele parou ao lado da cama de Noreen. Ela já estava totalmente desperta e consciente do ambiente à sua volta.

— Você me operou — recriminou-o.

— Já disse. Não sabia quem era. Você não tinha nenhuma identificação.

*Desejo 107.2 * A Paciente * Diana Palmer*

— Eu tranquei a bolsa no carro e tive que correr para pegar o ônibus. — Respirou com dificuldade e tocou o peito por cima da camisola do hospital. — Dói.

— Eles vão lhe dar um analgésico — tranqüilizou-a. — Correr para pegar o ônibus provavelmente precipitou a crise. Lembra-se de como se sentia quando desmaiou?

— Não senti nada — lembrou-se. — Vi o chão subindo na minha direção e achei que ia quebrar o nariz. Depois, tudo ficou escuro.

— Não sentiu dor?

— Não que eu me lembre. — Ela examinou-lhe o rosto. — Você parece tão cansado — disse, involuntariamente.

Surpreendeu-se ao se emocionar com sua preocupação.

— Tive um dia longo. E perdi um paciente.

— Sinto muito.

Ele não deixou transparecer nenhuma emoção.

— Faz parte da profissão. Mas sempre me entristece. — Ele observou-lhe o rosto. — Sua cor melhorou muito.

— Quando posso voltar a trabalhar?

— Quando ficar boa. Ela o olhou, furiosa.

— Vou morrer de fome se não trabalhar.

— Não vai, não. Seu seguro é o melhor da cidade e tem uma cláusula de incapacidade.

— Como sabe?

— Eu verifiquei. Você já está listada no computador. Por falar nisso, liguei para seus tios, mas eles estão viajando.

Os olhos desviaram-se para a cortina.

— Não precisa incomodá-los; eles não gostam de hospitais.

— Você é sobrinha deles. Eles gostam de você.

Ela sabia que não era bem assim, mas não ia discutir com ele. Ramon devia esperar essa reação.

— Você vai para a ala três leste amanhã.

— A ala cardíaca. Só quartos particulares. Faltam enfermeiras. Vou me deitar e morrer sem ninguém notar.

— Não vai morrer, pois estará ligada ao monitor. Alguém o controla constantemente e os técnicos de enfermagem andam de um lado para o outro. Você vai ficar ótima. Mesmo assim, contratei uma enfermeira particular.

Ela o olhou zangada.

— Não posso pagar.

— Acalme-se. Não estresse sua nova válvula — avisou. — Eu posso pagar. Você é da família.

— Não, não sou — despejou as palavras. — Não temos parentesco algum.

Ele constatou o ressentimento e a hostilidade em seus olhos. Ela tinha todo o direito de se sentir assim. Durante dois anos ele a culpava por um erro que ela não cometera. Tentara explicar e ele se recusara a ouvir. Provavelmente merecia seu desprezo.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Você é quem sabe, mas vai ter uma enfermeira particular do mesmo jeito. Vejo você de manhã.

Noreen tinha um monte de coisas para lhe dizer, mas ele não ficou para escutar. Ela viu as costas largas desaparecerem pela porta e deu um soco na cama, furiosa. O gesto causou-lhe dor no peito e ela gemeu.

— Precisa de remédio para dor?

— Sim, por favor — respondeu à bonita enfermeira. Quase perguntou se tinham algo que curasse a dor de um pé no saco, mas considerando como o pessoal adorava Ramon, achou mais diplomático fechar a boca.

Ele não estava brincando quanto à enfermeira, descobriu no dia seguinte. Logo depois do almoço, uma senhora rechonchuda apresentou-se como Srta. Polly Plimm e sentou-se com uma bolsa de tricô. Trabalhara para Ramon antes. Observou que a mocinha precisaria de ajuda por um ou dois dias e ficou feliz por ter trabalho. Aposentara-se no ano passado e sua falta de atividade começava a atrofiar-lhe os ossos. Pegava gelo picado, tirava-lhe a pressão e a temperatura e examinava a bolsa de urina periodicamente, encorajando a jovem paciente a todo instante.

Brad visitou a amiga e ficou encantado ao encontrá-la em tão boas mãos. Passara a trabalhar durante o dia e, ao terminar o turno, a visitava. Notou e aplaudiu a melhora, mas preocupava-se com o que aconteceria quando ela recebesse alta. Ela já falava em voltar para o apartamento. Ele esperava que o médico não permitisse. Ela não podia ficar sozinha.

CAPÍTULO SEIS

NOREEN recobrou totalmente a consciência no segundo dia, na ala dos pacientes cardíacos, e seu primeiro pensamento foi para a pobre gatinha, sozinha no apartamento. Ela e a enfermeira deram duas voltas na ala enquanto se torturava a respeito da gatinha, esquecida sob os efeitos da anestesia.

Brad passou para visitá-la e esperou até ela deitar e ser novamente ligada ao oxigênio, ao soro e ao monitor cardíaco.

— Minha gatinha... — disse queixosa. — Ela está sozinha no apartamento há dias sem comida nem água. Assim vai morrer.

— Ah, a gatinha. Bem, pelo que sei, tomou-se uma lenda. Ela está morando com o Dr. Cortero.

O coração dela quase parou. Fitou-o boquiaberta.

— Com Ramon?

— O próprio. Imagine só. Achei que ele odiasse bichos.

— Eu também.

— Você não vai acreditar como ele fala da gatinha. Comprou uma coleira, todo tipo de brinquedos e dorme com ela.

— Você tem razão. Eu não acredito. Você está de gozação.

— Pergunte a ele.

Noreen ouviu a novidade com desconfiança. Certa vez, Isadora contara que Ramon odiava animais domésticos e não queria saber de nada com pelos e unhas por perto. Também contara que ele não gostava de crianças e não pretendia ter filhos. Ele gostava de festas, eventos sociais e tinha mania de limpeza, acrescentou descuidadamente.

Noreen não tinha essa impressão, mas não o conhecia direito. Ele fazia questão disso. A única pessoa que conseguira se aproximar dele havia sido Isadora e, desde o seu falecimento, vivia completamente isolado. Nem namorava.

Isso não surpreendeu Noreen, pois sabia de sua obsessão por Isadora. Durante toda a vida, ela fora a menina dos olhos de todo mundo. Para Noreen, não sobrava amor na casa dos Kensington, pois ele era todo dedicado à prima. E nada mudara, embora Isadora tivesse morrido anos antes.

A Srta. Plimm fora à cafeteria almoçar. Noreen, momentaneamente sozinha, de tão perdida nos próprios pensamentos não ouviu Ramon entrar. Ele curvava-se sobre ela com um estetoscópio quando o viu e sobressaltou-se.

— Não faça isso — murmurou impaciente, passando o metal frio em seu peito por baixo da camisola larga. — Respire normalmente.

Isso era difícil com o rosto dele tão perto. Ela manteve os olhos fechados, para não precisar ver aquela pele morena, os fartos cabelos lisos pretos, os olhos pretos. Não ousava fitá-lo. Doía demais.

Ele se afastou e observou-a abrir os olhos, que não fitaram os seus.

— Estou bem — informou.

— Eu sei. — Ele enfiou as mãos nos bolsos. — Como está seu apetite?

— Como tudo que põem na minha frente.

— Não é verdade. Você toma a sopa, come a gelatina e deixa todo o resto. Assim não dá. Precisa comer proteínas.

— Estou com gases — respondeu com certa beligerância. — Não sobra espaço para a comida.

— Vou prescrever um remédio para resolver isso. — Ele fez uma anotação na ficha. — Coma ou serei obrigado a lhe dar alimentação intravenosa.

— Está bem — disse, irritada. — Fitou-o e desviou novamente o olhar. — Como vai minha gatinha?

Ele sorriu os olhos brilhando.

— Ela come por dois.

Ela olhou para o paletó dele.

— Obrigada por cuidar dela.

— Ela não dá trabalho.

— Não posso acreditar. Sei que não gosta de animais. Nem de mim — concluiu num sussurro.

Ele olhou-a zangado. Talvez não tivesse se restabelecido por completo da contusão causada pela anestesia. Ele adorava animais. Morava sozinho por não ter tempo para se dedicar a um bichinho e um apartamento não era o local mais indicado para gatos e cachorros.

— Como está a dor?

— Estou bem — repetiu.

Ele hesitou. Ela não o fitava e não parecia inclinada a conversar. Pegou-lhe a mão a fim de examinar a agulha inserida em sua veia para que pudesse tomar soro e outras medicações, fechou a cara.

— Quando foi à última vez que limparam esses conectores? Meredith sempre coloca a data para que não permaneçam por mais de três dias.

— Não foi Meredith quem colocou esses. Acho que foi Annie. Sei que não estão há mais de um dia. Ela fez uma anotação na ficha para trocá-los. Um deles parecia obstruído. — Eles eram implantados para que, se houvesse uma emergência, a enfermeira não precisasse procurar uma veia para enfiar a agulha. Mantê-los livres de obstruções era essencial para o pós-operatório de pacientes com problemas cardíacos. Ele pegou a outra mão, notando a maciez, as unhas curtas e limpas, a pele sedosa.

— Aposto que sempre usa hidratante — comentou, alisando-lhe as costas da mão com o polegar. — Sua pele é muito sedosa.

Ela puxou a mão. Ainda não conseguia olhá-lo.

— São mãos de trabalhadora, não de modelo.

— Eu sei disso, Noreen. — Ele quase nunca pronunciava seu nome, se pudesse evitar. Não sabia que a estava torturando? Ela fechou os olhos, rezando para que ele fosse embora e a deixasse em paz.

Era evidente que ela o repudiaria. Fora magoada demais ao longo dos anos para recebê-lo de braços abertos. Ele fechou a cara, pois o incomodava saber que Noreen odiava seu toque. Ramon lembrou-se dela na festa do primeiro aniversário de casamento, afastando-se dele na cozinha. Mesmo então isso o incomodara, e ele era casado.

— Volto depois.

— Obrigada, não precisa. A Srta. Plimm é muito eficiente. Sua recusa o irritou.

— Você prefere que eu peça a John que faça as visitas? — perguntou, citando um médico de sua equipe.

— Talvez seja melhor, caso não se importe — disse num tom amortecido.

Foi tomada por uma irritação exacerbada. Sem outra palavra, guardou a ficha e deixou o quarto.

Noreen suspirou aliviada. Mais alguns dias e poderia ir embora. Quando restabelecida, procuraria emprego num hospital onde Ramon não trabalhasse. Ela lhe devia a vida, não a alma. Não ficaria sujeita a mais tormentos por causa dele. Lembrou-se de ter tirado o passaporte alguns meses antes, pensando em aplicar seus talentos como enfermeira num país do terceiro mundo para escapar de Ramon. Parecia ridículo diante do que lhe acontecera, mas na época parecera muito profissional.

Olhou desinteressada pela janela, pensando se os tios realmente tinham viajado. Ramon, com certeza, suavizara o golpe, eles jamais gostaram dela. Só cuidaram de Noreen por obrigação, não por amor. Era uma pessoa a mais na vida deles, sempre a sobra do círculo familiar, sempre dispensável. Sofrerá quando criança, mas acostumara-se a ser excluída dos passatempos em família, mas encarregada de infindáveis tarefas domésticas. Desde a morte da prima, apenas a convidaram uma vez para visitá-los e fora extremamente constrangedor para todos. Não precisava que lhe dissessem ter sido convidada apenas por obrigação, para evitar os comentários dos conhecidos.

Suspirou e fechou os olhos. Recomeçaria a vida, decidiu. Deixaria de consumir-se por causa de Ramon e lamentar a indiferença os tios e o fato de todos a culparem pela morte da prima. Conseguiria um novo emprego, compraria roupas, alugaria outro apartamento; começaria vida nova. Agora que teria saúde, poderia planejar o futuro. Aproveitaria a vida ao máximo.

RAMON, DESCONHECENDO-LHE os planos, adentrou o apartamento com a fisionomia transtornada, furioso por Noreen dispensar suas visitas e não querer que supervisionasse seu estado de saúde. Ele lhe salvara a vida. Isso não contava? Serviu-se de um drinque e desabou na poltrona. A gatinha logo lhe fez companhia, enroscando-se e ronronando.

— Pelo menos você está feliz em me ver — disse, acariciando-a.

Ele gostava da companhia do animal. Pensava em tudo que faltava à sua vida. Voltava para um apartamento vazio, para a solidão, a dor, o isolamento. Quando Isadora era viva, voltava para uma casa barulhenta, cheia de gente, porque ela gostava de festas e as organizava com frequência. Ele nunca pôde se dar ao luxo do silêncio para ler os jornais médicos que Isadora desprezava.

Quem sabe ela precisasse de companhia para preencher o vazio de sua vida com ele? Isadora não gostava de animais e crianças. Ainda podia ouvir sua gargalhada quando ele sugerira aumentar a família. "Arruinar meu corpo e virar escrava de uma criança? Nem pensar! Qual mulher em sã consciência abriria mão da independência para ser dona de casa?" Quanto a animais, não queria pelo de gato em sua elegante mobília e cachorros davam muito trabalho. Como as crianças.

Ele amava Isadora, então desistira de seus sonhos de vida doméstica após essa única conversa. Mas ao ver os colegas com as mulheres e filhos, ouvir seus planos de férias em resorts destinados a famílias sentia inveja, pois ele e Isadora tinham festas em vez de uma família. Afastaram-se após os primeiros meses de casados e seguiram caminhos separados. E, nos últimos meses, Isadora andara bebendo demais. Ela o traía, ameaçava, fazia exigências impossíveis e acusações. Ela não era feliz. Prometera vingar-se caso ele viajassem sem ela para a França, privando-a de ver o amante que também lá estaria.

Ele negara por causa de sua saúde, não por ciúmes. Mas o motivo não lhe interessava. Ela o acusara chamando-o de desmancha-prazeres, alegando, não pela primeira vez, que ele desejava Noreen e que esta nunca o aceitaria, pois tinha medo dos homens e principalmente dele. Ela nunca explicara e ele não pensara na afirmação. Até então.

Tomou seu drinque, recordando outros incidentes, outras brigas que desmentiam o casamento perfeito que tentavam mostrar ao mundo. Ela odiava seu trabalho, seu compromisso com os pacientes, suas ausências... Uma vez, batera com o telefone na cara da esposa histérica de um paciente, recusando-se a chamar Ramon ao telefone. O homem tivera uma parada cardíaca e, felizmente, outro médico o socorrera. Isso acontecera uma semana antes de Ramon viajar. E Isadora saíra na chuva, no frio, sem casaco e com bronquite. Ele viajara para a França depois de ter pedido a Noreen para cuidar da prima. Ela concordara de boa vontade, abrindo mão de seus dias de folga. Todos pensaram que ela tivesse deixado Isadora morrer. Agora, Ramon podia aceitar a verdade. Fora uma trágica série de circunstâncias, culminando com o ataque cardíaco de Noreen. E ele e os Kensington não lhe deram chance de se defender. Durante dois

longos anos, culpavam-na, isolaram-na, puniram-na por um erro que não cometera. Não era de estranhar que ela recusasse seu toque, suas ofertas de ajuda.

Ele urrou. Como pudera ser tão crítico, tão arrogante? Como pudera desconsiderar a compaixão de Noreen e estigmatizá-la como criminosa? Ele era tão culpado quanto ela. Deixara Isadora por necessidade, pois ela não podia viajar naquelas condições. Mas só agora admitia não ter desejado levá-la consigo.

Seu casamento de conto de fadas descia ladeira abaixo. Brigavam com frequência, principalmente no dia em que viajara, e fora tomado por complexo de culpa. Ele queria um tempo só para si. Sua ausência, bem como a de Noreen, levaram Isadora a morte, mas ele não conseguira admitir sua culpa ou deixar ninguém saber que seu abençoado casamento era um inferno. Agora era tarde demais. Noreen não queria saber dele. Nunca quisera. Ela o evitara constantemente durante seis anos, principalmente depois de seu casamento com Isadora. Como poderia culpá-la?

Se ainda pudesse se redimir, pensou triste. Não podia apagar os últimos dois anos, mas poderia facilitar-lhe a vida. Precisava conversar com os sogros. Eles precisavam entender. Noreen sofrerá uma injustiça. Agora dependia dele reparar o erro. Tomara que conseguisse!

NOREEN CONSEGUIU percorrer a unidade três vezes no dia seguinte. Brad a apoiava. Ela riu por estar tonta, mas seguiu em frente, sorrindo para as enfermeiras. Muitos pacientes caminhavam, todos melhorando e com ar mais saudável. O estímulo de andar mantinha a válvula em bom funcionamento, ajudava a limpar os pulmões e a recuperar a força. Ela nunca duvidara de que poderia sair em poucos dias e via-se a alegria em seu rosto.

Pelo menos até ver Ramon. O sorriso radiante se dissipou. Os olhos ficaram embaçados e ela os baixou para o chão. A mão agarrou-se ao braço de Brad.

— Ótimo! — disse Ramon, ignorando sua falta de ânimo. — Você precisa andar, sempre que puder. Ajuda na recuperação.

— Essa é nossa terceira volta — informou Brad. — Ela está fazendo progressos.

— Estou vendo.

— Precisamos continuar — disse ela a Brad, — Fico tonta quando paro.

— Brad, precisam de você no quarto 310 — chamou uma das enfermeiras. — O Sr. Sharp disse que o remédio está acabando no respirador.

Brad odiou abandoná-la e sua expressão refletia isso.

— Pode deixar que termino a volta com ela — disse Ramon, assumindo o lugar de Brad. — Vá ver seu paciente.

— Sim, senhor — disse Brad, lançando um olhar de desculpas para Noreen, que parecia ter sido entregue ao carrasco.

— Você não vai morrer se me tocar — disse Ramon, levantando-lhe a mão ao seu braço. — Ande.

Ela obedeceu, odiando-o, odiando os olhares curiosos dos outros funcionários. Era raro ver um cirurgião perder tempo com um paciente durante as visitas de rotina.

— Como está a dor? — perguntou enquanto caminhavam.

— Melhor — disse por entre os dentes.

Ele apenas assentiu com a cabeça. Amparou-a até chegarem ao quarto, onde a ajudou a se deitar, tirou-lhe os chinelos e soltou o tubo do balão de oxigênio, recolocando-o na unidade da parede antes de o técnico de enfermagem aparecer. Pegou o estetoscópio e auscultou-lhe o peito enquanto ela tentava conter a fraqueza, a falta de ar e a reação incontrolável causada por sua proximidade. Os olhos negros encontraram os olhos claros a uma distância ínfima. Ele não se moveu.

— Meu peito dói — disse inquieta.

— Vou mandar trazerem o remédio. — Ele cobriu-a até a cintura. — Você está bem aquecida?

— Estou. — Ela baixou os olhos para sua gravata. — Ouviu-o respirar fundo.

— Você não pediu notícias de sua gatinha. Desesperada, tentava controlar a respiração.

— Ela está bem?

— Ótima.

— Você ficará feliz em encontrá-la quando voltar para casa.

— É verdade. — Ele deu um sorriso. — Acostumei-me com ela.

— Há muitos gatos abandonados no mundo — disse ela de modo evasivo.

— Tinha esperanças de ter direito a visitas.

Ela então ergueu o rosto, os olhos desprovidos de qualquer sentimento.

— Acho que não.

Os cílios tremeram ligeiramente. Ele buscou-lhe os olhos.

— É assim que será daqui por diante? — perguntou em tom baixo.

— Não entendi.

— Entendeu, sim. Meu Deus, deve ter lhe ocorrido que eu acabaria por descobrir o que aconteceu. Fiquei abalado ao saber que você teve um ataque cardíaco e que, por esse motivo, deixou Isadora sozinha.

— Ocorreu-me. Mas talvez não tenha lhe ocorrido que tentei contar e você não quis ouvir. Nenhum de vocês. — O rosto dela se contraiu. — Fui tratada como assassina durante dois anos. Acha possível esquecer?

Ele empertigou-se.

— Não. E devia ter compreendido. — Voltou a buscar-lhe os olhos. — Muita coisa aconteceu para que um simples pedido de desculpas apague os últimos dois anos. Sinto muito, sinceramente, se isso ajuda.

Ela baixou os cílios, cansada, exausta.

— Você não sabia. Eles também não. Ah, que diferença faz? — perguntou infeliz, mordendo o lábio inferior. — Ela está morta e foi culpa minha. Eu deveria ter me esforçado mais para fazer o médico entender a razão de eu precisar ir para casa.

A sensação ao ouvir as palavras foi de ter uma faca sendo retorcida em sua barriga.

— Noreen! — exclamou em tom suave.

A porta abriu e Brad entrou, fitando Ramon com olhar acusador. Parou ao lado dela.

— Não consegue parar de magoá-la? — perguntou baixinho. — Meu Deus, ela já sofreu demais.

— Sim, sofreu — disse em tom brando, olhando com ar sofrido as lágrimas rolarem pelo rosto pálido de Noreen. — E eu não a ajudei. — Ele virou-se e foi até a porta. — Pedirei que tragam um remédio para a dor. Tente fazê-la comer.

Brad não respondeu. Pegou um lenço de papel na mesinha e estendeu-o à amiga para limpar as lágrimas que escorriam pelo rosto. Nunca a vira tão prostrada.

Ramon atravessou o corredor, perplexo. Lágrimas no rosto de Noreen. Vira a mesma cena antes com o coração frio. Agora, doía-lhe tê-la feito chorar. Ele esperara poder apagar anos de indiferença e hostilidade num passe de mágica. Pela primeira vez, compreendeu que teria uma longa estrada a percorrer até reconquistar-lhe a confiança. Isso o deixou entorpecido.

A SRTA. PLIMM passou três noites com Noreen, mas, na manhã seguinte, agradeceu e dispensou-a. Não queria ficar devendo mais favores a Ramon, se pudesse evitar. Assim pensando, foi bom não poder prever o que a esperava na segunda-feira seguinte, quando receberia alta do hospital. Assistira à aula obrigatória de nutrição, a única submetida a uma cirurgia de coração a comparecer sozinha, e as enfermeiras preencheram os formulários exigidos e lhe entregaram as receitas e o cartão com as datas das próximas consultas com a equipe de Ramon e o cardiologista.

Esperou o porteiro trazer uma cadeira de rodas e a enfermeira chamar um táxi. Não contava com nenhuma complicação. Bem, possivelmente a gatinha, mas talvez o dono do apartamento abrisse uma exceção para ela. Ele e a mulher eram bondosos e gostavam dela. Foi um choque encontrar os tios na porta do quarto quando o porteiro veio buscá-la. Ela lançou-lhes um olhar desconfiado, o rosto impassível, sem cordialidade.

— Ramon avisou que você sairia hoje — disse o tio.

— Vou voltar para meu apartamento. — Ela não sorriu. — Por que vieram?

Ele pareceu surpreso.

— Você fez uma cirurgia séria.

— Estávamos de férias — complementou a tia. — Só chegamos ontem. Se soubéssemos, teríamos vindo antes.

— Por que fingir? — perguntou em tom cansado. — Já fizeram a visita obrigatória. Ninguém vai falar mal de vocês. Agora, se não se importam, não estou me sentindo bem. Gostaria de ir para casa.

— Você pode ficar no seu antigo quarto — disse a tia, hesitante. — Contrataremos uma enfermeira.

— Vou para casa, tia Mary — retrucou, desviando o olhar.

— Mas você mora sozinha — interrompeu-a o tio. — Não pode ficar sem ninguém.

— Vivo sozinha há anos. — Demonstrava indiferença na voz, no olhar. Percebeu-lhes a expressão confusa. — Prefiro assim. — Acenou para o porteiro, que começou a empurrar a cadeira de rodas pelo corredor. — Obrigada pela visita. — Despediu-se, sem fitá-los, quando o porteiro dirigiu-se ao elevador.

Os Kensington ficaram parados, perplexos e embaraçados. Esperavam que a preocupação deles fosse ser bem recebida, mas essa Noreen não era a menininha quieta, condescendente e tímida que haviam levado para casa muitos anos antes.

— Ramon disse que ela havia mudado — disse Mary ao marido. — Suponho que devíamos esperar pela mágoa e pela desconfiança. Nós a tratamos muito mal.

— Nós três — concordou o marido. — Se tivéssemos escutado quando ela tentou explicar... Sinto-me péssimo. Ela estava nessa condição, poderia ter morrido e nós nem sabíamos.

— Vamos trazê-la de volta — disse ela. Ele riu.

— Você acha mesmo? — Enfiou as mãos nos bolsos.

— Vamos comer alguma coisa. — Ela deu-lhe o braço e caminharam para o elevador. As portas fechavam com Noreen dentro quando viram Ramon saindo do elevador dos funcionários, vestido num um terno caro.

— Onde ela está? — perguntou ao vê-los.

— Desceu para pegar um táxi — disse Hal. — Nem quis falar conosco.

— Um táxi? — Não discutiu. Entrou às pressas num elevador pouco antes de as portas fecharem.

No hall, o porteiro deixara Noreen sentada perto da recepção enquanto saía para chamar um táxi. Ramon parou atrás da cadeira e começou a empurrá-la para a entrada onde estacionara o carro.

— O qu-quê? — Noreen ofegou ao se dar conta do que ele fazia.

— Jack, abra a porta para mim — pediu ao porteiro. — Esqueça o táxi, vou levá-la para casa.

— Sim, senhor. — O jovem o ajudou a colocar a colérica Noreen no banco do carona. Ramon pegou a única mala e guardou-a no porta-malas.

— Quero pegar um táxi — protestou, quando ele entrou e deu a partida.

— Você vai para onde eu mandar — disse, o leve sotaque espanhol de repente bem carregado, ao sair do hospital e tomar o rumo da auto-estrada.

— Com você, não! — exclamou zangada.

— Cálmate — disse baixinho. — Fique quieta. Não lhe fará bem à saúde perder a calma. — Ela ficou agitada. Reclinou-se no banco com os olhos fechados, lutando contra a náusea e a dor. A manhã havia sido turbulenta.

— Foi você quem os mandou? — perguntou quando chegaram à auto-estrada.

— Os Kensington? Não. Sabia que voltariam hoje, então liguei para saber se eles tinham conhecimento de sua cirurgia. Ficaram assustados.

— Por quê?

Ele a contemplou.

— Você parecia saudável quando morava com eles.

— Aquela nunca foi a minha casa — respondeu, olhando pela janela.

Ele manteve o silêncio, olhando atentamente o tráfego.

— Você sempre pareceu fazer parte da mobília.

— Claro que sim. Não chamava a menor atenção. Vivi nas sombras quase toda a minha vida adulta. Isso vai mudar. Quando estiver em forma, talvez vá trabalhar no exterior. Deixarei tudo para trás e começarei do zero.

O coração dele pulou. Não imaginou que ela pudesse sair da cidade. Não queria que isso acontecesse. Era uma sensação surpreendente, como dar um passo no espaço. Ele a fitou com olhar inquisidor.

— Não fará nada por três meses — disse laconicamente. — Tive muito trabalho para colocar você em ordem. Não vou deixá-la estragar tudo.

— Por três meses, farei o que mandarem — concordou. — Depois disso, farei o que bem entender.

— Você precisará de check-ups regulares — disse de modo enfático. — Precisa tomar afinadores de sangue e um regulador cardíaco. O remédio terá que ser monitorado de perto.

— Conseguirei um bom médico.

Ele mergulhou no silêncio. Minutos depois, parou na entrada do prédio dele e pediu ao porteiro para pegar a mala no porta-malas. Pegou Noreen no colo, a bolsa, os papéis e tudo mais e entrou no prédio a passos largos.

— O que... Está... Fazendo? — exclamou esbaforida.

— Fique quieta. — Continuou andando, ciente de que o porteiro os seguia com a mala. — Minha prima acaba de sair do hospital após uma cirurgia de peito aberto — disse ao porteiro. — Ficaré comigo até poder cuidar-se sozinha.

— Sábia decisão, doutor — disse o jovem, sorrindo ao apertar o botão do elevador. Quando o elevador chegou, os três entraram.

Noreen estava quase chorando novamente. Indefesa nos braços fortes de Ramon, inalava o perfume forte da colônia cara, o braço retesado nos ombros largos, tão rígido quanto uma tábua, tentando não demonstrar a reação causada pelo corpo.

Era impessoal, afirmou para si mesma quando ele puxou-a para mais perto, reforçando o aperto. Fazia isso porque ela era uma espécie de parente, ainda que

distante, e ele não podia permitir que as pessoas comentassem ela ter sido abandonada sozinha nessas condições. Por isso, os Kensington tinham ido ao hospital. Todos receavam o que as pessoas comentariam. Ela não teve consciência de estar chorando até ver que os olhos escuros de Ramon a fitavam e ouvir o suave inspirar.

Quando o elevador parou, em poucas passadas chegou até o apartamento, colocando-a no chão por um breve instante enquanto procurava a chave e abria a porta. Entregou as chaves do carro ao porteiro, para ele estacioná-lo.

— Deixe-as na recepção para mim, por favor — disse ao rapaz e, pegando a mala, colocou-a no vestibulo. — Desço num minuto.

— Claro doutor. Melhoras, senhora. — Sorriu e acenou para Noreen quando Ramon voltou a pegá-la no colo, mas ela já não conseguia responder.

Ramon levou-a ao quarto de hóspedes e a deitou gentilmente na cama.

— Fique quieta. — Ajeitou os travesseiros para recostá-la. Saiu do quarto e, minutos depois, entrou com uma jarra de suco de frutas, os remédios e a gatinha, que se sentou no colo de Noreen ronronando alto.

— Minha menininha — disse entre lágrimas, acariciando a gatinha e sorrindo cansada.

— Ela vai lhe fazer companhia até eu voltar para casa. Tenho visitas de rotina e consultas. Volto assim que puder. Enquanto isso, o telefone está aqui. Se precisar de qualquer coisa, ligue para a portaria. Vou chamar a Srta. Plimm de volta — acrescentou, lembrando-lhe que ela demitira a pobre mulher sem sua aprovação.

— Não posso ficar aqui.

— Não pode ficar sozinha. Pensei que fosse para casa com seus tios.

— Como não fui agora você está preso a mim, mesmo sem querer. — As lágrimas caíram mais quentes do que nunca. Ela fechou os olhos num soluço. — Pelo amor de Deus, por que não deixou... Eu ir... Para casa?

Rondas, pacientes, trabalho, tudo foi esquecido num piscar de olhos. Ele sentou-se na cama e puxou-a suavemente para seus braços e apertou-a o máximo que ousou enquanto ela chorava.

CAPÍTULO SETE

— NÃO tive intenção de fazer você pensar que é um fardo — disse com a boca colada em sua testa. A mão morena e fina afastou com carinho os cabelos do rosto pálido. Ela socou-lhe o peito.

— Não quero ficar aqui — soluçou. Ela não conseguia ver os olhos atormentados acima de sua cabeça.

— Eu sei.

— Por favor — sussurrou. — Brad pode... Tomar conta de mim.

— Você não pode ficar sozinha. Brad tem que trabalhar — disse tenso. — Não seria adequado ele cuidar de você.

— Tampouco é adequado eu ficar aqui.

— Será, quando a enfermeira chegar — disse friamente. Ele acomodou-a nos travesseiros. Pegou um lenço de papel de uma caixa na mesinha de cabeceira e, com todo o carinho, enxugou-lhe os olhos vermelhos. Ela parecia totalmente derrotada, magra, e ele não gostou nada de sua palidez. — Trarei o jantar. E você vai comer. Não pode continuar assim.

— Não quero comer.

— Mas vai comer, mesmo que eu tenha que lhe dar a comida na boca.

Ela o fitou, o sofrimento estampado no rosto exaurido. Os dedos de Ramon passaram pela pele fria e molhada numa carícia. A vulnerabilidade dela despertava-lhe o instinto protetor.

— Eu cuidarei de você — disse com meiguice. — Tente dormir. — Ele se curvou e, para sua surpresa, pousou os lábios afetuosamente em sua boca. — Volto assim que puder. — Levantou-se, procurando alguma reação em seu rosto. Ela parecia chocada. — Precisa de mais alguma coisa?

Ela fez um sinal de "não, obrigada", acariciando a gatinha ao mesmo tempo em que tentava descobrir o motivo da inesperada carícia.

— Não saia da cama. Eu ou a enfermeira a ajudaremos a andar. — Ela assentiu, desviando o olhar. Ele ergueu o queixo e a fitou, levemente arrogante. — Quer perguntar por que a beijei?

A cor voltou-lhe ao rosto. Não ousava erguer os olhos. Os dedos apertaram a colcha.

Ele percebia o seu desconforto. Era cedo demais, refletiu surpreso com a própria atitude. Não tivera intenção de aborrecê-la. Só Deus sabia o que ela já enfrentara.

— Tente dormir mais um pouco — aconselhou, agora com voz formal, quase profissional. Ela conseguiu assentir. Ele parou para despentear o pelo macio da

gatinha. — Eu a chamo de Mosquito — disse ele. — Está sempre zunindo ao redor. Melhor escolher um nome mais apropriado. — Ela não respondeu. Os dedos dele deslizaram da gatinha para a mão contraída, apertando-a suavemente. — Sinto muito. Não pretendia deixá-la constrangida. Vejo você mais tarde. — Virou-se e saiu, deixando a porta do quarto aberta. Ela o ouviu ao telefone, mas estava cansada e sonolenta. Antes de ele deixar o apartamento, ela já cochilava.

A ENFERMEIRA PIMM voltou àquela tarde. Mais atenta do que nos primeiros dias após a cirurgia, Noreen notou que Polly Plimm devia estar na casa dos 50 e era uma mulher gentil e afável, com o comportamento de um sargento. Tomou conta do apartamento de pronto. Quando Ramon entrou trazendo comida da rua, ela tirou os pratos, fez café e preparou mais suco de frutas. Ficou postada ao lado de Noreen até a jovem ceder e levar uma garfada de frango grelhado à boca relutante.

— Não está delicioso? — perguntou. — Agora você come enquanto eu separo os remédios. — Tão logo ela saiu, Noreen descansou o garfo, olhando impassível a delicada compota de fruta, os aspargos refogados e o delicioso pãozinho caseiro no prato. Não tinha fome. Como conseguiria comer tudo aquilo? Sentiu-se uma intrusa, apesar de não ser este o mesmo apartamento em que ele vivia com sua amada Isadora. Tê-la por perto devia ser a repetição de um pesadelo. Ela desejava muito voltar para casa, mas ele não deixava.

— Não está comendo? — Ramon censurou-a da porta. Havia tirado o paletó e a gravata, enrolava as mangas da camisa branca já com o colarinho aberto. Mesmo desalinhado, continuava elegante e muito sensual.

— Estou tentando — respondeu na defensiva, com os olhos no prato.

Ele entrou, sentando-se devagar na cama ao seu lado. Pegou o garfo dos dedos frouxos e indiferentes e espetou um pedaço de fruta.

— Não — protestou.

Ele colocou a fruta nos lábios entreabertos, empurrando-o de leve contra a pele macia com uma pressão sedutora. Devia estar imaginando coisas, pensou Noreen ao erguer o rosto. Os olhos misteriosos, semicerrados a fitavam. Ele era tão lindo, pensou infeliz. Nunca vira um homem tão sensual e desejável em toda a sua vida, e ela devia estar parecendo a rejeitada de algum programa humorístico.

Ele curvou-se, os olhos recaiando em sua boca macia.

— Coma — sussurrou, forçando mais uma garfada.

Ela abriu os lábios involuntariamente, aceitando o pedaço de fruta e mal sentindo o gosto ao mastigar.

O olhar desceu para a cicatriz aparecendo na camisola de algodão branco que a enfermeira a ajudara a vestir. O batimento cardíaco, embora regular e rápido, a perturbava devido ao som mecânico da válvula abrindo e fechando em seu coração.

— A dor melhorou? Tem comprimidos, se precisar.

— Só dói um pouco.

— Onde? Aqui? — O dedo comprido passou o dedo pela cicatriz, enfiando-o dentro da camisola. Ela gemeu e segurou-lhe o pulso forte.

Ele sorriu encantado com o rubor repentino. Moveu a mão para perto de sua cabeça no travesseiro e ocupou-se em colocar mais comida no garfo.

— Você não pode... — murmurou num sussurro.

— Posso sim. — Ele deu-lhe de comer, devagar, sensualmente, observando-lhe a boca enquanto ela mastigava uma garfada atrás da outra. O olhar firme fez seu coração acelerar. Ele viu, ouviu e ela odiou o corpo traidor por sua vulnerabilidade.

Ramon estava encantado. Afinal, ela não era indiferente a de. Isso significava que poderia conseguir corrigir os erros passados. Ainda não estava seguro de seus motivos, mas gostava do modo como ela reagia a ele. A vulnerabilidade de Noreen aumentava seu orgulho, o tornava arrogante, tamanho o prazer. Havia muito tempo não se sentia tão vivo, tão másculo.

A entrada da Srta. Plimm interrompeu-lhe os pensamentos. Ramon sorriu para ela.

— Hora do remédio — disse a senhora com um sorriso. Estendeu o copo de papel a ele. — É bom ter seu médico ao alcance, hein? — brincou ao sair.

Ramon colocou os comprimidos na sua boca e estendeu-lhe o suco, o braço forte apoiando-a para que ela pudesse engolir. Naquela posição, a camisola ficou solta, expondo os seios firmes e bonitos. Ela viu os olhos de Ramon baixarem para observá-los e rapidamente recostou-se, corando.

Os olhos encontraram os seus.

— Sou médico — lembrou-a.

Ela desviou o olhar para o suco de frutas e não respondeu. Ouviu o suspiro transpassar-lhe os lábios quando ele se levantou da cama e parou ao lado, pensativo, com as mãos nos bolsos.

— Termine de jantar. Volto mais tarde. Preciso concluir um trabalho no escritório. — Ela anuiu sem fitá-lo. O coração batia ensandecido e a causa não era a válvula artificial. Odiou ser assim e deixar que ele percebesse.

Ele reconheceu o ressentimento em seu rosto, mas estava sem palavras. Ela parecia sentir atração por ele antes da cirurgia, mas agora só queria mantê-lo à distância. Começou a lembrar-se dos últimos anos. Flashes impressos na mente. Noreen, bem mais jovem, corando quando ele a fitava, escondendo-se dele, observando-o e desviando o olhar tão logo ele a olhava. Sempre usando roupas largas. Recuando. Estranho, sempre fora assim, desde que entrara pela primeira vez naquela casa. Isadora era linda, sem dúvida. Sua presença impedira que ele prestasse atenção à pálida sombra que era Noreen. Mas agora o passado parecia tão vivido e real. Noreen não visitara a prima depois do casamento. Evitava-o mesmo no trabalho, mudando os turnos para que raramente coincidissem com os seus.

Ele se sentiu inquieto. Não gostava de pensar no passado. Era desconcertante. Nunca se permitira olhar realmente para Noreen ou tentar entender o motivo de

sempre agredi-la. Passara anos sendo grosseiro com ela de propósito. Afastou as lembranças e deixou Noreen entregue ao seu jantar. O resto da noite ficou tão quieto que, ao voltar para examinar na hora de dormir, surpreendeu as duas mulheres. Examinou-a superficialmente, declarou que ela estava melhorando e pediu a Srta. Plimm para pegar os analgésicos e foi dormir ainda distante e distraído.

IRRITOU-O MAIS do que gostaria de admitir ver Brad aparecer no sábado com um buquê de flores. Convidou-o a entrar e a Srta. Plimm acompanhou-o até o quarto.

Ele não havia pensado em flores. Era evidente que Noreen se emocionou e se surpreendeu com o gesto de Brad. Ramon não lhe dera sequer uma erva daninha e deu-se conta do erro ao ver o jovem se inclinar para beijar-lhe o rosto pálido e o sorriso afetuoso que brotou de seus lábios.

Trancou-se no escritório. A vida amorosa de Noreen não lhe dizia respeito. Por acaso ela se sentia atraída por ele, mas isso era uma ironia do destino. Ela não gostava dele. Podia ser vulnerável a ele, mas lutava contra isso com todas as forças, mais do que nunca.

Ele se certificara de não lhe dar motivos para gostar dele. Havia sido sarcástico durante o casamento e odioso após a morte da mulher. Comportara-se como um estranho, deliberadamente.

Observou o retrato de Isadora na parede. Ela posara para um famoso pintor logo depois do casamento. Os olhos azuis, vazios de sentimentos como a parede. O artista havia capturado a essência da retratada: linda e superficial. Ironicamente, ela adorara o resultado.

Preparou um drinque, pois estava de folga uma vez na vida e sentou-se para saboreá-lo. Segundos depois, a gatinha correu pelo tapete e pulou no seu colo, ronronando. Ele a acariciou, observando os enormes olhos verdes fitarem-no em adoração. Pelo menos, pensou, a gata gostava dele. A Srta. Plimm entrou no aposento dando uma olhada em direção ao quarto com um sorriso nos lábios.

— Posso pedir à cozinheira para atrasar em meia hora o jantar? — perguntou com educação.

Ele suspirou.

— Pode sim. Parece que eles têm muito assunto.

— O senhor está com uma aparência tão cansada. Posso trazer-lhe algo?

Ele ergueu o copo.

— Tenho tudo de que preciso obrigado. Ela olhou na direção do quarto.

— Dúzias de flores — murmurou —, e ela acabou de sair do hospital. Vão obstruir-lhe os pulmões, mas as pessoas não pensam, não é mesmo? — Voltou para o quarto dela e Ramon olhou na direção do quarto de Noreen. Estranho, mas saber que Isadora tinha um amante não o incomodara nada se comparado ao fato de Noreen ter um namorado. Recostou-se na poltrona e fechou os olhos.

UMA HORA depois, a Srta. Plimm o cutucou gentilmente.

— Uma ligação? — perguntou, piscando e acordando de imediato.

— Não, senhor, o jantar. O Sr. Donaldson já foi para casa.

— Ela segurava o buquê de flores. — Vou colocá-las na sala de jantar.

— Ela não se importa? — ele perguntou friamente.

— Nem perguntei.

Ele foi até o quarto e não a encontrou na cama. Ouviu a porta do banheiro se abrir e a viu sair andando muito devagar e ofegante.

— Não podia ter pedido ajuda? — Antes que ela pudesse responder, ele pegou-a no colo e a levou para a cama. Sua rigidez atravessou-lhe o paletó. Ele a fitou e parou ao lado da cama, surpreso com a expressão de seus olhos. — Você está assustada — disse, voltando a estreitar os olhos. — Por quê? Ela engoliu em seco.

— Coloque-me no chão.

Ele ignorou o pedido, nervoso. Pensava, o olhar reflexivo e firme.

— Roupas largas — murmurou —, nenhuma maquilagem, sempre me evitando... Por quê?

— Você não tem o direito... — começou.

— Mas você vai me contar assim mesmo.

— Não vou, não — garantiu.

Sentou-se na beirada da cama com ela no colo. Recostou-a no ombro e pousou a mão livre debaixo de seu peito sobre a camisola de seda.

A mão dela agarrou-lhe o pulso forte, numa súplica. Mas ele não se moveu. Os dedos começaram a se mexer lentamente. E todo o tempo ele observou-lhe o rosto com olhos astutos. Ela gemeu e estremeceu quando o dedo indicador roçou o mamilo enrijecido. A mão de Noreen afrouxou; ela suspirou.

— Querida — murmurou e, sem pensar onde estavam, na porta aberta, no passado, ele desceu-lhe a camisola e pressionou os lábios com suavidade na pele macia e quente do seio.

— Ramon — sussurrou, soluçando quando as mãos agarraram-lhe os cabelos negros, tentando assumir o controle perdido no momento em que ele tocou-lhe a pele. — Meu... Deus... Não! — Mas enquanto a voz rouca implorava, o corpo traidor arqueou-se dolorosamente, tentando aproximar-se da boca quente e ela arrepiou-se, tamanho o prazer proporcionado pelos lábios.

Ela sentiu as mãos em seu corpo, movendo-se devagar, guiando-a para a cama, para o travesseiro, enquanto a boca a devorava. Ele podia sentir-lhe a respiração nos lábios, ouvir as batidas frenéticas de seu coração, o próprio corpo tão tenso, tão ansioso que doía da cabeça aos pés.

Ao som de pratos na madeira, ergueu a cabeça. Admirou a suavidade do seio de Noreen, o local onde a boca tão ávida pressionara a cicatriz vermelha e a pele alva, subindo até os olhos arregalados, assustados.

Ela tentou puxar a camisola, mas ele continuou a segurá-la. No silêncio do quarto, voltou a admirar-lhe o seio, fascinado pelos contornos firmes, macios.

— Doutor, a cozinheira vai servir o jantar — avisou a Srta. Plimm.

Ramon mal conseguia respirar em ritmo normal. Os olhos encontraram os de Noreen, firmes e implacáveis ao ver, sentir e ouvir como ela reagia a ele. Voltou a fitá-la, os olhos famintos por sua nudez. Com um gemido, conseguiu cobri-la e levantar-se, as costas voltadas para a cama e para a porta, aparentemente olhando pela janela enquanto lutava contra os demônios do desejo a esfaquearem-lhe o corpo. Fazia anos...

Os passos se aproximaram.

— Doutor? — chamou a Srta. Plimm.

— Já estou indo.

— Pois não. Posso trazer algo para a senhorita?

— Não, obrigada — Noreen conseguiu dizer com voz calma.

— Bem, se precisar de alguma coisa, é só chamar.

— Obrigada, Srta. Plimm.

O corpo tremia da cabeça aos pés. Não conseguia olhar Ramon, envergonhada de sua impotência, de sua entrega.

Após um minuto, ele voltou-se para a cama e a centelha de desejo em seus olhos a fez estremecer. Agarrou o lençol, novamente dolorida pelo movimento do corpo e demonstrou-o.

Sem uma palavra, ele abriu o vidro de analgésicos e, segurando-lhe a mão com a palma para cima, colocou dois comprimidos nela. Levou-lhe a mão aos lábios e entregou um copo de água para ajudá-la a engolir o remédio. Repousou o copo e cobriu-a até a cintura. Os olhos escuros e turbulentos encontraram os seus, embaraçados. Ele afastou algumas mechas de seu cabelo com expressão triste. Inclinou a cabeça e deu-lhe um beijo na testa.

Ela tentou falar, mas os dedos finos sobre sua boca a silenciaram.

— Existem na vida poucos momentos tão maravilhosos — sussurrou ele. — Nesses casos, mesmo as palavras são uma espécie de profanação. — Ela perdeu o ar diante da expressão de seus olhos, embora o que ele dizia não fizesse sentido. — Vá dormir — recomendou com ternura.

Surpreendentemente, seus olhos fecharam, ainda o vendo, o corpo assaltado por desejos desconhecidos que não fazia idéia de como saciar. A dor, o choque e a exaustão cobravam seu preço. Logo depois, caiu num sono profundo.

TEIMOSAMENTE, FINGIU nada ter acontecido. Mas Ramon sabia tudo de que precisava acerca de seu comportamento. As roupas velhas, a camuflagem não eram consequência de alguma experiência infantil terrível, como suspeitara a princípio. Era para evitar demonstrar como ele mexia com ela, como ela se sentia perdidamente

atraída por ele. No instante em que a tocasse, o corpo passaria a lhe pertencer. Agora sabia. Ela, também.

Havia uma espécie de arrogância no modo como ele a olhou, como se já a possuísse e conhecesse cada milímetro do seu corpo. Não agiu assim de modo ostensivo, mas ele sabia. Ela foi ficando cada vez menos à vontade conforme os dias passavam, receosa de que ele fosse tomar alguma atitude. Também sentia mais desconforto do que nunca devido à sensibilidade e à dor no esterno, e não conseguia dormir sem analgésicos. Era um alívio ter a enfermeira por perto, não apenas porque ela sabia o que fazer quando Noreen sentia dor, mas também porque funcionava como um escudo protetor. Apesar da ternura demonstrada nos últimos dias, Noreen não confiava nada nele.

Certamente ele lamentava ter julgado mal o motivo de ela haver deixado Isadora sozinha, mas o sofrimento pela perda da mulher amada havia sido bem real. E, independentemente dos demais fatores, a ausência de Noreen havia sido responsável pela morte de Isadora. Ramon amara a mulher com obsessão. O sofrimento e a raiva não desapareceriam como fumaça só porque Noreen fora submetida a uma cirurgia. Essa era a calma antes da tempestade. Quando ficasse curada, não tinha dúvidas de que Ramon retornaria ao seu antigo e vingativo comportamento, e ela não podia abrir a guarda. A fragilidade era perigosa. Se o deixasse notar como ela se sentia atraída, quem sabe não usaria essa atração em proveito próprio para vingar-se da morte de Isadora?

Esses pensamentos e medos a faziam fechar-se quando ele estava por perto e simular distanciamento e formalidade. Ramon parecia esperar por essa reação.

ENQUANTO isso, ele tentava ao máximo manter afastada a lembrança de Noreen em seus braços. Ela estava fraca e muito vulnerável em seu estado atual. Além do mais, era sua hóspede. Não tinha o direito de tirar vantagem disso.

O problema é que seus sentimentos em relação a ela haviam sido tão reprimidos ao longo dos anos que agora precisava lutar para mantê-los sob controle. Nunca havia realmente assumido o que sentia até a súbita e alarmante doença de Noreen. Mesmo agora era difícil admitir os sentimentos, mesmo na privacidade dos próprios pensamentos.

Não demorara dois meses para reconhecer ter cometido um grave erro casando-se com Isadora. Mas sua honra e orgulho o haviam forçado a tentar manter um relacionamento abençoado pela igreja. A tradição o fizera manter-se fiel aos votos. Ninguém conhecia seus verdadeiros sentimentos, pois ele os escondia. Professava eterna devoção à mulher, mostrava ao mundo que o amor verdadeiro superava as mais românticas expectativas. Porém, por trás dos sorrisos e das mentiras, reinava um casamento frio entre duas pessoas totalmente incompatíveis. A beleza de Isadora o deixara cego quanto à sua verdadeira natureza, exatamente oposta à de Noreen.

Tomou o café, sentado na cafeteria do hospital, num breve intervalo entre cirurgias, tomado por um cansaço que não lhe era comum. A morte de Isadora o fizera

perceber quão estéril havia sido o casamento deles. A culpa de deixá-la tantas vezes sozinha assumira, na época, grandes proporções e tinha sido conveniente culpar Noreen por abandonar a prima. A culpa alimentara a censura. Noreen pagara um preço alto pela morte da prima. Agora, tudo parecia fútil e cruel. Como pudera jogar toda a responsabilidade nos ombros de uma mulher doente que poderia ter morrido naquela noite?

Os Kensington, sem dúvida, experimentavam o mesmo sentimento de culpa. Recebera um recado e precisava retornar a ligação do sogro. Noreen não manifestara o menor desejo de ver os tios desde que recebera alta, e o pedido para visitá-la fora recusado sem explicações. Eles, assim como Ramon, queriam uma nova chance. Noreen obviamente não pretendia dá-la.

Ele terminou o café e esticou-se. Que sentimentos nutria Noreen pelo amigo Brad, que se sentia à vontade para levar-lhe flores e se sentar com ela horas a fio? Ele não gostava do cara, sem um motivo lógico. Admitir que sentia ciúmes seria demais. Com um longo suspiro, olhou o relógio e fez uma careta; hora de voltar ao trabalho. Ficou grato por ter alguma coisa com que ocupar a mente. Ultimamente seus pensamentos eram péssima companhia.

SURPREENDEU-SE AO encontrar os Kensington esperando no consultório. O tio foi o primeiro a falar, depois de se sentarem no ambiente simples, mas confortável.

— Queremos saber o que podemos fazer por ela — disse a Ramon sem rodeios.

— Sim — acrescentou Mary baixinho. — Deve haver alguma coisa: a conta do hospital, terapia, o salário...

— Ela não fala conosco — continuou o tio, interrompendo a esposa na pressa de falar. — Não a culpamos por isso, você sabe. Só queremos ajudar. Não fomos justos — concluiu pouco à vontade.

— Nem eu — afirmou Ramon. — Todos jogamos a culpa nela. Ela sofreu um ataque cardíaco naquela noite, ou pelo menos assim acredita o médico. — Já havia comentado com eles, mas não sabia ao certo se recordavam. — Ele a sedou enquanto ela tentava explicar o estado de Isadora. — Ele cruzou as mãos na escrivaninha de tampo reluzente. — Noreen se sente culpada até disso, mas nenhum de nós pensou em seus sentimentos. Ela também amava Isadora. Não lhe permitimos ir à missa, sentir que fazia parte da família, nem mesmo compartilhar de nosso luto.

Mary mordeu o lábio inferior para conter as lágrimas sinceras. Ela amava tanto a filha que deixara a sobrinha de lado. Fora doloroso pensar no passado e constatar como todos, principalmente Isadora, haviam usado Noreen sem se importar com seus desejos ou sonhos. Ela havia sido vergonhosamente negligenciada. Eles não se preocuparam sequer com sua saúde.

— Não sabíamos que ela sofria do coração — murmurou Mary. — Nem nos preocupamos em submetê-la a um exame de saúde antes de entrar para a faculdade.

*Desejo 107.2 * A Paciente * Diana Palmer*

— Nunca nos preocupamos com ela — Hal concluiu, o rosto envergonhado. — Ela me deu uma carteira de pele de enguia de aniversário. Deve ter lhe custado uma semana de salário e debochei do presente. — Ele colocou a cabeça entre as mãos. — Estou enojado. Sabe, ela nos acusou de tê-la convidado para nos visitar para acabar com as fofocas dos amigos. É assim que ela se sente. — Ele ergueu o rosto. — Queremos visitá-la. Você pode nos ajudar? Converse com ela, explique nossa situação. Pelo menos podemos ajudá-la financeiramente, se precisar.

Ramon os fitou.

— Deixe-me pensar — disse solene. — Vou encontrar um jeito de nos redimirmos.

CAPÍTULO OITO

MAS se descobrir um jeito de discutir o assunto com Noreen foi fácil, colocar o plano em prática não foi. Desde que Ramon a beijara, ela se fechara. A Srta. Plimm notou e comentou com Ramon a súbita timidez e apreensão da jovem.

— Na idade dela, apesar da fraqueza e da dor, ela deveria estar se recuperando mais rapidamente. Ela anda muito nervosa e notei que piora quando o senhor está por perto.

Ele reclinou-se na poltrona de couro, exausto após um longo dia na sala de cirurgia.

— Eu também notei — respondeu, convidando-a a se sentar num sofá de couro preto. — A senhora tem conhecimento de que eu e Noreen tivemos uns desentendimentos ao logo dos anos? — perguntou, fitando-a com olhos argutos.

Ela cruzou os braços no peito.

— Noreen comentou.

— Foi culpa minha, por não aceitar que ela tivesse deixado minha mulher sozinha em estado crítico e a deixado morrer. — Ele ergueu a mão quando ela fez menção de falar. — Por favor, deixe-me terminar. Agora sei que não havia motivo para culpá-la. Errei muito, bem como os tios dela, e reconhecemos nosso erro. Mas Noreen tornou-se tão distante que achamos impossível nos aproximarmos. — Ele estendeu as mãos. — Chegamos a um impasse. Nenhum de nós sabe como agir. Não a culpo por se sentir assim, a senhora entende, mas queremos fazer as pazes e ela não permite.

— Ela ainda está sentindo muita dor — comentou a enfermeira —, e o senhor sabe que uma cirurgia radical por vezes provoca certa confusão mental. Ela precisa de tempo para se adaptar. Só isso. Tenha paciência.

— Essa não é uma de minhas maiores qualidades, exceto na sala de cirurgia, mas tentarei — respondeu com um sorriso pálido.

— Por falar nisso — disse, levantando-se —, pedi ao Sr. Donaldson para não trazer mais flores. Não é aconselhável após uma cirurgia. Ele devia saber.

Os olhos dele estreitaram-se.

— Ele veio visitá-la?

Então, ela pareceu realmente constrangida.

— Ele vem todos os dias. Pensei que soubesse.

Ele a dispensou e sentou-se meditativo, os olhos negros duros num rosto exausto. Não, não sabia. Irritava-se por Brad continuar aparecendo. Noreen era responsabilidade sua não dele. Bem, estaria em casa da próxima vez em que o visitante

chegasse, e daria um jeito nele. Nunca lhe ocorreu estar sendo irracional. Não até abrir a porta para Brad na sexta-feira e dizer que Noreen não podia receber visitas.

— Por que não?

Ficou sem palavras, pois não tinha uma boa desculpa para criar objeções às visitas do jovem.

— Tomo cuidado para não cansá-la — continuou Brad, tentando aplacar o médico, cujos olhos faiscavam. — Sei como está fraca.

Fraca. Sim, pensou Ramon, quase frágil. Sempre o fora, mas sua independência e energia o haviam cegado. Exausto, encostou-se no batente da porta.

— Ela não está se recuperando com a rapidez que eu esperava. Não dorme direito à noite, apesar dos analgésicos, e mostra-se constantemente inquieta.

Brad ergueu o queixo.

— Talvez seja o ambiente, embora eu entenda o fato de o senhor não controlar seus sentimentos. Mas ela sente a hostilidade, apesar de o senhor tentar esconder. Ela fica sempre tensa.

Aquilo foi um golpe, mas Ramon aceitou-o sem explodir. Fora hostil por tanto tempo... Todos sabiam. Agora a instalara em seu apartamento e esperara que ela gostasse dele. Ressentia-se por tal não acontecer. Devia estar fora de si para esperar isso, apesar de ela ter se derretido em seus braços. Mesmo a demonstração de afeto poderia soar como ameaça, como um modo dissimulado de brincar com sua vulnerabilidade e magoá-la. Ele jamais faria isso, mas ela não podia adivinhar. Ele era o maior obstáculo à recuperação. Incrível precisar de um estranho para mostrar-lhe a verdade.

— Converse com ela — disse inesperadamente. — Veja se ela prefere voltar para casa. A Srta. Plimm pode acompanhá-la e ela terá toda a ajuda de que necessita.

— Muita gentileza sua, doutor — disse o jovem, surpreso. As sobrancelhas escuras de Ramon arquearam-se.

— Eu o surpreendi?

O jovem remexeu-se inquieto.

— Todos sabem o quanto o senhor odeia Noreen.

Ramon acenou em direção ao quarto dela e voltou para o escritório, fechando a porta devagar. Mas estava preocupado demais para conseguir se concentrar.

BRAD SORRIU da porta para a amiga, que se animou um pouco ao vê-lo.

— Deprimida de novo? — ele provocou, deixando a porta encostada. A expressão no rosto dela iluminou-se de pronto. Sentou-se ao seu lado na cama. — O Dr. Cortero acabou de dizer que, se você quiser, pode ir para casa com a Srta. Plimm.

Noreen expirou, aliviada. Ficar perto de Ramon era pura tortura.

— Quando? — perguntou imediatamente.

— Quando quiser, suponho. Ele me pediu que a avisasse. — Afagou-lhe os cabelos.
— Você não gosta daqui, não é?

Ela fez que não com a cabeça, baixando o olhar.

— Ele tem sido muito gentil, mas queria estar na minha casa, com as coisas que me são familiares. Eu o atrapalho, embora ele evite demonstrar. Ele nem pode convidar... Pessoas... Comigo aqui.

— Pessoas?

— Mulheres — murmurou.

— Essa é boa. Nem a maior fofqueira do hospital consegue dizer nada sobre ele. Ele não sai com ninguém. Acho que ainda está de luto.

— É — disse e ficou magoadas. — Ele era louco por ela. Tiveram que arrastá-lo do caixão. — Ela não gostava de se lembrar.

— Ele devia amá-la muito.

— Mais do que a própria vida. Por isso me odeia tanto. Acho que não é tão crítico quanto no passado, desde que fiz a cirurgia. Mas o fato é que ele me deixou encarregada de cuidar dela e eu a deixei morrer. — Os olhos demonstravam desespero ao erguer o rosto. — Eu também a amava — disse com voz rouca. — Apesar de eles não acreditarem. Ela podia ser gentil quando queria. Todos a mimavam por ser tão linda, até mesmo eu.

— A beleza é superficial — afirmou Brad friamente. — Não tem nada a ver com o caráter da pessoa. Eu me apaixonaria por você, se meu coração fosse livre.

— Obrigada. — Ela sorriu. Ele deu-lhe um tapinha na mão.

— Você também nunca namora. Também sofre por um amor não correspondido?

Ela não queria responder. Ramon estava disposto a deixá-la partir, então aparentemente cansara de sua presença. Devia ser um tormento para ele. Ela recusou-se a pensar naqueles beijos. Provavelmente ele estava a tanto tempo sozinho que qualquer mulher, não importa em que condições, provocaria a mesma reação nele.

Reclinou-se nos travesseiros. Teria que deixar a Srta. Plimm acompanhá-la e dar um jeito de lhe pagar o salário.

— Pergunte a ele quando posso ir embora — disse, afinal.

O ROSTO DE Ramon não traiu nenhum sinal de emoção quando Brad fez a pergunta.

— Tomarei as devidas providências — disse, acompanhando Brad até a porta. — Eu aviso. Quanto antes, melhor.

Brad assentiu.

— Obrigado. Acho que ela vai se recuperar mais rápido num ambiente familiar. A gente pode estar num lugar muito confortável, mas nada como a casa da gente.

— Entendo. — Ramon fechou a porta e hesitou antes de ir ao quarto de Noreen. Encontrou-a tensa, recostada nos travesseiros, as mãos cruzadas no colo. A

enfermeira sairá para almoçar, ir ao banco e fazer umas compras, pois era sexta-feira. Ele foi direto ao ponto.

— Pode ir embora amanhã de manhã, se quiser. Eu aviso a Srta. Plimm. Só mais uma coisa — disse, gesticulando para a gatinha enrascada em seus pés sobre a colcha. — Você não pode levar Mosquito.

— Eu sei — disse triste. Ela se apegara demais ao bichinho. Mas regras eram regras e ela não poderia esconder a gata. Afinal, o proprietário e a mulher freqüentariam o apartamento, sendo o tipo de pessoas que se dedicam aos doentes.

— Eu cuidarei bem dela.

Ela assentiu. Ramon emitiu um som irritado.

— Olhe, por que não fica? Tem tudo à disposição. Brad a visita sempre que quer. Por que está tão ansiosa em voltar para aquele apartamento solitário?

Ela o fitou com o rosto cansado, exausto.

— Porque é meu. É tudo que tenho. Ele ficou abalado.

— Como assim?

— Eu vivo sozinha. Gosto de viver sozinha. Não me sinto à vontade com outras pessoas.

— Comigo, quer dizer. Ela contraiu a mandíbula.

— Isso.

Ele aproximou-se da cama, olhando-a fixamente.

— Eu não a deixo à vontade. — Ela desviou os olhos. O coração batia alucinado, traindo sua excitação. — Fale comigo. — ordenou.

Noreen apertou as mãos como se disso dependesse sua vida.

Trincou os dentes. Não o fitaria.

Ele enfiou as mãos nos bolsos para evitar segurá-la. Como sempre, ela lhe despertava fortes emoções. Mas agora estava menos armado do que de hábito.

— Não é que não aprecie o que fez por mim — disse, passado um minuto. — Sou muito grata a você. Salvou minha vida. Não precisava sacrificar sua privacidade por minha causa.

— Minha privacidade, como você chama, é muito solitária — confessou, surpreendendo-a tanto que ela fitou-lhe o rosto magro e bonito. — Não recebo ninguém. Achei que soubesse.

— Mas você sempre...

— Quando Isadora era viva — concordou. Ele procurou-lhe o rosto exausto. — Ela dava as festas. Só conseguia viver cercada de gente e música. Eu passava mais tempo no consultório, pois não tinha sossego para ler meus jornais médicos ou escrever artigos. Ela se ressentia do meu trabalho, desde o início de nosso relacionamento. Ela queria que eu abrisse mão da minha profissão, sabia?

Ela sacudiu a cabeça.

— Teria sido uma pena. Você é o melhor na área. Ela não sabia quantas vidas salvou?

— Não ligava a mínima para isso. O único verdadeiro interesse de Isadora era Isadora. É o que acontece com muitas crianças mimadas. Crescem sem compaixão pelos outros, só preocupadas com os próprios desejos e necessidades. Depois se casam, constituem família e não estão preparadas para ceder. Finalmente, desmoronam. Como aconteceu com ela.

— Ela sempre pareceu tão feliz. E você também.

— Ah, a gente finge, para não admitir os fracassos. Nós éramos a imagem do casal ideal, não é? No entanto, Isadora lutava contra o ciúme e o desprezo, tornando-se dependente do álcool e das festas para sobreviver aos longos e solitários dias e noites.

Ele nunca se abriu antes. Ela o fitou incapaz de interrompê-lo. — Não lhe bastava o amor. Precisava possuir. Mas era fria por dentro. Nada tinha a dar além da beleza e uma superficial afeição. — Ele suspirou, fitando Noreen. — Na cama, era o ser mais frio que conheci. Torcia para acabar logo e vivia obcecada com receio de engravidar.

— Mas ela disse que você não queria filhos — deixou escapar.

— Eu queria, e muito.

De repente, ela entendeu do que ele falava. Algo em sua natureza apaixonada adorava crianças. Mas ela jamais soubera, pois ele nunca tinha contado nada.

— Ansiava pela paixão de uma mulher — disse suavemente. — E acabei faminto. Por isso perdi o controle com você. Sentir sua boca receptiva, seus braços, foi demais para mim. Eu devia saber. Isadora queria minha fama, meu dinheiro, meu nome, mas nunca me quis.

— Ela o adorava — protestou.

— Adorava meu dinheiro — disse com uma risada cínica. — E o que meu dinheiro podia comprar. Sabia que ela teve um amante antes de mim? E não abriu mão dele só porque se casou. Ainda eram amantes quando morreu. Queria ir a Paris comigo porque sabia que ele estaria lá. Ela me ameaçou dizendo que, se eu a deixasse em casa, ela se vingaria. — Os olhos encheram-se de amargura. — E conseguiu, da maneira mais vulgar que podia. Morreu e me deixou com a culpa.

— Você me culpou.

— Eu me culpei — disse, zangado. — E ainda me culpo. Culpar você foi o único modo de seguir vivendo, por um tempo. — Ele procurou-lhe o rosto com olhos solenes. — Como se você pudesse deixar alguém morrer... — debochou. — Você é tão meiga que me odeio por todas as palavras duras e as acusações do passado. Você não fez nada senão mostrar quem era Isadora. Pior, você me mostrou quem ela não era.

— Não entendo.

— Como poderia? — perguntou, fechando a cara. — Você não me conhece. Jamais pude mostrar quem eu sou, pois era perigoso nos aproximarmos. — Os olhos dela o fitavam, inquisidores.

— Você não entende? — perguntou, divertido.

— Não — retrucou com sinceridade.

Ele sentou-se ao seu lado. A mão contornou-lhe os lábios, os olhos prendendo os seus até os batimentos cardíacos entrarem em convulsão.

— Agora entende? — perguntou num mero sussurro. — Sinta. — Trouxe-lhe a mão ao coração. Batia acelerado como o seu. Reconheceu nos olhos escuros a mesma turbulência que sentia.

Mas ao olhar o rosto que mais amava no mundo, só identificou desejo. Ele a queria, sem dúvida, mas não era um desejo que brotava do amor. Era apenas físico.

Ela deixou a mão cair na colcha com um suspiro.

— Entendo.

— Acho que não — Ramon retrucou zangado. — Você tem medo de entender. — Ele colocou um dedo sobre os lábios que tentavam formar uma frase. — Eu sei que, apesar de não querer, sente atração por mim, Noreen. Fiz o possível para você me odiar.

Era engraçado, mas ela não teve vontade de rir. Ele não fazia idéia de seus sentimentos por ele. Achava que ela apenas o desejava. Abaixou os olhos para impedi-lo de ver o que eles escondiam e recostou-se nos travesseiros, na defensiva.

Ele interpretou o gesto como medo e ergueu-se.

— Está bem — disse em voz baixa. — Não tentarei mais nada. Todos parecem acreditar que sou o motivo de você não estar se recuperando como deveria. Se quiser voltar para seu apartamento, providenciarei para que se mude. Pode pedir o que quiser para ficar confortável, exceto Mosquito — murmurou, sorrindo para a gatinha que deitou com as patas para cima.

Ela notou o modo como ele fitava o bichinho e sentiu um aperto no coração pelos filhos que não teve e os animais que Isadora proibira no apartamento. Ele ergueu o rosto e vislumbrou a expressão de seus olhos. Ficou ao mesmo tempo surpreso e encantado.

— Está com pena de mim, querida?

— Quizás un poço — murmurou em espanhol. Talvez um pouco.

Ele chegou mais perto da cama.

— Sua pronúncia é perfeita. Você entende tão bem quanto fala?

— Às vezes — admitiu. — Depende de quem fala. Entendo melhor o sotaque cubano, pois meu professor era de Havana.

— Costumamos pular algumas palavras. Então pode me entender quando falo espanhol — acrescentou, franzindo os lábios. — Então, se ficasse aqui, até estar em condições de cuidar de si mesma, eu poderia ler Baroja para você todas as noites.

Ela apertou a coberta.

— Isadora lhe deu um exemplar de Cuentos e de Paradox Rey — recordou-se.

— Que você escolheu — retrucou, surpreendendo-a —, pois Isadora nunca falara uma palavra em espanhol. Achava um idioma chato e sentia desprezo pelos autores espanhóis, como Baroja.

— Ele é um dos meus favoritos — admitiu. — Era um renegado, mas entendia de sofrimento e pobreza. Conhecia a alma das pessoas.

— Claro. Ele era médico antes de ser escritor. — Ele sorriu. — Você gosta de Zonilla?

Ela sorriu.

— Don Juan Tenorio — citou.

— Que apropriado você lembrar-se dessa obra em particular. Diferentemente do Don Juan que foi condenado, na versão da história de Tirso de Molina, o Don Juan de Zonilla foi salvo do inferno pelo amor de uma boa mulher.

— Sim, uma história linda. — Ela moveu os ombros e recostou-se nos travesseiros com um longo suspiro hesitante, pois ainda sentia certo desconforto. A mão tocou a cicatriz.

— A cicatriz vai desaparecer quase toda — comentou ao vê-la tocar a incisão. — Eu me orgulho dos meus pontos.

Ela sorriu.

— Você é um excelente cirurgião. — Fitou-o. — E tem sido muito gentil.

— E você acha que tal gentileza deve-se à minha consciência pesada?

— Essa idéia me ocorreu.

As mãos moveram-se dentro dos bolsos.

— Bem, não é só culpa. Pelo menos, não mais. Eu gosto de cuidar de você, não é estranho? Nunca tive ninguém por quem voltar para casa, muito menos alguém que precisasse de mim. — Retorceu a boca. — Acostumei-me a... Ter você aqui. — O sorriso sumiu. — Você odiará seu apartamento — disse abruptamente. — Apesar da companhia da Srta. Plimm.

— Você acha sua companhia tão indispensável? — perguntou ela irritada.

— Talvez seja, Noreen — disse com voz profunda e séria. — Acho que não se dá conta do quanto me acostumei a ter você em minha rotina. Você se encaixa aqui.

Seu coração voltou a acelerar. Sentiu-se aprisionada. Entretanto, ele não dera um passo em sua direção.

— Fique — pediu.

Ela enrubesceu. Não conseguia fazer a mente funcionar.

— Estou atrapalhando. E Brad vem aqui e você não gosta...

— Posso tolerar seu amigo. E você não atrapalha.

Ela hesitou. Não queria ficar; tampouco queria partir. Era um risco permanecer perto dele. Ele ainda não sabia o que ela sentia por ele, mas, se ficasse mais tempo, descobriria. Por outro lado, levava um susto com seu estado de saúde e era reconfortante tê-lo por perto, tanto em termos profissionais quanto por motivos pessoais. E também havia Mosquito. Sentiria saudades dela. A cozinheira preparava refeições saborosas, o quarto era bonito...

Sua racionalização a irritou e ela o fitou furiosa por ele tentá-la.

Ele apenas sorriu, tentando persuadi-la.

— Fique. Lerei todas as noites.

— Baroja? — perguntou com meiguice.

— O autor que preferir.

Ela imaginou aquela voz aveludada lendo poesia espanhola num quarto iluminado por um abajur e corou.

— Nada sensual — provocou. — Queremos seu coração batendo calmo, não galopando. Pelo menos por enquanto.

Ela já estava perdida.

— Se realmente não estiver atrapalhando... — A gatinha subiu-lhe ao ombro, esticando-se e bocejando, e enroscou-se em seu pescoço. Seu cabelo, preso num coque, começou a soltar-se graças aos movimentos desassossegados de Mosquito.

— Se você quiser, posso pedir a Srta. Plimm para lavar seus cabelos. Você nunca os deixa soltos?

— Quase nunca — confessou. — Atrapalha no trabalho e quando tento dormir. Os fios entram nos meus olhos e na minha boca. Pensei em cortá-los, mas adoro cabelo comprido.

— Eu também. — Ele a fitou, imaginando aqueles cabelos fartos em suas mãos, em seu peito nu... Voltou-se abruptamente, recuperando o fôlego. — Direi a Srta. Plimm que não precisa mais fazer as malas.

Ela tinha tantas coisas a perguntar, mas nada lhe veio à mente. Fechou os olhos. Viver com Ramon tornara-se um estilo de vida. Nunca quisera ir embora. Fossem quais fossem os motivos, Ramon parecia sentir o mesmo. Só o tempo diria se havia tomado a decisão certa.

— Tem mais uma coisa — disse da porta.

— Sim?

— Seus tios gostariam muito de visitá-la. — O rosto ficou tenso. — Imagino como se sente em relação a eles, mas, do jeito deles, lamentam e querem tentar reparar os erros cometidos.

Ela o olhou, indefesa, a mente tomada pelos longos anos sem amor, sem carinho, a ferida aberta estampada nos grandes olhos acinzentados.

Ramon voltou e sentou-se na cama, segurando-lhe uma das mãos.

— Não é fácil perdoar, Noreen. Porém, sem perdão as guerras não terminam. Precisamos parar de viver no passado e recomeçar. — Ele procurou os olhos tristes. — Vamos começar aqui, agora. Pode me perdoar?

Ela sentiu a mão contrair-se em torno de seus dedos.

— Claro — respondeu incapaz de fitá-lo nos olhos. — Nunca o culpei pelo modo como se sentiu.

— Você nunca soube como me senti.

Ela ergueu os olhos buscando a doçura nos dele.

— Todos sabiam. Você me odiava. Ele sacudiu a cabeça.

— Tentei, mas nunca funcionou. — Ele contraiu os olhos como se experimentasse dor. — Nunca ouviu dizer que a infelicidade cava um lugar bem fundo dentro de nós para ali acomodar a felicidade que está por vir? Talvez isso aconteça com você. Adoraria ver você feliz. E seus tios também. Não nos rejeite.

Ele era um hábil advogado. Ela cerrou os olhos, incomodada com o desconforto nos pontos.

— Está bem — disse após um breve instante. — Tentarei. — Ele levou-lhe a palma da mão aos lábios e beijou-a com infinita ternura. Ela corou.

Ele sorriu, soltando-lhe a mão.

— Preciso ler um pouco e depois fazer umas visitas. Amanhã à noite, se quiser, posso ler.

O coração dela pulou só de pensar. Retribuiu o sorriso, fascinada por aquele homem complexo. — Adoraria. Ele levantou-se e observou-a com complacência.

— Eu também. Vejo você mais tarde.

Ela o viu deixar o quarto e se sentiu como se a vida tivesse dado um giro de 180 graus. Sua real preocupação era o motivo que o levava a se comportar assim. Ele sentia atração, pena, mas ultimamente havia algo mais naqueles olhos quando a fitava. E ele demonstrava um cuidado especial em relação a ela. Nunca o vira tão cioso do conforto de Isadora, nem mesmo nos primeiros anos de casado. Todas essas coisas formavam um quebra-cabeça impossível de resolver. Mas era tão bom sentir-se protegida que não conseguia abrir mão daquilo. Ainda não.

Naquela noite, antes de dormir, ele parou na porta de seu quarto e a observou durante um bom tempo.

— Você vai querer voltar a trabalhar quando ficar boa? — perguntou de repente.

— Claro — respondeu, curiosa com a pergunta e com a fisionomia sombria. — Gosto do meu trabalho, Ramon.

— Eu sei, mas e se tivesse outros deveres para ocupá-la?

— Não compreendo.

Ele suspirou profundamente.

— Não, imagino que não. Deixe para lá. De qualquer modo, ainda é cedo. — Sorriu para ela. — Durma bem.

— Você também. Você não descansa o suficiente — acrescentou sem querer.

Sua preocupação soou feito um afago na pele fria. Ele sorriu.

— Nunca me importei com isso. O trabalho tem sido minha salvação durante esses longos e solitários anos.

— Você enfrentou dificuldades ao chegar a este país, não foi?

Ele concordou.

— Muitas. Você também entende de privações e pobreza, certo?

— Certo. Meus pais eram muito pobres. Nunca tinham dinheiro suficiente.

— Para algumas pessoas, nunca há — disse em tom amargo. — Isadora tinha dez vezes mais do que a maioria das mulheres de sua classe social, e nada era o bastante. Ela achava os pobres irritantes. — Ramon a fitou afetuosamente. — Lembro-me do dia em que observei seu rosto enquanto distribuía sopa. Toda aquela gente faminta, assustada, e tão poucas pessoas se importam com elas.

— Eu sei. — Ela buscou-lhe o rosto cansado. — Eu sei. Conheço você. Atendeu várias pessoas que não tinham dinheiro nem seguro.

— Minha habilidade é um dom divino. A gente acaba aprendendo que todos os dons têm seu preço, dentre eles dividir com os menos afortunados. — Ele buscou os olhos de Noreen. — Agradeço ainda mais a Deus por essa habilidade agora. Você podia ter morrido.

— Aparentemente, ainda não havia chegado há minha hora.

— Jamais saberá como me senti ao ver seu rosto sem a máscara de oxigênio na sala de recuperação. Toda a crueldade voltou a me assombrar. — Ele recostou-se na porta. — Magoamos você terrivelmente no funeral de Isadora. Nunca esquecerei as coisas que disse. Um dia espero que possa me perdoar. Estava consumido por minha própria culpa. Ela disse que se vingaria se não a levasse. Não estava tão mal quando saí.

Ela respirou fundo.

— Não, não estava. Mas ficou na chuva, de camisola, durante várias horas seguidas. De propósito. Por isso, ficou doente. A empregada precisou ir embora e eu já estava me sentindo mal. Deveria ter ligado para alguém.

Ele prendeu o fôlego. — Meu Deus, por que não me contou?

— Você não teria acreditado. Talvez ela não soubesse da gravidade de uma infecção pulmonar. A luz apagou e tentei encontrar a escada, desesperada por buscar ajuda para ela. Minha última lembrança é de tentar recuperar o equilíbrio.

Ele fechou os olhos.

— Pagar o mal com o bem. Meu Deus! — Ele deixou-a, sentindo-se tão mal que não conseguia encará-la.

— Sinto muito — disse ela, mas não havia ninguém para ouvir. De todo modo, pensou ao deitar-se, talvez fosse melhor ele finalmente conhecer a verdade.

CAPÍTULO NOVE

NA tarde seguinte, a enfermeira ajudou-a a tomar banho, tarefa ainda difícil. Não podia usar a banheira. Tinha várias incisões: uma na virilha, por onde o cateter fora inserido, duas no peito, para os tubos de dreno, e uma no centro do peito, para a cirurgia.

Precisava limpar as incisões de leve com sabão bactericida. Ainda não podia molhá-las. Ramon tinha uma imensa banheira de hidromassagem com acessórios de metal no banheiro da suíte, parecendo saída de uma fantasia romana. Noreen a vislumbrara numa de suas caminhadas pelo grande apartamento com a enfermeira e sonhara em mergulhar nela. Bem, pelo menos agora já podia tomar banho de chuveiro, pois estava mais firme. A enfermeira ajudou-a a lavar a cabeça.

Voltou para a cama numa de suas bonitas camisolas brancas bordadas. Ramon chegou mais cedo do que de costume. A enfermeira secava os cabelos fartos, compridos e dourados de Noreen com o secador.

— Deixe que eu cuide disso — disse Ramon pegando o secador. — Diga à cozinheira que estou com vontade de comer comida mexicana. E vocês duas?

— Ótima idéia — respondeu a Srta. Plimm com um sorriso e Noreen acenou concordando.

— Vou ver o que ela pode preparar. E preciso ir até a farmácia antes do almoço. O sabonete bactericida está quase no fim.

Ramon tirou uma nota da carteira.

— Compre uma tira de cabelo ou uma fita. Qualquer coisa para prender-lhe o cabelo.

A enfermeira riu.

— Pode deixar. — Saiu e fechou a porta.

Noreen examinou-lhe o rosto exausto. — Você está bem? — Passara grande parte do dia preocupada com a reação dele ao tomar conhecimento das últimas horas de Isadora.

— Estou bem. Gostaria de ter sabido antes. E não apenas sobre o ato final de vingança de Isadora — afirmou, buscando-lhe os olhos. — Não estranho você ter ficado tão amarga.

— É verdade, mas, como você disse não se pode viver no passado. Isadora está morta. Nada poderá trazê-la de volta.

— Sei disso. Não combinávamos desde o início, mas os homens costumam ficar cegos de desejo. — Ele procurou os olhos de Noreen. — Você fazia questão de não chamar a atenção.

— Propositadamente. Não gostava do jeito como Isadora reagia quando eu me fazia notar, principalmente quando havia homens por perto. — Ela riu. — Não que me notassem. E você me odiava.

Ele não sorriu.

— Não. — Os olhos estreitaram-se. — Você nunca percebeu a verdade, mas ela, sim. Sabia que ela me acusava de ser louco por você?

Ela ficou sem fôlego.

— Como assim? Ele riu.

— Não compreende? Eu insultava você para mantê-la afastada. O que sentia era muito forte. E ainda é.

— Você ainda me detesta? — perguntou, tentando compreender o que ele dizia.

— Meu Deus! — Ele suspirou pesadamente, balançando a cabeça. Sentou-se perto dela e ligou o secador de cabelo.

Uma das mãos finas segurou-lhe o cabelo enquanto a outra empunhou o secador. Ele estava muito próximo. Sem paletó, os botões de cima da impecável camisa branca abertos, sem gravata. Cheirava a colônia e a sabonete, e a proximidade daquele rosto magro, da pele lisa e morena era uma tentação para seus lábios. Ele tinha o cabelo mais negro que já vira e os cílios mais espessos...

Percebendo estar sendo observado, virou a cabeça ligeiramente. Os olhos negros buscaram os olhos de Noreen a tão reduzida distância que arrepios de pura eletricidade percorreram seu corpo. Os lábios se entreabriram tamanha a rapidez da respiração.

O secador ligado foi esquecido até ele perceber que ainda o segurava. Desligou-o e colocou-o de lado, a própria respiração irregular. Lentamente, as mãos finas seguraram-lhe os fartos cabelos. Levou-os aos lábios com os olhos fechados, num silêncio que parecia falar.

— Eu costumava sonhar com seus cabelos — murmurou em meio ao silêncio. — Ficava feliz por usá-lo preso, pois a tentação de tocá-los era muito violenta. — Os lábios voltaram a tocá-los, quase com reverência. — Imaginava como seria segurá-los em minha mão, contra meus lábios. — A respiração ofegante obrigou-o a erguer a cabeça. Soltou-lhe os cabelos com óbvia relutância e procurou os olhos. — Você não sabia que eu me consumia de desejo por você, não é? — perguntou suavemente.

— Não — balbuciou surpresa. — Não fazia idéia! Ele respirou fundo antes de pegar o secador e fitá-lo.

— Nunca pude confessar, é claro. Por isso agia de modo tão sarcástico e indelicado depois de casar. Constranger você era uma maneira de mantê-la afastada. De um jeito ou de outro, Noreen, acho que passei os últimos seis anos atormentando sua vida.

Ela o fitou com evidente curiosidade, quase fascinação.

— Está permitindo que eu continue aqui como uma espécie de punição?

Os ombros dele moveram-se.

— Talvez tenha começado desse jeito, mas deixou de ser tão simples. — Os olhos de Ramon percorreram o corpo esbelto dela, voltando para o rosto cansado. — Vivi nas trevas por muito tempo, esqueci como era erguer meu rosto para a luz. Passei a gostar de voltar para casa.

— Para outra. — Ela riu nervosa.

— Você não é uma. É um tesouro. Mantenho você trancada a sete chaves e odeio dividi-la com outras pessoas. — Ela olhou para cima. Ele não estava brincando dessa vez. Os olhos eram sombrios e possessivos. Deixou-a nervosa, pois ainda não confiava nele.

Ele viu a desconfiança e sorriu.

— Tudo bem. Agirei com mais decoro, se preferir. Mas quando estiver completamente curada, se cuide — ameaçou sorrindo. — Não vou desistir tão facilmente.

Ela franziu a testa de leve, curiosa, mas ele já havia se afastado.

— Que tal encontrar seus tios? Ela fez uma careta.

— Pode ser.

— Eles mudaram muito — Olhou o rosto emoldurado pelos cabelos louros compridos. — Como você está linda! Preciso me lembrar de que ainda está muito frágil.

— Por quê? — perguntou sem raciocinar.

— Porque gostaria de deitá-la e beijar seu corpo até você gemer.

Ela corou.

— Ramon!

Ele ergueu a mão.

— Ambos sabemos que não está em condições de tal tratamento agora. Portanto, não entre em pânico. Só estou dando-lhe uma noção do que está por vir.

— Uma ameaça?

— Não, uma doce promessa. Pode começar a pensar no tipo de anel que gostaria.

Ela franziu o cenho. Talvez estivesse febril. Sentiu a testa, fria.

— Não uso anel — ela balbuciou.

Ele segurou-lhe a mão esquerda e observou os dedos compridos e as unhas curtas.

— Gosta de ouro branco? Talvez com rubis, para combinar com esse fogo escondido dentro de você?

— Por que quer me dar um anel? — perguntou ainda confusa.

— Gosto de ter você na minha vida. Você não tem mais ninguém, exceto Brad. — O rosto ficou tenso só de pronunciar o nome. Impaciente, enfiou as mãos nos bolsos. — E acho que você não o ama.

— Gosto dele... E muito — protestou.

— Eu também, mas ele não é o homem certo para você. Ele não a deixa agitada e ruborizada quando entra no seu quarto.

— E por que deveria?

— Um namorado em potencial deveria causar esse efeito. Deveria proporcionar arrepios de excitação e pensamentos deliciosos, proibidos. Deveria deixá-la ruborizada de desejo. Deveria causar-lhe prazer só de olhar para ele. Você não demonstra nenhum desses sinais quando ele a visita. — Os olhos estreitaram-se. — Entretanto, demonstra cada um deles comigo.

Ela trincou os dentes e o fitou.

— Estou com frio — disse obstinadamente. — Acho que estou com febre.

— Ardendo por mim — E não brincava como demonstrava o rosto sério. — Sinto o mesmo por você, bem como respeito, admiração, carinho e desejo.

— Não vou dormir com você.

— Seria difícil em seu estado.

— Quis dizer nunca.

— Ah, nunca é muito tempo, e sou um bocado persistente.

— Vou embora hoje.

— Não vai. — Ele sorriu diante de tamanha fúria. — Você precisa descansar. Quando a enfermeira voltar, vamos almoçar e depois seus tios podem visitá-la. À noite, lerei Baroja.

Ela quis fugir, mas não tinha para onde. Ele compreendeu o medo dela, talvez melhor que ela própria.

— Nunca mais vou magoá-la, nem física nem emocionalmente, e jamais mentirei para você.

— O que quer de mim? — perguntou num sussurro rouco, pois era difícil falar estando ele tão perto que ela podia sentir o cheiro da colônia, do sabonete.

— Você não sabe Noreen? — Inclinou-se e beijou-a, mas sem desejo ou luxúria. Foi o beijo mais carinhoso que ela podia imaginar e, quando ele se afastou, ela achou que tinha sonhado.

Os TIOS, nervosos e envergonhados, chegaram assim que a enfermeira levou a tigela de sopa vazia.

— Queríamos ter vindo antes — disse o tio —, mas Ramon pediu que esperássemos até você estar mais forte. — Ele inclinou-se à frente na cadeira. — Você tem tudo de que precisa?

— Tenho, sim. Ramon tem cuidado bem de mim.— acrescentou rapidamente para que eles não supusessem que ela tentava roubar o lugar da filha em sua vida.

Mary Kensington parecia mais velha e bem menos confiante.

— Isadora está morta — disse em voz baixa. — Fizemos dela uma santa por termos sofrido muito ao perdê-la, mas ela era apenas uma mulher, Noreen. Sabemos que o casamento não andava bem, então não pense estar maculando as memórias sagradas de ninguém por estar no apartamento de Ramon. — Ela sorriu com tristeza. — Só lamento não termos tomado conhecimento da gravidade de seu estado antes. Ainda nos envergonhamos do modo como a tratamos depois da morte de nossa filha, e isso nunca passará. Espero que possa nos perdoar.

— Gostaríamos de fazer algo por você — acrescentou o tio, parecendo pouco à vontade. — Tudo que pudermos. — Ele parecia bastante constrangido. — Não é fácil admitir termos sido uns idiotas.

Ambos pareciam tão infelizes que ela não conseguiu alimentar rancor por eles. Era muito amorosa.

— Talvez eu devesse ter tido mais empenho em fazê-los me ouvir — disse num tom mais afetuoso. — Não sou totalmente inocente. Ela morreu por minha causa.

— Ela morreu porque Deus decidiu ter chegado há sua hora — disse Mary, baixinho. — Mudamos muito nos últimos dois anos. Talvez não saiba, mas o motivo de tê-la convidado para lancha não foi o medo das fofocas. Tentávamos aparar as arestas.

O tio corou e não conseguia encará-la, lembrando-se do tolo comentário a respeito do presente recebido.

— Não nos empenhamos o suficiente — admitiu com um sorriso tímido. — Mas agora estamos decididos a reverter à situação. Gostaríamos que viesse nos visitar sempre que quisesse. Nossa vida tem sido muito solitária.

— A minha também — admitiu Noreen. Eles pareciam tão cansados... Ela não podia culpá-los por amarem demais a filha.

— Gostaria de visitá-los quando ficar boa.

— Poderíamos ir ao Caribe — sugeriu Mary, satisfeita. — Seria bom você descansar ao sol. Seu trabalho deve ser cansativo.

— É sim, mas eu adoro minha profissão.

— Mas você não poderá voltar a trabalhar nos próximos dois meses, não é? Não há nada de errado com umas férias.

Ela ficou hesitante, não por falta de gratidão, mas por ter se dado conta de que, cedo ou tarde, teria que deixar Ramon.

— Pense nisso — encorajou-a Mary. — Não precisa decidir agora.

— Pensarei. Obrigada.

Ainda estavam meio constrangidos ao partir, mas a atmosfera desanuviara. Com o tempo, podiam se aproximar.

Ramon voltou para verificar como a visita afetara. Segurava o estetoscópio, acompanhado da enfermeira.

— Só quero examiná-la — tranquilizou-a, fazendo sinal para que a enfermeira a descobrisse.

Surpreendeu-se por ele ter exigido a presença da enfermeira ao examiná-la, talvez arrependido das declarações e querendo evitar que Noreen fantasiasse sobre suas intenções. A testemunha juraria que ele jamais tocara Noreen a não ser profissionalmente.

Ele ergueu a cabeça.

— A válvula parece perfeita. Precisaremos monitorá-la constantemente nas primeiras semanas.

— Meus tios querem me levar de férias para o Caribe — aventurou-se.

— Por enquanto, não. Quero você perto do hospital. Não por esperar que algo dê errado — apressou-se em dizer ao ver-lhe a expressão —, mas apenas porque não é seguro sair do país poucos dias após uma cirurgia séria.

— Entendo.

— Não faça besteiras. Examine você mais tarde. Nada de viagens por enquanto. Só depois de receber alta, ou seja, três meses após a data da cirurgia. — Girou nos calcanhares e saiu. Noreen não entendeu por que ele estava tão zangado. Com certeza não se importava que os tios tentassem criar vínculos com ela.

ELE só voltou perto da hora da dormir, com aparência cansada.

— Tive uma cirurgia de emergência — explicou, atirando-se na poltrona. — O paciente não foi operado a tempo e não resistiu. Precisei comunicar o falecimento à esposa grávida. — Ele socou o braço da poltrona. — Droga, por que as pessoas não raciocinam? Há anos sabia sofrer de problemas cardíacos, mas se recusava a ir ao médico, mesmo quando começou a sentir falta de ar e dor no peito. Desmaiou no escritório e quando o trouxeram, a maior parte do coração já parará de funcionar. Não se pode substituir tecido morto, e ele não regenera. Não pude fazer nada.

Estava furioso, desolado por não ter conseguido salvar o homem. Noreen simplesmente estendeu os braços. A princípio, ele não acreditou. Depois, ofegante, aproximou-se, tomando cuidado para não fazer peso e afundou o rosto nos cabelos compridos e macios, agarrando os travesseiros. Ela sentiu a umidade em seu rosto e sorriu triste. Uma das coisas de que gostava era ele não esconder as emoções. Não deixava de ser homem por sentir compaixão.

— Está tudo bem — sussurrou, acariciando-lhe os cabelos. — Eu sei que fez tudo que podia, mas Deus decide quem vive e quem morre. Nem mesmo o melhor cirurgião pode contrariar as vontades Dele. Não é culpa sua, Ramon.

Adorava aquela voz reconfortante. Solto um suspiro e pareceu relaxar em seus braços.

— Você é católica, não é? — perguntou ele. A mão imobilizou-se.

— Sim, mas depois passei a frequentar a igreja presbiteriana com meus tios. Ainda frequento quando não estou trabalhando.

Ele a fitou. Não parecia se importar em mostrar os olhos ainda úmidos. Afastou-lhe os cabelos desalinhados do rosto.

— Não vou à missa nem me confesso como deveria. Mas sou um homem de profunda fé. Em horas assim, é o que me conforta.

Ela passou os dedos no queixo firme. Era tão bom olhá-lo!

— Sei que dói perder um paciente. Precisa pensar em quantas vidas salvou e não nas que perdeu. Eu também fico triste quando perco um paciente, mesmo sendo apenas uma enfermeira. Apesar de insistirem em mantermos uma distância emocional, é impossível não nos apegarmos a alguns deles.

Ele respirou fundo e brincou com seus cabelos.

— É verdade. — E sorriu.

Ela adorava tocá-lo. Os olhos traíam o carinho. Ele percebeu. Ofegou.

— Você adora crianças, não é? Lembro de ter visto você na ala pediátrica de pacientes com câncer no último Natal, brincando com os bebês e chorando no corredor.

Ela lembrou-se de que Ramon a vira e, apesar da inimizade, discutira com ela sobre novos tratamentos e drogas experimentais até as lágrimas cessarem. Não lhe ocorrera, na ocasião, ser estranho o seu pior inimigo oferecer-lhe apoio.

— Eles eram tão pequenos para conhecer aquele tipo de dor e desesperança...

— Um dia as pesquisas encontrarão a cura para o câncer — Ramon prometeu.

— Espero que sim. — Ela buscou-lhe os olhos. — Sente-se melhor?

Ele sorriu e meneou a cabeça.

— Bem melhor.

— Você comeu?

Ele fez que não.

— Não tive fome. Mas acho que podia comer um pouco. E você?

— Tomei uma sopa de batatas e brócolis deliciosa.

— Acho que vou provar. Quer alguma coisa?

— Não, obrigada. Você viu Mosquito? — perguntou, sentindo falta da gatinha.

— Está na cozinha, fazendo um lanchinho. — Tomou-lhe a mão e levou-a aos lábios. — Já percebeu como cuidamos um do outro?

Ela corou.

— Eu teria feito o mesmo por...

— Por qualquer pessoa? É, eu sei. Mas é diferente. — Ramon curvou-se e tocou a boca de Noreen com os lábios. — Quer ouvir Baroja, depois que eu comer?

Ela sorriu.

— Quero.

— Volto num minuto. — Ele levantou-se e a fitou. Nunca tivera tamanho companheirismo na vida. Perdera um paciente no início do casamento e sua tristeza

irritara Isadora. Estava se preparando para um jantar e recriminou-o por se envolver tanto com os pacientes. Nunca compreendera a dor de ser incapaz de conter o Anjo da Morte.

- Como se sente agora? Ele sorriu.
- Bem. Volto já.

E VOLTOU. LEU o primeiro Capítulo de Paradox Rey, parando para que ela traduzisse. Ela compreendia quase tudo e ele a ajudava, ensinando-lhe alguns verbos.

— Gosto especialmente daquela parte em que uma feminista jura que Shakespeare era uma mulher. — Solto uma gargalhada. Ele riu junto.

— É um trabalho maravilhoso, não acha? Ele era brilhante, apesar de suas idiossincrasias.

— É maravilhoso ouvir você lendo em espanhol. Podia ouvi-lo a noite inteira, mas você precisa descansar.

Ele fechou o livro.

- Você também. Ainda dói? Ela fez uma careta.
- Os pontos incomodam. Começaram a coçar.
- Usei grampos, não pontos.
- Coça do mesmo jeito. Ele riu.
- Isso significa que estão cicatrizando. Quer algum remédio para dormir?
- Um analgésico seria perfeito — admitiu. — Não vou ficar viciada?
- Por acaso sou negligente? — ele recriminou-a. Colocou dois comprimidos em sua mão e estendeu-lhe o copo de suco.
- Desculpe. Sei que é um ótimo profissional. Descansou o copo.
- Durma bem.
- Quando posso sair?
- Talvez na próxima semana, num dia ensolarado. Falaremos disso depois.
- Quero ver o mundo lá fora.
- Farei o possível para tirar você daqui, mas não posso deixá-la pegar uma gripe. Você tem que se agasalhar. Tem um casaco no seu apartamento?

Ela fez uma careta.

— Um blazer.

Ele nada disse. Logo a seguir, saiu.

UMA SEMANA depois, num dia ensolarado, ele ajudou-a a vestir um casaco de veludo cor de safira com um gorro combinando. Ela quis protestar, mas ele jurou tê-lo comprado muito barato numa liquidação. Poderia reembolsá-lo, se estava tão determinada a ser independente. Felizmente, ela não podia ir à boutique checar o preço.

Ela cedeu e apoiou-se em seu braço. O porteiro observou o andar lento com um sorriso aberto. Todos sabiam que Ramon cuidava da prima da ex-mulher. Era bom vê-la animada depois de tão grave cirurgia. Gostavam dele e da enfermeira, que comentava sobre a jovem e simpática.

Ramon ajudou-a a passar pela porta giratória. Noreen quase foi derrubada por um executivo que entrava e a fitou irritado.

— Ela acaba de sair de uma cirurgia de peito aberto — disse Ramon em tom ameaçador. — Devia ter mais consideração com os outros.

O homem olhou Noreen e corou ao ver o esforço que fazia para caminhar.

— Sinto muito — murmurou e entrou apressado.

— O típico executivo — resmungou Ramon. — Só pensa em dinheiro. Tomara que a pressão arterial dele suba e ele entupa o organismo com frituras.

— Caramba, você está de péssimo humor — recriminou-o, ofegante.

Ele a segurou, os olhos ainda faiscantes de raiva.

— Ele podia tê-la machucado — disse, zangado.

Ela apreciou a atitude protetora, pois estava fraca, frágil e vulnerável. Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Pare com isso — disse Ramon baixinho, enxugando-as com a mão enluvada. — Podia, mas não a derrubou.

— Não é por isso. Foi por ter me emocionado com o modo como se preocupa comigo. Ele cerrou as mandíbulas.

— Eu deveria tê-lo esmurrado. Ela respirou fundo.

— Estou bem, desde que tenha você para me apoiar. — Pendurou-se em seu braço, sorrindo radiante. — Ai, Ramon, é tão bom sair!

O rosto era tão lindo que ele sentiu o coração disparar. Na verdade, perdeu o ar.

— Algum problema? — perguntou ela. Ele fez que não.

— Nada — garantiu. — Estava pensando em como você é linda.

Ela corou.

— O casaco e o chapéu são muito bonitos.

— A mulher a usá-los é linda — retrucou. — E não apenas por fora. Pensava também numa menininha com esses grandes olhos acinzentados e esse sorriso meigo.

Ela sentiu o chão faltar, mas o braço a segurou.

— É cedo demais para isso — ele disse, preocupado. — Não deveria ter deixado você andar tanto.

— Estou bem. Não foi a caminhada. Achei ter ouvido você dizer... — Ela riu convencida. — Deixa pra lá. Devo estar um pouco desorientada.

— Eu disse que gostaria de ter uma filha com você — ele confirmou. — Sei que é cedo demais para falar nisso. Mas conversamos sobre anéis e achei que bebês seriam a sequência natural.

*Desejo 107.2 * A Paciente * Diana Palmer*

— Anéis. Você falava de... Alianças? — exclamou. Ele a olhou zangado.

— O que imaginou?

— Um presente de Natal. Talvez um anel de aniversário.

— Imagino que não confie plenamente em mim, portanto não tem interesse em conversar sobre casamento — comentou com uma impaciência que não conseguiu esconder.

Ela abanou a cabeça. Devia ter perdido o juízo. Os olhos grandes olhavam sem piscar o rosto bonito.

O olhar dele desceu do rosto para o corpo esbelto no casaco comprido.

— A vida de um cirurgião é agitada — disse Ramon, segurando Noreen diante de si com carinho enquanto os pedestres passavam por eles. — Mas tenho algum tempo só para mim, como pode ver, e ganho mais do que o suficiente para sustentar você e a família.

As bochechas dela coraram.

— Você diz isso movido por um sentimento de culpa, de piedade...

Ele sorriu.

— Duas emoções que não têm o poder de me induzir a um pedido de casamento, Noreen. Nós combinamos tanto, não percebeu? Você não está feliz comigo?

Ela preocupou-se. As mãos pressionaram o casaco de caxemira. Não havia como negar.

— É muito cedo. Quero estar totalmente curada antes de... — Ela ergueu o rosto.

— Posso ter um filho?

O rosto dele ficou vermelho.

— Não agora — ela explicou. — Quero dizer, posso ter filhos com uma válvula artificial?

— Claro. — Ramon riu agitado. — Meu Deus, que susto me deu! — Recuperou o fôlego. — Perdoe-me. Imediatamente pensei em como você engravidaria em seu estado, é que seria totalmente impossível no momento. — Ela corou e desviou o olhar, compreendendo muito bem o que ele queria dizer. — Mas podia ter respondido — sugeriu ele.

Ela aproximou-se.

— Adoro crianças.

— Eu sei. Eu também.

— E suponho que seria melhor se fossem frutos de um casamento, que não nascessem fora dele. Mas meus tios...

— Ficariam contentíssimos — ele garantiu. — Eles também adoram crianças. Alimentavam o sonho de um dia terem netos. — Ramon inspirou. — O que jamais teriam, se dependesse de Isadora. Ela detestava crianças.

Ela ergueu os olhos para o rosto sério. Difícil imaginar Ramon como um pai enérgico. Ele ocupava melhor a posição de guardião, gostava de cuidar das pessoas. Isso era ótimo, mas não era amor. Não poderia casar-se sem amor, principalmente não em sua religião, que não aceitava o divórcio como opção para resolver as diferenças entre os casais, por maiores que fossem.

Ele tocou-lhe o rosto com afeto, percebendo a indecisão dela.

— Dê tempo ao tempo. Só peço que pense a respeito.

— Pensarei — ela prometeu.

— E agora — murmurou olhando ao redor —, acho que seria uma boa idéia andarmos um pouco e pararmos de bloquear a passagem.

Ela soltou uma gargalhada, agarrando-se a seu braço.

— Está bem.

Ele conduziu-a devagar até a esquina e deixou-a descansar antes de voltarem. Ela estava sem ar e vermelha, mas era natural. Examinou-lhe o pulso. Forte, ritmo regular, como era de se esperar nessa etapa da recuperação. Ele sorriu.

— Aos poucos conseguirá fazer exercícios com mais facilidade — prometeu.

ERA VERDADE. Ele a levava para caminhar todos os dias, exceto quando tinha emergências. Os dias transformaram-se em semanas; as semanas, em meses. Ela recobrou a força e o ânimo; o peito parou de doer. Ele ainda lia para ela à noite, a voz baixa e suave no silêncio do apartamento. Compartilhava com ela suas preocupações; Tratava-a com carinho, mas mantinha a distância física, e Noreen começou a questionar se ele mudara de idéia quanto ao pedido de casamento impulsivo. Ele já tivera uma péssima experiência e, na certa, não estava disposto a arriscar-se novamente. Noreen sentiu-se impelida a depender dele como paciente. Não podia afastar a idéia, apesar de seus protestos, de que ele tentava corrigir os erros do passado. Se fosse esse o caso, então ele podia ter começado a alimentar dúvidas sobre um futuro a dois.

De toda maneira, ele a observava como um abutre, certificando-se de que ela comparecesse às consultas com o cardiologista, fizesse exame de coagulação toda semana, tomasse os remédios... Seu sócio, que a examinara, e o cardiologista concordaram que ela já podia não apenas dirigir, mas voltar ao trabalho. Ramon subiu pelas paredes assim que ela fez menção a isso, após os check-ups preliminares.

A Srta. Plimm havia sido dispensada, pois Noreen não mais precisava de uma enfermeira. Ainda bem, pois a voz zangada ecoou por todo o apartamento. Qualquer possível reserva desapareceu. Enfureceu-se, exibindo o temperamento latino, xingando em dois idiomas e perguntando onde estava com a cabeça. Ela tentou argumentar.

— Sou grata a você por tudo que fez, mas não é responsável pelo meu sustento. Quero ganhar meu próprio dinheiro. Tenho um aluguel que você vem pagando desde a cirurgia.

— Você não precisa morar sozinha. É cedo ainda.

— Estou aqui há três meses. Todos os médicos disseram que estou capacitada a voltar ao trabalho. O resultado do teste prova que meu coração funciona como um relógio, caminho todos os dias, como feito um animal... Por que você se comporta assim?

Ele atirou as mãos para o alto, murmurando algo em espanhol sobre falar com as paredes.

— Não sou uma parede — retorquiu com as mãos nos quadris. Apesar da raiva, os olhos dele brilharam diante de sua disposição. Quando doente, era uma sombra de si mesma e tivera medo de deixá-la sozinha com a enfermeira. Mas agora estava bem disposta, o coração funcionava quase como novo, talvez até melhor, e ela podia trabalhar, pelo menos em meio expediente. Gostaria de encontrar uma desculpa para mantê-la em sua casa. Não sabia como suportaria voltar a viver sozinho.

— Não pode levar Mosquito — disse, afinal, procurando um argumento que a impedisse de partir. Ele a fitou com as mãos enfiadas nos bolsos. — Ela sofrerá.

— Que absurdo! — Noreen disse, sem muita convicção. Ela também sentiria saudades não só da gatinha, mas principalmente de Ramon. Entretanto, precisava ter certeza de que ele não sentia apenas piedade. E jamais saberia se vivessem tão próximos. Queria que ambos olhassem o relacionamento à distância, objetivamente. Esse período em que viveram na mesma casa poderia ter confundido Ramon quanto a seus reais sentimentos.

— Você não será feliz sozinha — disse ele, zangado.

Ela não negou. De que adiantaria? Simplesmente o fitou, os olhos espelhando sofrimento.

— Você soube muitas coisas do passado — ela começou hesitante. — Era inevitável sentir culpa. E, como você mesmo disse, nunca teve ninguém de quem cuidar.

Ele ergueu o queixo.

— Em outras palavras, você acha que a proximidade pode ter confundido meus reais sentimentos.

Ela assentiu. Ramon respirou fundo.

— Entendo.

— Não tenho como expressar meu agradecimento por ter cuidado tão bem de mim, mas ambos sabemos que você teria sido gentil mesmo com um estranho. É o seu jeito de ser.

— Você me elogia e se deprecia. Talvez eu seja responsável por você esperar tão pouco da vida. Eu a deixei amarga. — Como se encontrasse dificuldade em pronunciar essas palavras, o sotaque ficou mais evidente. Ele parecia tão frustrado que ela se sentiu culpada.

— Deixei de ser amarga. Tia Mary e tio Hal têm sido bons para mim. Gostaria de visitá-los.

- Não os deixe levá-la para fora do país. Ainda é cedo.
- Seu sócio disse que eu podia! — Noreen disse, exasperada.
- Por que ouve o que ele diz? Ele por acaso conhece o seu estado? Eu operei você. — Os olhos brilhavam como raios. Ela ficou fascinada.
- Você terá um ataque quando seus filhos saírem de casa.
- Como posso ter filhos? Você me abandonou. O coração dela palpitou, mas manteve-se firme.
- Dê tempo ao tempo. Você vai ficar bem.
- Bem? — bufou e enfiou a mãos entre os cabelos. — Com quem vou conversar? Quem vai me consolar quando eu perder um paciente?
- Difícil manter a decisão, mas era preciso. Ela tocou-lhe o braço.
- Basta telefonar quando tiver vontade. Você agora é meu amigo. — Não o olhou.
- Amigos costumam conversar.
- Ele ficou calado por um instante. Tocou-lhe o rosto de leve e parecia não respirar ao se inclinar e roçar a boca na sua.
- Quer ser minha amiga? Então me dê um tiro — sussurrou em seus lábios — Estaria me fazendo um enorme favor.
- Não seja louco. Eu jamais poderia machucá-lo.
- E como explica sair da minha vida?
- Auto preservação.
- Os braços envolveram-na, puxando-a o mais perto que ousava, preocupado com a cirurgia e a dor que ela ainda sentia, apesar da recuperação do esterno estar transcorrendo bem. Recostou o rosto no de Noreen e inclinou-se sobre ela no silêncio do apartamento. Ela se entregou ansiosa pelo contato, embora segura de ter tomado a decisão acertada ao deixar o apartamento.
- Inevitavelmente, a boca de Ramon possuiu a dela num beijo leve, suave, que foi crescendo de intensidade a cada segundo. Ela ouviu o gemido profundo, rouco, antes que ele enfiasse a língua toda em sua boca e a pegasse no colo. Ela não conseguia resistir. Os braços rodearam-lhe o pescoço e ela correspondeu ao beijo com a mesma intensidade. Quando sentiu o tremor apossar-se dele, afastou-se ligeiramente e sentiu-lhe a boca aderir à sua. Ele arfava; os olhos a poucos centímetros dos seus, escuros e famintos.
- Se eu fosse menos escrupuloso, carregaria você para a cama e faria amor com você até que me implorasse para nunca abandoná-la. Mas você ainda é virgem, certo?
- Sou — ela respondeu com voz embargada.
- O tremor aumentou. Ele encostou a testa contra a sua, apertando-a contra o peito.
- Também por minha causa, não é? Ela mordeu o lábio.
- Seu convencido.

— Estou louco de paixão. Louco por ser amado, desejado, consolado... Você me mostrou o paraíso e agora me condena ao inferno por causa de um emprego.

— Não, não é por isso — apressou-se em dizer, tocando-lhe a boca, o rosto, o nariz empinado. — Não por um emprego. Eu amo você.

— Querida! — Ramon gemeu e beijou-a com crescente paixão, afogando-se nas palavras doces que nunca esperara ouvir depois de toda a dor que lhe infligira.

Ela colou a boca em seu pescoço, agarrando-se a ele, indiferente ao desconforto no local da incisão.

— Você precisa me deixar ir embora — sussurrou infeliz.

— Por quê?

Ela adorava a voz profunda, macia, tão perto de sua orelha.

— Para que você descubra o que sente.

Ligeira pausa, hesitação. Ele ergueu a cabeça e olhou os olhos meigos e tristes por um bom tempo.

— Como eu me sinto? Ela fez que sim.

Ele respirou devagar.

— Como pode não saber? Isadora sabia. Ela debochava de mim por causa disso. Eu lhe contei.

— Você me contou que ela o acusou de ter obsessão por mim. Fisicamente.

Ele riu baixinho.

— Fisicamente? — Os olhos percorreram-lhe o rosto, o corpo, e voltaram a subir.

— Existe uma música, Noreen, que foi indicada ao Oscar. Não sei cantar, enamorada, mas a letra diz que quando um homem ama uma mulher de verdade ele vê os filhos que ainda não teve nos olhos dela.

— Sei — ela sussurrou emocionada não apenas pelas palavras comoventes, mas pelo modo como ele as dissera.

— Para minha infelicidade, vi meus filhos em seus olhos no dia em que a encontrei na cozinha da casa de sua tia. — Ramon sussurrou, vendo o rosto dela corar. — E eu era casado. Vivi um inferno sabendo que isso era pecado e incapaz de me arrepender. — Fechou os olhos. — Paguei por isso e a fiz pagar também. Ainda estamos pagando.

Ela achou que não poderia jamais voltar a respirar. Fitou-o com olhos arregalados. Os olhos dele se abriram, fitando-a sem segredos.

— Você quer se casar comigo porque me ama? — perguntou com voz rouca.

— Sim. — Os olhos a fitavam em adoração. — Amarei você para sempre. Com todo o meu coração, minha alma, minha vida.

Ela sentiu a primeira lágrima antes que escorresse pelo rosto pálido. À primeira seguiu-se outra e mais outra, silenciosas, comovidas.

— Não chore — ele sussurrou, beijando-lhe as lágrimas. — Se quer mesmo partir, não impedirei, mas precisamos ao menos nos ver.

Os braços dela envolveram-lhe o pescoço com tanta força que ele receou que se machucasse. Agarrou-se a ele aos prantos, completamente à mercê das emoções.

— Enamorada — sussurrou, penalizado e os lábios deram-lhe beijos suaves, carinhosos no rosto molhado. — Não chore. Não suporto vê-la chorar.

— Achei que me odiasse — soluçou.

— Sim, precisei fazê-la acreditar nisso. Seria uma desonra admitir tais sentimentos. Eu era casado. Em minha religião, o casamento é eterno.

— Eu sei. — Noreen esfregou o rosto molhado contra o dele. — Por isso eu pretendia partir. Não queria que ficasse preso a mim depois que recuperasse o juízo. Achei que sentia pena de mim.

Ele a abraçou.

— Eu amo você. Nunca falei tão sério. Quero passar o resto da vida ao seu lado. Quero ter filhos com você.

— Eu também quero ter filhos com você — confessou. — Estava tentando ser nobre.

— Melhor deixar a nobreza para os santos — Ramon deixou claro. Ele ergueu a cabeça e fitou os olhos marejados. — Acho que devemos nos casar o mais rápido possível.

— Acha?

— Você tem o hábito de fugir. Talvez se casando comigo, contente-se em ficar em casa.

Os dedos brincaram com os cabelos na nuca.

— Eu poderia fazer trabalho beneficente — ela murmurou.

Ele a examinou detidamente.

— Até os bebês chegarem? Ela sorriu encabulada.

— Sim. E depois que eles forem para a escola. Gosto do meu trabalho.

— E você é ótima profissional.

— Nem sempre pensou assim.

— Não fale do passado. Ela beijou-o suavemente.

— Desculpe.

— Não, não é tão fácil se fazer perdoar — ele murmurou.

— Que tal assim? — ela disse, beijando-o com paixão.

Ele retribuiu o beijo com igual intensidade até ambos ficarem abalados. Ergueu a cabeça.

— Meu amor, esses beijos são perigosos. Vamos nos casar na igreja e você usará véu e vestido de noiva branco. Só depois teremos a noite de núpcias.

Ela enrubesceu.

— A maioria das pessoas acredita que já tivemos uma. Pelo menos foi o que Brad me contou.

Ele arqueou a sobancelha.

— Ele a visitou de novo? Ela deu um sorriso.

— Por poucos minutos. E antes que tire conclusões precipitadas, ele é apaixonado por alguém que trabalha no hospital. E não sou eu — acrescentou, antes que ele pudesse falar. — Somos amigos. Sempre fomos.

— A partir de agora, podem ser amigos a uma distância segura.

— Nossa, você está com ciúmes?

— Muito. — Ele a beijou. — E também muito cansado. — Deu uma gargalhada, colocando-a de volta no chão com uma careta. — Mesmo esse peso pluma torna-se pesado com o passar do tempo. Mas prometo entrar em casa com você no colo quando nos casarmos.

— Não esquecerei a promessa.

Ele tocou-lhe o rosto, inebriado pelo amor em seus olhos.

— Sonhei em segurá-la nos braços. A realidade é bem melhor do que imaginei. — Contornou-lhe os lábios. — E você levará um presente para o leito matrimonial. Espero ser merecedor.

Ela escondeu o rosto em seu peito, envergonhada, apesar dos vários anos como enfermeira. Ele acariciou-lhe as costas.

— Está com medo?

— Não — ela sussurrou, cerrando os olhos. — Eu adoro você.

— Eu também adoro você. Beijou-lhe os cabelos.

O CASAMENTO FOI anunciado e planejado, e todas as preocupações de Noreen desapareceram na euforia de amar e ser amada. Tudo deu certo. A maior surpresa foi à alegria com que os tios receberam a notícia. Tia Mary imediatamente assumiu os preparativos e até o final da semana já havia organizado tudo, desde os convites até o bolo e a recepção. Noreen ficou pasma com sua capacidade de organização.

Claro, agora não mais se discutia a volta ao trabalho. Sua vida inteira parecia centrada nas provas do vestido de noiva e envio de convites. Ela e a tia tornaram-se íntimas, pois Ramon insistira para que ela se mudasse para a casa dos tios até o casamento. Não queria nada a manchar a vida de casados, nenhuma fofoca. Isso surpreendeu a todos que o conheciam, mas não tanto quanto a Noreen.

Ele levou tal decisão ao extremo, recusando-se a tocá-la até pronunciarem os votos. Era bem mais rígido do que ela imaginara, mas seu carinho era uma constante fonte de prazer e alegria.

Ela desabrochou graças ao relacionamento, e ele também. As enfermeiras brincavam quando ele fazia as visitas, embora tenha percebido que Brad Donaldson hesitava em aproximar-se ao saber que ele e Noreen tinham noivado. Isso o divertia. Melhor assim, pois deixou de visitar Noreen. Ramon era um homem tolerante, mas não quando se tratava da mulher amada. De agora em diante, teria amigas e não amigos.

Ramon levou-a para jantar várias vezes antes do casamento, sempre correto em seu comportamento. Mas em seus olhos ardiam chamas às quais ela ficou alerta.

Na véspera do casamento, ele a abraçou quando ela abriu a porta do carro diante da casa da tia.

— Você fica cada dia mais nervosa — Ele entrelaçou-lhe os dedos. — Conte o motivo.

Ela recostou-se nele e ele a abraçou junto ao peito.

— Não entendo muito de homens — ela confessou. — Vai dar certo? Quero dizer, você me olha como se fosse me comer viva e não tenho certeza se poderei satisfazê-lo.

Ele riu baixinho.

— Claro que sim — garantiu. — Mas confesso que eu também ando com medo.

— De mim?

— A inocência me amedronta. — Seu corpo precisa estar preparado para que eu não a machuque.

Ela roçou o rosto no dele.

— Estará. Não é isso que me preocupa.

— Ah, já sei. Acha que tive muitas mulheres, não é?

— Quando se casou com Isadora, tinha 30 e poucos anos. Ele passou o dedo em seu rosto e segurou-lhe o queixo, obrigando-a a encará-lo.

— Fui fiel à minha esposa. Depois que ela morreu, não tive ninguém. — Ramon tocou o rosto de Noreen com mãos afetuosas. — E depois de você, não haverá mais ninguém.

Ela passou os braços por seu pescoço e recostou-se nele, encantada.

— Viveremos felizes para sempre — murmurou.

— Um mito — sussurrou ele. — Mas, se duas pessoas dedicam-se ao casamento, ele dura.

— O nosso durará para sempre.

— Acho que sim.

Ela o beijou suavemente. Ele, controlado, afastou-a.

— Você não gosta mais de me beijar? Ele riu nervoso.

— Gosto demais. Amanhã à noite, prepare-se para beijos e muito mais.

— Adorei essa parte: "muito mais" — sussurrou. Ele deu uma risada.

— Eu também. Agora, boa noite.

— Boa noite. — Ela olhou-o pela última vez e saltou do carro.

CAPÍTULO DEZ

O CASAMENTO foi um acontecimento, embora não tenha sido uma festança. Ramon e Noreen pronunciaram os votos diante de um padre. Compareceram colegas e amigos do hospital e os tios de Noreen. Depois, uma recepção íntima, mas encantadora, na casa dos Kensington.

Noreen foi ao quarto que costumava ser seu para se arrumar e mudar de roupa para a viagem a Charleston, na Carolina do Sul, para uma breve lua de mel. Olhou-se no espelho, não vendo nada de extraordinário nos contornos familiares, exceto os olhos, os grandes olhos acinzentados, cheios de alegria.

Pensou na pobre Isadora, que jamais conhecera a felicidade. Uma pena sua vida ter terminado de modo tão abrupto, tão trágico. Noreen pensou que sempre sentiria certa culpa. Se tivesse conseguido fazer o médico entender como a prima estava doente, se tivesse pedido que mandasse uma ambulância... Bem, não era para ser. De algum modo, teria que aprender a viver com essa recordação e superar o trauma, para que a vida com Ramon começasse em paz.

A porta abriu e a tia entrou, num elegante tailleur azul-claro com forro rosa. Sorriu para a sobrinha.

— Posso ajudar?

Noreen assentiu. Afastou-se do espelho.

— Pensava em Isadora — disse triste.

Os olhos de Mary turvaram-se por um instante apenas.

— Noreen, não podemos mudar o passado. Quanto mais envelheço, mais me convenço de que nada acontece por acaso. Todos falhamos. Seu tio e eu não deveríamos ter viajado e deixado a você o encargo de cuidar dela. Nem Ramon. Você é a menos culpada de todos, pois podia ter morrido tentando cuidar dela. Nenhum de nós tinha conhecimento da gravidade de sua doença. Espero que saiba que nenhum de nós a culpa. — O rosto era solene. — Gostaria de dizer como eu e seu tio nos arrependemos do modo como a tratamos no funeral de Isadora. Estou segura de que Ramon sente o mesmo.

— Vocês não sabiam. Mary sorriu triste.

— Não sabia um monte de coisas. Usei você por anos. Você deveria ter me mostrado como eu era egoísta, em vez de aceitar toda a responsabilidade que joguei em seus ombros.

Noreen retribuiu o sorriso.

— Nunca me importei em ajudar no que estava ao meu alcance. Vocês me deram um lar quando meus pais morreram e não tinham obrigação; poderiam ter me mandado para um orfanato.

— Nunca. Família é família.

— Nunca fui maltratada — continuou Noreen.

— Tampouco foi feliz. Espero que seja agora — Mary disse, com sinceridade. — Você e Ramon.

Num impulso, Noreen beijou meio desajeitada o rosto macio e maquilado da tia.

— Obrigada.

Mary a abraçou calorosamente.

— Você é a única filha que me restou — disse, sem jeito. — Espero que venha nos visitar de vez em quando. Principalmente quando as crianças chegarem — concluiu, os olhos animados com a idéia.

Noreen sorriu.

— Queremos várias.

— Isso é o que todos esperamos ansiosamente — retrucou Mary. — Agora, é melhor devolver você ao seu marido. Ele parece um tanto impaciente.

A VIAGEM ATÉ Charleston foi longa, mas lhes permitiu uma privacidade que não teriam num avião. Ramon parou várias vezes para Noreen saltar e esticar as pernas, para que a viagem não fosse muito cansativa. Pararam uma vez para comer torta e café, e ele segurou-lhe a mão enquanto ela comia, como se não suportasse a idéia de soltá-la.

O modo como a olhava era a mais pura evidência do amor que ele não mais negava. O afeto nos olhos negros deixava seu coração palpitando feito louco.

Ele sentiu-lhe a pulsação e sorriu.

— Agora — disse baixinho — você pertence a mim em todos os sentidos. É o dia mais feliz da minha vida.

— E da minha também. — Olhou-o com possessividade.

— Eu amo você.

— Eu amo você, querida. De todo coração.

Ela corou um pouco, ainda encabulada, apesar da linda aliança de ouro na mão esquerda, junto a um anel de noivado com um topázio azul cercado de diamantes que brilhavam com a luz.

Ramon também usava uma larga aliança de ouro. Fora sua decisão, mas ela ficou feliz ao pensar que ele queria que o mundo inteiro soubesse.

— Espero que Mosquito não acabe com a mobília de tia Mary — Noreen murmurou. — Talvez devêssemos tê-la trazido.

— Vamos chegar e encontrá-la pendurada numa rede no teto. — Gargalhou. — Ela ficará feliz com seus tios. Eles também gostam dela.

Ela segurou-lhe a mão e fitou-o fascinada

— Ainda não consigo acreditar. É como se todos os sonhos de minha vida se transformassem em realidade. — Franziu a testa. — Não estou sonhando?

Ele sorriu indulgente.

— Espere até chegarmos ao nosso destino e provarei que não.

Ela apertou-lhe a mão e os olhos buscaram os seus.

— Quero ficar o mais perto possível de você — disse encabulada, baixando o olhar ao ver as chamas ardendo em seus olhos.

A respiração dele ficou ofegante.

— Você me tira o fôlego. Mas, com toda honestidade, é isso o que também quero: senti-la bem perto... — Interrompeu-se e terminou a torta.

CHEGARAM AO luxuoso hotel em Charleston pouco depois. Nenhum dos dois falou muito no carro, numa atmosfera tensa e febril, quase tangível.

Ramon fez o registro com aparente calma e deu uma gorjeta ao carregador de bagagens. Porém, tão logo trancaram a porta, pegou Noreen no colo e foi direto para a cama king size. Nem tirou as cobertas, tamanha a vontade de senti-la, tocá-la, prová-la.

— É... Cedo demais? — ele sussurrou por seus lábios ávidos. — Está cansada?

As pernas compridas enroscaram-se nele o máximo que a saia permitiu é a boca ofereceu-lhe a resposta. O nervosismo desaparecera, substituído pela paixão devastadora há tanto negada.

Entre eles, tudo foi tão explosivo, ardente e frenético; ela nem conseguia pensar. Num minuto, estavam completamente vestidos; no seguinte, tão colados que ela podia senti-lo em cada milímetro do corpo. Ele saboreou a nudez quente e macia com a boca, mãos, olhos.

As mãos o tocaram, curiosas, deliciando-se com a sensação do corpo bronzeado ao lado do seu. Ele a fitou com olhos a cada segundo mais famintos.

Então, devagar, as carícias suaves deram lugar a outras, mais invasivas. Ele a derrubou na cama e a boca descobriu partes de seu corpo para as quais a imaginação não a preparara. Ela sobressaltou-se e ele riu, aumentando a pressão da boca contra os seios duros, sugando com vigor os mamilos intumescidos, saboreando-os com a língua.

Ela estava mais que preparada para ele quando se tornou impossível prolongar os preâmbulos. Ramon deitou-se sobre ela, apoiando o peso nos braços e fazendo de seu corpo esguio uma longa carícia, aprisionando seu olhar para ver o choque e o desejo quando ele começou a unir o corpo ao seu.

— Atendo a suas expectativas, querida? — ele sussurrou, movendo os quadris. — Está com medo de mim?

Surpresa e com um pouquinho de medo, sentiu-lhe o poder e a força contra sua suavidade. Apertou-lhe os ombros. Engoliu em seco, os lábios entreabrindo-se conforme ele movia-se suavemente com respiração arfante.

— Está doendo? — ele insistiu, o rosto demonstrando o esforço em se controlar para não machucá-la.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Está ardendo — murmurou, ruborizada.

— Vai passar — ele sussurrou em meio ao silêncio só quebrado pelo som das respirações arfantes. A mão moveu-se e ele a tocou suavemente, antecipando um recuo momentâneo.

— Sinto muito. — Ela riu nervosa.

— Não, eu é quem devo pedir desculpas por apressá-la. — Ramon sorriu e voltou a tocá-la de um modo diferente. O corpo de Noreen se contraiu, mas não de dor. — Eu sentia falta disso, dessa tensão que vai tomando forma aos poucos e deixa o corpo tão faminto que mesmo a dor não é um estorvo. Ah, isso, aí...

Ela enfiava-lhe as unhas, o prazer que ele proporcionava fazendo-a gemer, excitando-a. Ela queria que ele não cessasse de tocá-la, queria sentir as mãos buscando...

— Ramon! — ela gritou. As mãos pareciam ao mesmo tempo puxá-lo e empurrá-lo. As pernas compridas enroscaram-se sem inibição e ela se moveu, ergueu-se...

Os olhos arregalaram-se ao senti-lo. Estava chocada, emudecida, apesar de todos os livros que lera. Nada descrevera as sensações pulsando em cada terminação nervosa quando ele moveu-se num ritmo lento e seu corpo começou a ajustar-se ao dele. Uma breve hesitação, um instante de dor que ela mal reconheceu como tal e então, de súbito, ele fazia parte dela.

Ela o absorveu e depois ficou parada, trêmula, fitando-o nos olhos enquanto se moviam em uníssono, num ritmo lento, constante, que acabou por ficar frenético. Ela agarrou-se com força a ele quando uma onda de prazer a levou ao clímax. Ela soluçou, vendo-lhe o rosto também contorcer-se. Encontrou a fonte de prazer e a ofereceu a ele. Compartilharam daquele momento de prazer e se olharam, unidos, sem fôlego.

— Incrível — sussurrou ele, o rosto apaixonado. — Você consegue de novo?

Ela buscou-lhe os olhos, surpresa com o próprio desejo.

— Sim. Estou ótima.

— Nunca me senti assim — disse ele, tentando explicar a enormidade de seus sentimentos. — Nunca.

Ele moveu-se com delicadeza e a ouviu prender a respiração. Sorriu e voltou a mover-se, inclinando-se em busca de sua boca. O desejo permanecia, mas transmutado num ritmo íntimo incrível que ambos tentaram evitar transformar-se em frenético. Ele a olhou quando o êxtase aumentou, rindo ao sentir a glória invadi-lo em ondas a prolongarem o que já era uma alegria indescritível.

Ela riu junto com ele, gemeu e soluçou ao se entregar ao calor alucinante e arqueou-se lhe entregando o corpo e o coração num mesmo movimento, rápido e distraído.

Era como cavalgar um arco-íris, mergulhar no vinho, respirar contentamento. Agarrou-se a ele com ainda mais força, trêmula, pois o êxtase parecia não ter fim. Os músculos doíam tensos, mas era uma dor prazerosa. Finalmente, exausta de resistir à pressão, soltou-o. Tendo sido satisfeito, Ramon sorriu para ela, segurando-a para que ela recebesse todo o prazer advindo dele.

Ele acariciou-lhe os cabelos úmidos com mãos afetuosas.

— Você é insaciável — sussurrou, beijando-a.

— Não consigo parar — confessou. E riu maliciosa. — Você é muito sexy.

— Você também, mi esposa.

— Para a primeira vez, foi excelente.

— Retribuo o cumprimento. — Buscou-lhe os olhos. — Agora somos um. Marido e mulher. Um corpo. Uma alma.

Ela tocou-lhe a boca e sentiu os lábios franzirem sob seus dedos.

— Eu a amo tanto — Ramon sussurrou em voz rouca.

— Tem certeza?

— Querida! — Ele pareceu atônito. A boca moveu-se faminta por todo o seu rosto. — Como pode duvidar do que sinto por você? Ou acha que um amor tão especial é comum entre casais?

— E não é? — ela perguntou.

Ele a puxou para perto e beijou-a afetuosamente.

— Não é. Nós fizemos amor — sussurrou. A mão alisou-lhe o corpo, ainda colado ao seu, sentindo-o arrepiar-se de prazer. — Isso significa casar e tornar-se parte de outra pessoa. Não apenas o ato físico de união, embora seja especial e maravilhoso. É a união da mente e do coração. — Ele devorou-lhe os olhos. — Nunca experimentei isso com ninguém — enfatizou. — Só com você.

Ela gemeu de excitação.

— Eu amo você.

— Como eu a amo, minha querida — sussurrou, beijando-a e sentindo o corpo quente e ardente sob o seu. A mão gentilmente interrompeu o movimento sensual de seus quadris. — Agora precisa descansar. Não quero fatigá-la, apesar do infinito prazer que encontro em seu corpo.

Ela suspirou e sorriu.

— Estraga-prazeres.

— De jeito nenhum — Ele riu, afastando-a devagar. Acomodou-a ao seu lado e puxou as cobertas com um suspiro longo e cansado. — Durma um pouco. E quando estiver descansada, podemos recomeçar.

O coração dela pulou, ele sentiu-o sob a mão e riu.

— Como bate forte para um coração partido.

— Não está mais partido — ela o corrigiu. — Agora está forte, fiel e devotado a você.

— Como deve ser. Temos um futuro maravilhoso à nossa frente. Temos tanto em comum. E finalmente, se Deus quiser, uma casa cheia de crianças. — Ele suspirou feliz. — Meu coração transborda de felicidade.

— O meu também. — Ela enroscou-se em seu corpo e fechou os olhos. Inexplicavelmente, todas as lembranças ruins sumiram e só havia espaço para a promessa de um futuro feliz. Pousou a mão em seu peito, sentindo a batida forte do coração. — Nunca sonhei com tamanha felicidade.

— Nem eu. — Ramon beijou-lhe a testa. — Agora tente dormir. Temos todo o tempo do mundo para descobertas íntimas e prazer a dois. Você está cansada e preciso cuidar muito bem de você.

Ela sorriu sonolenta.

— E quando precisar cuidarei muito bem de você. — Os olhos dela se fecharam. — Que Natal maravilhoso teremos!

Ele também sorriu.

— Colocarei você amarrada com um laço de fita na árvore, meu coração, porque você é o melhor presente que jamais esperei ganhar.

Ela riu baixinho, aninhando-se.

— Eu amo você.

Do lado de fora da janela, uma chuva fina caía. Porém, o bater das cortinas era mais fraco que as fortes batidas do coração de Ramon e o sussurro do de Noreen. Não poderia haver prazer maior do que tê-lo em seus braços. Seu coração despedaçado havia sido restaurado.